

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**CIENTÍFICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES**



**PPG.ECFP**

Programa de Pós-Graduação em  
Educação Científica e Formação de Professores

Jabson Costa Santos

O trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da Educação de  
Pessoas Jovens, Adultas e Idosas

Jequié, 2025

**Jabson Costa Santos**

**O trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas**

Relatório Final de pesquisa – nível de mestrado – apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Linha de Pesquisa: Currículo e Processos de Ensino e Aprendizagem

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Jonson Ney Dias da Silva

Jequié, 2025

S725p Santos, Jabson Costa.

O trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas / Jabson Costa Santos.- Jequié, 2025.

136f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob orientação do Prof. Dr, Jonson Ney Dias da Silva)

1.Cordel na escola 2.Educação Matemática 3.Interações 4.Educação de Jovens e Adultos (EJA) I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
II.Título

CDD – 370.71

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**  
Campus Universitário de Jequié/BA  
Programa de Pós-Graduação Educação Científica e Formação de Professores


**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**O TRABALHO COM A LITERATURA DE CORDEL NA AULA  
DE MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS,  
ADULTAS E IDOSAS**

Autor: Jabson Costa Santos  
Orientador: Jonson Ney Dias da Silva


Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por **Jabson Costa Santos** e aprovado pela Comissão Julgadora.

Data: 24/02/2025

Documento assinado digitalmente  
 **JONSON NEY DIAS DA SILVA**  
Data: 25/02/2025 19:06:36-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


.....  
Jonson Ney Dias da Silva (Orientador)

Comissão Julgadora:

Documento assinado digitalmente  
 **TANIA CRISTINA ROCHA SILVA GUSMAO**  
Data: 25/02/2025 18:30:28-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão  
(Membro Interno/PPGECFP-UESB)

Documento assinado digitalmente  
 **KERGILEDA AMBROSIO DE OLIVEIRA MATEUS**  
Data: 24/02/2025 13:55:40-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Kergilêda Ambrósio de Oliveira Mateus  
(Membro Externo/PPGEN-UESB)

## **Dedicatória**

*Aos que pisam no chão da vida e buscam aquilo  
que muitos dizem ser impossível.*

## **“É caro demais perder / aquilo que não tem preço”<sup>1</sup>**

Em alguma oportunidade li e/ou ouvi que a seção de agradecimentos é a mais difícil de construir. De fato, pois, esta foi a última vez que me sentei para escrever um trecho em específico a ser inserido nesta dissertação e, percebi que, resumir em poucas palavras o quanto sou grato a aqueles que contribuíram nesta caminhada é necessário, mas nunca suficiente.

Baseado em meus princípios, os quais foram construídos com os ensinamentos de meus pais, o ato de ser grato é um dos mais nobres da humanidade. Diante disso, um simples “obrigado” inúmeras vezes não é suficiente para externar o quanto se é agradecido por algo. Ao olhar para o início dessa caminhada, percebo que não estou nem perto do eu de dois anos atrás. Andei muito, corri e voei ainda mais, mas não fiz isso sozinho. Tive a honra de ser ladeado por pessoas incríveis e sou grato a cada uma delas. Entretanto, minha gratidão vai além das contribuições desse curto espaço de tempo para desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, sou grato:

Aos meus docentes da Educação Básica, pois a partir dos incentivos, cobranças e, principalmente, exemplos dados por eles é que vi a educação como uma maneira de mudar o mundo e, em particular, a minha realidade. Quem me deu a fazer ou ser para os educandos que perpassam a minha sala de aula ao menos 10% de tudo que meus educadores fizeram e ainda são para mim.

Ao Colégio Estadual Professor Diomar Silva Brito, na pessoa do seu diretor, Prof<sup>o</sup> Misael Vieira Cascaes, e de todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente com a pesquisa. Nesta instituição, cursei o Ensino Médio e regressei para desenvolver o presente estudo a nível de mestrado acadêmico. No período em que estive como estudante dessa unidade

---

<sup>1</sup> Os títulos de todas as seções dessa pesquisa foram escolhidos com o intuito de retratar poeticamente não só o conteúdo a ser discutido em seu interior, mas também aproximar o leitor a uma literatura que dialogue com a realidade sertaneja, bem como com aspectos de uma das faces do pesquisador, o cordelista. Dessa forma, ao longo de todo o estudo, o leitor irá se deparar com títulos que se referem a trechos de músicas sertanejas/vaquejada, versos de poemas/cordéis, citações bíblicas, recortes de livros dentre outros. É importante destacar que cada título não foi escolhido simplesmente para se encaixar em uma determinada seção em virtude das suas palavras terem ligação direta com a temática, pois as músicas das quais extraiu-se um trecho são aquelas ouvidas costumeiramente pelo pesquisador, os poemas, bem como os cordéis dos quais recortou-se um ou mais versos, são aqueles já lidos pelo pesquisador ao longo de sua vida e assim sucessivamente para os demais títulos. Exemplo disso é este primeiro trecho de música, o qual intitula os agradecimentos. O recorte “É caro demais perder, aquilo que não tem preço” foi extraído da canção “Não vou mais te procurar” da dupla de compositores e cantores Wíngles Belem Marques (2001—atual) e Willas Belem Marques (1999—atual), popularmente conhecidos como Iguinho e Lulinha. O referido trecho acompanhou o pesquisador ao longo de praticamente todas as viagens que fez para fins de estudo durante o curso de mestrado (2023—2025) e desde a primeira vez que escutou os versos já pensou em utilizá-los para intitular os agradecimentos da pesquisa, pois a gratidão não tem preço e é muito caro perdê-la.

escolar, pude escrever diversos textos de cordel e ser agraciado pelo incentivo de todos. Ao regressar, ainda me senti em casa.

Ao querido amigo Junior Rangel Laurentino Diniz, pelas conversas, dicas e ajuda de maneira específica nesta pesquisa. Ter sua mão foi essencial para que eu conseguisse atingir meus objetivos. Sem dúvidas, você tem parte nesta conquista.

Aos meus pais, Obede e Neuza, que, mesmo trazendo as marcas de uma árdua vida de trabalho, se desfazem de todo o suor e me mostram sorrisos de quem quer ver o filho alçando voos. Cada conquista é fruto do meu esforço, mas baseado no suor gerado a partir do cabo de um facão ou do manuseio de uma panela. Meu maior orgulho é ter origens rurais e ser filho de um motorista de ambulância e de uma dona de casa que, por tanto tempo trabalhou como empregada doméstica, pois estes me ensinaram o que muitos não ensinam aos seus filhos, o valor de cada gota de suor. Afinal, não basta falar de humanidade, é preciso antes de tudo, ser humano.

À Natiele, João Batista e Messias pela escuta, pelo companheirismo, pelas brincadeiras, pelo apoio incondicional e por tantas outras coisas. O amor de irmã, cunhado e sobrinho é uma dádiva e por isso sou grato por cada ensinamento.

À Mikelle, por toda compreensão e paciência neste período em que foi preciso abrir mão de diversos momentos para conseguir alcançar o objetivo. Sem dúvidas, a paciência e a compreensão são pilares que edificam.

À extensão de minha família, minha querida tia Joana, Fabrícia, Luiz e Erondino, pessoas de coração gigante que me acolheram em suas casas no período em que estive estudando em Jequié. A generosidade de cada um fez com que esse caminho fosse mais leve, pois me fez permanecer firme e esse momento se concretizar.

A outra extensão familiar, agora em Vitória da conquista, tia Lândia, tio Jean, Dhonatas, Maycon e João Vitor, por terem sido tão presentes em minha vida longe de casa. Vocês foram uma âncora com as minhas origens, vê-los sempre foi sinal de união familiar.

Aos meus tios e tias de modo geral, por cada abraço, mimo, brincadeira, conselho e, sobretudo, por cada exemplo. Nunca os vi apenas como tios e tias; sempre os tive como verdadeiros amigos.

Aos meus avós, que mesmo carregando o fardo de uma dura lida diária, buscam incondicionalmente me apoiar em todas as escolhas, mesmo não as entendendo. Ter cada um de seus colos para descansar sempre foi meu alento e alegria. Gratidão “meus véios e minhas véias”!

Aos meus amigos-irmãos, Nádia e Jérfeffson, pelas leituras em meus textos e auxílios sempre que solicitados. A pós-graduação nos impôs uma distância apenas física, pois vocês sempre estiveram presentes comigo em momentos de tormenta e alegrias. Grato pela parceria de sempre e por me escutarem em todos os momentos.

A Jonson, por emprestar os seus ouvidos para o exercício da escuta, bem como seu tempo e intelecto para os diálogos e contribuições ao passo que esta pesquisa foi desenvolvida. Seu olhar atento e incentivo me oportunizaram iniciar e finalizar esse percurso. Sou grato por tudo que fez em minha vida. Cada contribuição foi singular para me tornar quem sou hoje.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Kergilêda, bem como à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tânia, as quais compõem a banca examinadora deste trabalho juntamente com o Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Jonson. Cada sugestão e comentário agregou e muito a esta pesquisa e foi bem apreciado, enriquecendo a escrita e estrutura desde a qualificação.

Ao Grupo de Articulação, Investigação e Pesquisa em Educação Matemática, em especial ao nosso pequeno, poderoso e potente núcleo de Jequié, composto por Leandro, Taíde, Evaneila e o meu colega de turma no mestrado, Matheus, por cada leitura, crítica e, sobretudo, desejo em me ajudar na pesquisa. O olhar atento de todos vocês fazem com que essa pesquisa não seja só minha; vocês têm parte de tudo isso.

Aos meus professores da pós-graduação, por contribuírem para minha formação e construção da pesquisa.

Aos meus colegas de mestrado, Ádria, Adriana, Alana, Christian, Emanuelle, Evelyn, Jhones, José, Lêda, Leiliane, Matheus, Miriam, Natã, Ramona, Sintia e Taís, por, em tantos momentos, terem me oportunizado rir, chorar, escutar e estudar junto. Grato por compartilharem comigo suas histórias, sonhos e conquistas.

Ao meu primo Rodrigo, por sua dedicação e solicitude aos meus pedidos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, por todo apoio e contribuição.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, pelo suporte financeiro no período de vigência da bolsa.

A todos que torceram por mim e, também, aos que tentaram atrapalhar minha caminhada.

A Santo Antônio, Nossa Senhora Aparecida, Santa Dulce dos Pobres e Nossa Senhora da Conceição, por terem me guiado em momentos de instabilidade.

A Deus, por ter tantas pessoas para agradecer e por ter até aqui me oportunizado cada expiração e inspiração - de oxigênio ou de poesia.

## Epígrafe

“São três mundos em narrativa,  
Cada um em seu lugar.  
Meu objetivo aqui  
É poder interligar,  
Fazendo os mundos ‘distintos’  
Entre eles conversar.

Mas Cordel e Matemática?  
Será que tem relação?  
Leitura não é ‘Português’?  
Isso não dá certo, não!  
Eu nunca ouvi nem dizer!  
Vai ser só decepção!

E num campo especial  
Como que o Cordel se sai?  
Na escola para jovem,  
Gente adulta, mãe e pai,  
E até pra gente idosa  
A chamada EPJAI.

Será que o cordel na EPJAI  
Terá boa aceitação?  
Será que a Matemática  
Não é um bicho papão?  
Será mesmo que, na aula,  
Haverá reflexão?  
[...]

Unir essas três esferas:  
Proponho a provocação.  
O Cordel que é uma arte,  
EPJAI, Educação,  
E de quebra a Matemática,  
No mundo do cidadão.

Então bora papear,  
Que a vida é preciosa,  
Sobre as possibilidades,  
Pois são elas curiosas.  
Convido o caro leitor  
Para essa mão de prosa”<sup>2</sup>

Jabson Costa Santos  
Jonson Ney Dias da Silva  
Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca

---

<sup>2</sup> (Santos; Silva; Fonseca, 2024, p. 2-3).

O trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da Educação de Pessoas Jovens,  
Adultas e Idosas

## RESUMO

A presente dissertação teve como objetivo investigar o potencial do trabalho com a literatura de cordel no ensino de Matemática da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI), considerando sua articulação interdisciplinar e as reflexões de educandos e educador, em uma escola pública da cidade de Mirante/BA. Tal objetivo foi construído buscando responder o questionamento que direciona a pesquisa: Qual o potencial do trabalho com a literatura de cordel no ensino de Matemática da EPJAI, considerando sua articulação interdisciplinar e as reflexões de educandos e educador em uma escola pública da cidade de Mirante/BA? Para atingir tal propósito, apoiamos-nos em dois objetivos específicos, sendo eles: Identificar possibilidades de articulação interdisciplinar a partir do trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI; Analisar as reflexões de educandos e educador acerca do ensino de Matemática a partir do trabalho com a literatura de cordel. Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada uma abordagem de natureza qualitativa e os dados foram produzidos por meio de observação, entrevistas semiestruturadas, diário de campo e gravações de vídeo e áudio. As aulas foram realizadas unindo as duas únicas turmas de EPJAI, as quais correspondem aos eixos VI e VII, ambas do Tempo Formativo III, do Colégio Estadual Professor Diomar Silva Brito. Após a análise de dados, a qual se baseou nos pressupostos da *Grounded Theory*, foram definidas duas categorias: “Pra que dividir?”: diálogos que apontam para a interdisciplinaridade no trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI; “Vou [...] [notando] as aparências/[...] [Destacando] as evidências”: Diálogos que apontam para a reflexão acerca do ensino de Matemática a partir do trabalho com a literatura de cordel. A investigação aponta na direção de que o trabalho com cordéis na aula de Matemática da EPJAI tem potencial interdisciplinar, haja vista as diversas possibilidades de articulação com discussões tidas no âmbito de outras disciplinas, bem como os próprios conteúdos curriculares que podem contribuir para a reunião de informações e tomada de decisões por parte das pessoas que frequentam a sala de aula da EPJAI. Além disso, a proposta subsidia reflexões acerca do ensino de Matemática, oportunizando aos educandos romper com diversos estereótipos criados e carregados por eles. Ademais, ao propor reflexões que se aproximam da realidade dos estudantes jovens, adultos e idosos potencializa-se debates que ultrapassam os saberes da temática e chegam em diálogos que abordam vivências agregadas ao longo da vida pessoal, social e profissional dos envolvidos, possibilitando reflexões acerca das estruturas e sistemas que os cercam no processo de ensino e aprendizagem e dando subsídios para o desenvolvimento da criticidade, o que irá culminar com inquietações acerca do meio em que vivem, que trabalham, que circulam dentre outros. Por fim, o estudo registrou que a dificuldade de encontrar materiais que se alinham com a proposta de trabalho desta pesquisa, bem como desafios de leitura e interpretação caracterizam-se como algumas dificuldades enfrentadas pelo educador em meio ao planejamento e trabalho em sala de aula.

**Palavras-chave:** Cordel na escola. Educação Matemática. Interações. Educação de Jovens e Adultos (EJA).

## ABSTRACT

This dissertation aimed to investigate the potential of working with cordel literature in teaching Mathematics in the Education of Young, Adult and Elderly People (EPJAI), considering its interdisciplinary articulation and the reflections of students and educators, in a public school in the city of Mirante/BA. This objective was constructed seeking to answer the question that directs the research: What is the potential of working with cordel literature in teaching Mathematics in EPJAI, considering its interdisciplinary articulation and the reflections of students and educators in a public school in the city of Mirante/BA? To achieve this purpose, we supported ourselves in two specific objectives, namely: Identify possibilities of interdisciplinary articulation from the work with cordel literature in the Mathematics class of EPJAI; Analyze the reflections of students and educators about the teaching of Mathematics from the work with cordel literature. A qualitative approach was used to develop the research, and data were produced through observation, semi-structured interviews, field diary, and video and audio recordings. The classes were held by joining the only two EPJAI classes, which correspond to axes VI and VII, both of Formative Time III, of the Colégio Estadual Professor Diomar Silva Brito. After data analysis, which was based on the assumptions of Grounded Theory, two categories were defined: “Why divide?”: dialogues that point to interdisciplinarity in the work with cordel literature in the EPJAI Mathematics class; “I will [...] [noting] the appearances/[...] [Highlighting] the evidence”: dialogues that point to reflection on the teaching of Mathematics based on the work with cordel literature. The research points to the fact that the work with string in the Mathematics class at EPJAI has interdisciplinary potential, given the various possibilities for articulation with discussions held within the scope of other disciplines, as well as the curricular contents themselves that can contribute to the gathering of information and decision-making by the people who attend the EPJAI classroom. In addition, the proposal supports reflections on the teaching of Mathematics, giving students the opportunity to break with various stereotypes created and carried by them. Furthermore, by proposing reflections that approach the reality of young, adult and elderly students, debates are enhanced that go beyond the knowledge of the subject and reach dialogues that address experiences aggregated throughout the personal, social and professional lives of those involved, enabling reflections on the structures and systems that surround them in the teaching and learning process and providing support for the development of critical thinking, which will culminate in concerns about the environment in which they live, work, circulate, among others. Finally, the study recorded that the difficulty in finding materials that align with the work proposal of this research, as well as reading and interpretation challenges, are characterized as some of the difficulties faced by educators in the midst of planning and work in the classroom.

**Keywords:** Cordel at school. Mathematical Education. Interactions. Youth and Adult Education (EJA).

## Lista de Ilustrações

<b>Figura 1</b> – Localização do município de Mirante no mapa da Bahia.....	59
<b>Figura 2</b> – Fachada do Colégio Estadual Professor Diomar Silva Brito .....	60
<b>Figura 3</b> – Cordel de Maria Bonita.....	68
<b>Figura 4</b> – Capa do folheto “Desconto de fim de ano”.....	69
<b>Figura 5</b> – Interior do folheto “Desconto de fim de ano”.....	69

## Lista de Tabelas

<b>Tabela 1</b> – Grau acadêmico das pesquisas encontradas .....	25
<b>Tabela 2</b> – Categorização das teses e dissertações da Capes .....	26
<b>Tabela 3</b> – Ação e duração das gravações em áudio e filmagem .....	77

## Lista de Quadros

<b>Quadro 1</b> – Conteúdos escolares na vida profissional dos educandos da EPJAI.....	50
<b>Quadro 2</b> – Horário de aula das turmas de EPJAI nas terças e quartas.....	70
<b>Quadro 3</b> – Horário de aula adaptado para a produção de dados.....	71
<b>Quadro 4</b> – Os participantes da pesquisa e suas profissões .....	73

## Lista de Abreviaturas e Siglas

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDC	Código de Defesa do Consumidor
CEPDSB	Colégio Estadual Professor Diomar Silva Brito
EJA	Educação de Jovens e Adultos
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
EPJAI	Educação de Pessoas Jovens, Adultas e idosas
ES	Estágio Supervisionado
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PCCC	Prática Como Componente Curricular
PEMJA	Programa de Educação Matemática de Jovens e Adultos
PPG ECFP	Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores
SEC	Secretaria Estadual de Educação
TAL	Tempo de Arte Literária
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TJ	Tempo Juvenil
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

## SUMÁRIO

“NO PRINCÍPIO [...]” .....	19
1.1 “Eu sou o poeta da roça, tenho mão calosa e grossa do cabo das ferramentas” .....	20
1.2 “Olha pro céu”: veja o que as pesquisas apontam .....	25
1.3 “[...] o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde”: nós sabemos .....	28
1.3.1 Objetivo geral .....	29
1.3.2 Objetivos específicos .....	29
1.4 “Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia”: explico .....	30
1.5 Organização da dissertação .....	30
“QUEM CONTA HISTÓRIA NÃO MENTE”: LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA DE MATEMÁTICA DA EPJAI .....	33
2.1 “Prepare o seu coração, pras coisas que eu vou contar” .....	34
2.1.1 A Literatura de Cordel enquanto uma manifestação cultural .....	40
2.2 Literatura de Cordel no contexto escolar .....	44
2.2.1 O trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI .....	49
“O VOO TRONCHO DE UM ANUM FEZ PROGRESSOS E TEVE EVOLUÇÃO” .....	55
3.1 “Nos caminhos dessa vida” .....	56
3.2 “Pegue a viola e sanfona que eu tocava, deixe o bule de café em cima do fogão” .....	58
3.3 “O vaqueiro assombrava-se com a ideia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar” .....	62
3.3.1 “Se”: Os passos antes das aulas .....	62
3.3.2 “Desconto de fim de ano”: um cordel para a realidade .....	64
3.3.3 A estrutura e o desenvolvimento das aulas .....	70
3.3.4 “Lamento sertanejo”: Os passos após as aulas .....	71
3.4 “Pense n’eu” .....	76
“FAZENDO VERSO RIMADO” .....	81
4.1 “Pra que dividir?”: diálogos que apontam para a interdisciplinaridade no trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI .....	82
4.2 “Vou [...] [notando] as aparências/[...] [Destacando] as evidências”: Diálogos que apontam para a reflexão acerca do ensino de Matemática a partir do trabalho com a literatura de cordel .....	94

“NÃO SE ILUDA QUE NADA MUDA SE VOCÊ NÃO MUDAR” .....	114
“NO NADA [NÃO] NADAMOS”: REFERÊNCIAS .....	120
APÊNDICES .....	129
Apêndice A – Cordel desconto de fim de ano .....	129
Apêndice B – Plano de aula do cordel “Desconto de fim de ano” .....	132
Apêndice C – Roteiro das entrevistas .....	135



Não existe vencedor  
Sem um ponto de partida,  
Não existe campeão  
Sem antes ter a corrida,  
Jamais existiria a morte  
Sem antes haver a vida.

Não existe aprovação  
Se não está estudando,  
Não existe educador  
Sem antes ser educando,  
Não existe um pensamento  
Se nele não está pensando.

A introdução aqui  
Conta um pouco da história,  
Dos encontros, desencontros,  
Da infância, da memória,  
Do sertão que fez e faz  
Contribuição notória.

Conta os sonhos, a UESB,  
Da partida no escuro,  
A pesquisa bibliográfica  
Para situar o estudo,  
Mostra o objetivo  
Não ficando sobre o muro.

Traz as justificativas  
A pesquisa estruturando,  
O modelo a ser seguido  
Para seguir caminhando.  
Proseando com o leitor  
Muita coisa vai contando.

Do mundo que é tão severo  
Que parece precipício,  
Do colégio e a influência  
Vinda do meu município,  
Sobre a nossa introdução  
Conto agora NO PRINCÍPIO...

— Jabson Costa Santos<sup>3</sup> —

<sup>3</sup> Em todas as seções é apresentado um cordel de abertura acompanhado de uma xilogravura que busca ilustrar, junto ao cordel, o conteúdo que vem a seguir e estruturar uma capa para separar as seções. Cada cordel foi escrito por mim, enquanto as xilogravuras foram escolhidas para homenagear seus autores, de forma que uma breve descrição da imagem e de seu autor é apresentada na página seguinte, junto a explicação da escolha de título da seção.

## “NO PRINCÍPIO [...]”

Para introduzir esta pesquisa, recorda-se de uma passagem bíblica que nos remete ao começo: “No princípio [...]” (Bíblia, 2011, Jo 1, 1, p. 1310) desse estudo, tudo era ideia e a partir dela foram dados os primeiros passos. A xilogravura que ilustra a presente seção é intitulada de “O presépio” e sua autoria é de José Miguel da Silva ou J. Miguel (1961—atual), como pode ser observado na obra. A escrita “J. Miguel”, para além de simplesmente abreviar o nome “José”, é em homenagem ao seu pai, o poeta e xilogravurista J. Borges, o qual será melhor apresentado posteriormente e tem uma de suas obras ilustrando a seção de metodologia. J. Miguel começou a trabalhar na gráfica com seu pai aos 10 anos, lugar onde desenvolveu sua técnica, tendo como professor e exemplo um dos maiores xilogravuristas do Brasil. Sua obra foi escolhida para ilustrar a abertura desta dissertação em virtude de retratar o nascimento do Cristo e, consequentemente, o princípio.

Para tudo existe um ponto de partida e com esta pesquisa, não é diferente. A seção que desponta a seguir vai mostrar as diversas faces que compõem o estudo desde sua origem até a estrutura que está posta, de forma a descrever o caminho inicial do pesquisador até o encontro com o tema investigado, mostrar as contribuições das pesquisas já existentes na área, abordar o objetivo bem como as justificativas deste trabalho e, por fim, apresentar o formato geral da dissertação.

A seguir, compreendendo que é de suma importância conhecer não apenas a pesquisa, mas também aquele que a realiza, serão relatadas algumas vivências do autor desde a sua infância na constituição como cordelista, passando pelo processo de formação como educador e pesquisador e culminando na concepção deste estudo.

### 1.1 “Eu sou o poeta da roça, tenho mão calosa e grossa do cabo das ferramentas”<sup>4</sup>

A literatura de cordel<sup>5</sup> faz parte da minha vida. Ao longo da infância e da adolescência, por ser de origens rurais, as culturas populares me formaram e o cordel ganhou espaço de forma especial em minha trajetória. Na escola, durante o Ensino Fundamental em seus Anos Finais, poetas cordelistas como Ariano Suassuna (1927—2014), Patativa do Assaré (1909—2002) e Leandro Gomes de Barros (1865—1918) compunham parte das minhas leituras e, conseqüentemente, me influenciaram a escrever textos de cordel.

Entretanto, foi no Ensino Médio que potencializei o meu processo de formação como poeta cordelista. Ao chegar nessa última etapa da Educação Básica, me deparei com os chamados Projetos Estruturantes<sup>6</sup> da rede Estadual de Educação da Bahia, e dentre eles o Tempo de Arte Literária (TAL<sup>7</sup>) foi o que me fez brilhar os olhos, principalmente, por ser voltado a produção e declamação de textos como: crônicas, poemas, contos e cordéis. Durante os três anos dessa etapa escolar participei do TAL como cordelista e obtive colocações expressivas, sendo a segunda série do Ensino Médio, em 2016, o de maior apressamento por mim.

Com o texto “Aos trancos e barrancos, pro meu Nordeste eu voltei”, conquistei o primeiro lugar na etapa municipal do projeto TAL e, conseqüentemente, a classificação para a regional. Nessa próxima fase, alcancei a segunda colocação e da mesma forma me classifiquei para a última etapa, a estadual. Esse foi um período que me fez expandir olhares, pois era a primeira vez que ia até a capital do estado baiano e foi o cordel que me oportunizou realizar tal

---

<sup>4</sup> A expressão “Eu sou o poeta da roça, tenho mão calosa e grossa do cabo das ferramentas” referem-se aos três últimos versos da primeira estrofe escrita por Patativa do Assaré (1909—2002) no cordel “Emigração e as conseqüências” (Assaré, 2000, p. 89). Nesse cordel o poeta conta um pouco sobre aspectos da sua vida e mazelas vistas no Nordeste em tempos de seca e luta, abordando a emigração dos nordestinos fugindo da sequeidão e as conseqüências de saírem de suas terras. Como o próprio cordelista relata, ele não sabe contar as glórias, mas somente suas mágoas e as dos seus irmãos. A subseção nomeada com os versos desse poeta popular narra um pouco sobre a história do autor desse estudo, abordando trechos de sua vida desde a Educação Básica encontrando-se com a literatura de cordel e constituindo-se um cordelista até o tornar-se professor e pesquisador.

<sup>5</sup> Doravante, para melhor compreensão, será utilizado o termo “Literatura de Cordel” com iniciais maiúsculas para referir-se ao movimento cultural (tópico que será melhor abordado posteriormente), enquanto a expressão “literatura de cordel” com letras minúsculas será utilizada para designar as produções escritas e/ou orais e refere-se à arte literária produzida por escritores para um público leitor em um determinado contexto. Além disso, para melhor fluidez da leitura, se tomará como sinônimo para “literatura de cordel”, as expressões: cordel, narrativa e texto de cordel.

<sup>6</sup> Os Projetos Estruturantes constituem-se enquanto um conjunto de ações criado pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, “Tratam-se de ações culturais nas quais os alunos teriam possibilidade de desenvolver outras habilidades além daquelas fomentadas nas disciplinas tradicionalmente inseridas no currículo escolar” (Coelho, 2017, p. 123). Para saber mais, acesse: <https://escolas.educacao.ba.gov.br/artecultura>

<sup>7</sup> “Na rede estadual de educação baiana, as escolas desenvolvem os projetos estruturantes da área de Linguagem. Um deles é o TAL (Tempo de Artes Literárias) que busca trabalhar por temáticas e sugere, entre outras, apresentações de textos no estilo cordel produzidos pelos alunos. As produções que se destacam, caso consigam passar de fase, seguem para a etapa estadual. Trata-se de uma iniciativa importante, ainda que a atividade se limite a esse universo limítrofe, pois não há uma divulgação ampla fora do contexto Secretaria de Educação/ Unidades escolares” (Farias, 2020, p. 23).

feito. Em Salvador, após dias de preparação, apresentei na Arena Fonte Nova a narrativa que carregava não apenas uma história corriqueira, mas traços da minha vida familiar. Não havendo a organização de um *ranking* dos vencedores, foram escolhidos os cinco melhores textos da Bahia e lá estava meu.

Um ano depois, concluí o Ensino Médio e fui aprovado no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no *campus* de Vitória da Conquista, iniciando, assim, a minha vida acadêmica. Nesse período, muitos questionamentos foram levantados, dentre eles: Por que uma pessoa que escreve textos de cordel, que está ligado à cultura popular e que tem proximidade com a literatura, escolheria cursar uma Licenciatura em Matemática? De fato, a escolha parece destoar daquele percurso que a princípio seria o natural — cursar uma Licenciatura em Letras Vernáculas e ministrar aulas de Língua Portuguesa. Entretanto, é preciso saber que as exatas sempre foram apreciadas por mim e a disciplina de Matemática me cativou desde o primeiro contato. Para além do apreço pelo componente curricular, é preciso um novo questionamento: Por que um cordelista não poderia cursar uma Licenciatura ligada às exatas?

Recordo-me do exato momento em que realizava a inscrição para concorrer a uma vaga na universidade e me questionava sobre qual curso escolher. Tomado pela dúvida, decidi utilizar a minha nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para pleitear uma vaga de Licenciatura em Matemática e, posteriormente, utilizar o vestibular, que é em âmbito institucional, para tentar uma vaga de Licenciatura em Letras Vernáculas. Ao realizar tal ação, mostrei que ambas as áreas eram do meu interesse, entretanto, ao optar em concorrer para o curso de Licenciatura em Matemática com a nota do Enem, que é um exame maior, não usei das dimensões de cada forma de entrada na universidade, mas apenas do fato de ter duas opções, o Enem para me inscrever em um curso e o vestibular institucional para o outro. Após as esperas do processo de seleção, um curso me chamou primeiro.

Assim, com o ambiente universitário em uma cidade distante, precisei me mudar e adaptar em um novo contexto. Esses momentos iniciais do curso me fizeram sufocar o empenho em escrever cordéis, pois as demandas da universidade e as dificuldades de adaptação à nova cidade me exigiam e desgastavam cotidianamente. Os dois primeiros anos foram difíceis para o meu lado artístico, mas, no quinto semestre do curso, o cordel ressurgiu de forma espontânea com a proposta de relacionar em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a literatura

popular e a Educação de Pessoas Jovens, Adultos e Idosas (EPJAI<sup>8</sup>). É importante observar os dois campos que compõem essa proposta inicial, pois a literatura popular estava imbricada com a minha vida pessoal, mas, e a EPJAI?

O contexto da EPJAI, a partir do quinto semestre, que no âmbito da Licenciatura em Matemática corresponde ao início do terceiro ano, permeou grande parte da minha formação como educador. O Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Jonson Ney Dias da Silva, orientador deste estudo, bem como do TCC, é pesquisador da área e uma referência nesse campo. Em contato com ele, participei do projeto de extensão universitária intitulado Programa de Educação Matemática de Jovens e Adultos (PEMJA<sup>9</sup>), bem como de uma Iniciação Científica estudando temas da mesma área. Além disso, participei de uma parceria entre a Universidade Federal do Recôncavo Baiano e a UESB para realização de um curso de formação continuada no contexto da EPJAI. Para além de atividades ligadas a extensão e pesquisa, destaco as duas disciplinas que compõem a grade curricular da licenciatura que fiz: Prática Como Componente Curricular IV (PCCC IV), no sexto semestre, e Estágio Supervisionado IV (ES IV), no sétimo semestre.

Ambas as disciplinas citadas anteriormente trabalham no campo da EPJAI. PCCC IV tem como objetivo realizar análise didática de conteúdos de Matemática contextualizando-os com as especificidades do público jovem, adulto e idoso, bem como planejar sequências de ensino para posterior utilização nos momentos de regência da disciplina de ES IV, que visa possibilitar a inserção dos licenciandos na realidade concreta da EPJAI e para isso realiza observações, atividades coparticipativas e, por fim, a regência.

Os diversos contextos, apresentados anteriormente, fizeram com que inquietações surgissem e possibilitassem as discussões em buscas de respostas. Sempre me questioneei quanto à forma de se propor atividades para os estudantes, defendendo que estas estivessem ligadas ao cotidiano deles e que na sala de aula se pudesse, por meio da Matemática, compreender melhor o meio em que estamos inseridos. Nesse contexto, a EPJAI é um ambiente rico, pois, o contato com os educandos jovens, adultos e idosos possibilita ao educador trabalhar com propostas que estejam ligadas diretamente com a vida social dessas pessoas.

---

<sup>8</sup> Adotamos neste trabalho a nomenclatura Educação de Pessoas Jovens Adultas e Idosas (EPJAI) em substituição a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A expressão “Pessoas” é tomada com o intuito de representar os gêneros em uma só palavra, já os “Jovens”, “Adultos” e “Idosos” referem-se à heterogeneidade encontrada nessa modalidade de ensino.

<sup>9</sup> O PEMJA é um projeto de extensão que teve início no ano de 2020 e objetiva “[...] o desenvolvimento de ações concretas para articular o ensino, a pesquisa e a extensão no contexto do ensino e aprendizagem da Matemática na EJA, a partir da perspectiva freireana. Nessa faceta extensionista, o programa vem propor a realização de ciclos de palestras, oficinas presenciais e virtuais, além de grupo de estudo, a fim de discutir a respeito da ação educativa dirigida a um sujeito de escolarização básica incompleta ou jamais iniciada e que retorna ao contexto escolar na idade adulta ou na juventude” (Silva *et al.*, 2023, p. 176).

Durante as vivências em vários ambientes escolares, bem como na universidade, consegui construir uma bagagem na EPJAI, o que me possibilitou desenvolver o TCC, que ao fim de todo um processo de amadurecimento do tema trouxe como objetivo investigar as contribuições do texto de cordel nas aulas de Matemática da EPJAI. De forma resumida, a pesquisa apresentou resultados na direção que o trabalho com os textos de cordel pode subsidiar diálogos em que se oportuniza um processo de ensino-aprendizagem, no qual o educando se apropria de saberes relacionados a proposta da aula, bem como os que são ligados à sua vida social. Naquele estudo emergiram quatro categorias para o processo de análise, sendo elas: o ambiente dialógico; o engajamento da turma; o trabalho com saberes escolares e o trabalho com saberes não escolares.

A respeito do ambiente dialógico, o trabalho com o texto de cordel promoveu uma relação em sala de aula que fomentou um sentido horizontal entre os diálogos desenvolvidos pelo educador e educandos. Essa situação reportou-se a concepção freireana de que a educação “[...] não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. [...]” (Freire, 2013, p. 92). Nessa primeira categoria os participantes da pesquisa debateram em torno de temáticas comuns a eles (Freire, 2021), contribuindo assim para o entendimento coletivo de forma a abarcar cada indivíduo em sua especificidade. Em relação ao engajamento, segunda categoria analisada no TCC, as discussões que surgiram a partir da leitura e interpretação do texto de cordel possibilitaram que os estudantes se tornassem sujeitos ativos e se dedicassem afinadamente durante toda a aula, participando, continuamente, do que era proposto.

Por fim, referente as últimas duas categorias estudadas naquela pesquisa, entendemos que o cordel pôde fomentar discussões, as quais abordavam um tema retirado do próprio texto e que subsidiava debates em torno de diversas temáticas (Santos; Silva, 2022). Tal entendimento, oportunizou o surgimento tanto de saberes trabalhados no percurso escolar dos educandos, quanto de saberes que não estão ligados àqueles trabalhados na sala de aula, mas que chegam até ela e merecem seu reconhecimento, os quais se configuram como os que se aprendem na vida cotidiana e ao passo em que se vivencia situações ao longo da existência no mundo.

De modo geral, a pesquisa apontou que o trabalho com os textos de cordel se configura como uma possibilidade para a sala de aula de Matemática em virtude de haver, na narrativa apresentada, um enredo que conduz a interpretação rumo ao desenvolvimento de práticas envolvendo a disciplina. Nesse contexto de pesquisa, principalmente na etapa de produção dos dados, presenciei diversos diálogos entre os educandos, bem como deles com o educador. Os discentes muitas vezes buscavam relacionar a aula com sua vida pessoal, profissional e escolar.

Tais relações geravam identificação nos demais indivíduos, o que fez com que vários diálogos fossem produzidos e estes não ficassem apenas voltados aos conteúdos escolares, mas abarcassem vivências dos estudantes.

Esse contexto de inquietações e produções de diálogos gerou diversas inquietações em mim, inclusive depois de a pesquisa ter sido encerrada, dentre elas: compreender o quanto os saberes agregados pelos sujeitos da EPJAI ao longo da vida adentram a escola; investigar as estratégias dos educadores ao se deparar com tantas vivências em sala de aula; analisar os diálogos produzidos a partir do trabalho com o texto de cordel em meio ao ambiente escolar; dentre tantas outras.

Na reta final da graduação, ansiando por continuar o desenvolvimento do estudo e aperfeiçoamento profissional, surgiu a oportunidade de submeter um pré-projeto de pesquisa para seleção de estudante regular em dois cursos de mestrado, sendo um no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPG ECFP) da UESB, no *campus* de Jequié e outro no Programa de Pós-Graduação em Ensino, também da UESB, mas com sede no *campus* de Vitória da Conquista. Em ambos os programas consegui a aprovação, entretanto, optei pelo PPG ECFP em virtude de diversas questões ligadas à esfera pessoal e as avaliações de colegas que conheciam o programa e possibilidade de continuar trabalhando com o Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Jonson nos estudos envolvendo literatura de cordel, aula de Matemática e EPJAI.

O pré-projeto que submeti ao processo de seleção do PPG ECFP foi vinculado a linha de pesquisa 2 do programa, a qual estuda sobre Currículo e Processos de Ensino e Aprendizagem e visa o desenvolvimento de pesquisas que tenham em seu escopo as concepções e práticas curriculares, além dos processos de ensino e aprendizagem dentro da Matemática, bem como em todas as áreas que envolvem as Ciências. Com o início das aulas, desdobramentos e debates gerados por cada disciplina, bem como momentos de orientação ao longo de todo o período do mestrado (de maneira especial no primeiro semestre), o pré-projeto passou por adaptações que resultaram nesta pesquisa, a qual será apresentada detalhadamente com o proceder das discussões.

Entretanto, antes de todas as alterações, foi preciso compreender onde este estudo poderia se encaixar para, dessa forma, encontrar objetivos que direcionassem a pesquisa rumo a um foco que destacasse sua relevância em diversas esferas. Então...

## 1.2 “Olha pro céu”<sup>10</sup>: veja o que as pesquisas apontam

Visando aprofundar os estudos e compreender a dimensão desta pesquisa, fez-se uma busca utilizando os descritores “cordel”, “Matemática” e “EJA” no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Nessa primeira busca não foram encontrados trabalhos que interligassem os três descritores. Dessa forma, para encontrar trabalhos envolvendo a literatura de cordel, fez-se uma nova busca, agora utilizando apenas o descritor “cordel”. Após um resultado inicial de 818 (oitocentos e dezoito) trabalhos, utilizou-se as “ciências humanas” como filtro para grande área de conhecimento e a “educação” como filtro para a área de conhecimento, o que resultou em 41 (quarenta e um) trabalhos. Os filtros foram escolhidos propositalmente de forma ampla e optou-se por não afinar para a área de ciências exatas e da terra, pois tomando as ciências humanas e a educação de modo geral pode-se ter um panorama maior das pesquisas concluídas.

Ao analisá-los, constatou-se que 17 (dezessete) fazem menção ao cordel apenas no título do projeto de pesquisa, e 1 (um) usa o termo cordel de maneira ilustrativa somente para intitular a dissertação, pois a pesquisa não trata do tema. Assim, do número inicial, reduziu-se para 23 (vinte e três) resultados, nos quais inicialmente observamos o grau acadêmico, conforme apresentamos na Tabela 1.

**Tabela 1 – Grau acadêmico das pesquisas encontradas**

<b>Grau acadêmico</b>	<b>Quantidade de trabalhos</b>
Mestrado	20
Doutorado	3
<b>Total</b>	<b>23</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Ao observar a Tabela 1, destacamos, inicialmente, que os estudos resultantes da pesquisa bibliográfica contabilizam um total de 23 pesquisas. Compreendemos que esse número seja pequeno diante das diversas possibilidades de investigação dentro do ambiente escolar e relevância da literatura de cordel em todo o território nacional, em especial, no Nordeste, conforme discutiremos posteriormente. Outros dois pontos merecem destaque, o primeiro, que pode ser visto na Tabela 1, é o fato de as pesquisas resultantes serem

<sup>10</sup> A expressão “olha pro céu” faz alusão a um olhar para as pesquisas que já estão concluídas, entretanto, não se resumindo a um subtítulo, ela faz referência e reverência a canção de mesmo título, criada em 1951 e de autoria do cantor nordestino Luiz Gonzaga (1912—1989). Na letra, o compositor narra uma história de amor em noite de São João e mostra o quanto o céu do Nordeste é belo em tempos de festas juninas. No âmbito da pesquisa, olhamos para as pesquisas e buscamos compreender o quanto elas contribuíram para a área de estudos, a fim de mapear aquelas já existentes e compreender onde se situa a investigação que estamos desenvolvendo.

predominantemente a nível de mestrado. O segundo, constatamos ao observar os respectivos anos de publicação das pesquisas e notarmos que o estudo mais antigo possui data de defesa no ano de 2013. Ambas as percepções sugerem que as investigações envolvendo o cordel estão em seus primeiros passos.

Para melhor discussão, reunimos em 7 (sete) categorias os trabalhos resultantes da pesquisa bibliográfica, conforme mostra a Tabela 2, e, posteriormente, apresentamos o objetivo geral de cada estudo.

**Tabela 2 – Categorização das teses e dissertações da Capes**

<b>Categoria</b>	<b>Quantidade de trabalhos</b>
Origem e temáticas do texto	7
Instrumento Pedagógico	4
Leitura, escrita e oralidade	5
Formação docente	2
Suporte para escrita	1
Livro didático	1
Ensino	3
<b>Total</b>	<b>23</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Na primeira categoria, se encaixam sete estudos que versam sobre a origem da literatura de cordel e seus cordelistas, investigam temáticas a partir de alguns folhetos ou fazem memória a projetos escolares e/ou acadêmicos de literatura. Sousa (2018) buscou compreender a história e relatos da Academia dos cordelistas do Crato entre os anos de 1991 e 2006. Neves (2022) analisou como a mulher foi retratada em narrativas de dois poetas cordelistas publicados entre 1900 e 1950. Silva (2016) investigou a história e memórias do Projeto Cordel nas Escolas (1990—2007). E. Silva (2022) objetivou desvendar a gênese e a função social do cordel. Landim (2022) comparou discursos de intelectuais e cronistas do século XX, além de pesquisadores recentes, com três cordéis produzidos por um cordelista do Crato (Ceará). Melo (2017) analisou a consciência metatextual de poetas acerca do cordel e, por fim, Gonçalves (2023) buscou compreender os significados históricos e socioculturais da capoeira por meio de folhetos de cordel encontrados na capital da Bahia, Salvador.

A categoria seguinte é composta por quatro trabalhos que compreendem a literatura de cordel como um instrumento pedagógico. Pereira (2022) busca investigar os usos e possibilidades do cordel para ressignificação do ensino de História no Ensino Fundamental.

Sousa (2019) estudou o uso das narrativas na EPJAI, desenvolvendo atividades nas disciplinas de Língua Portuguesa, Geografia, História e Ciências buscando incentivar o interesse dos estudantes pela escola e pela leitura. Josineide Silva (2020) tentou compreender de que maneira os textos podem vir a ser uma linguagem que auxilie na prática docente dos Educadores, na perspectiva da Educação Estético-Ambiental. Por fim, Santos (2021) investigou as percepções de Educadoras da Educação Infantil a respeito da literatura de cordel, seus desafios e possibilidades para as práticas pedagógicas em salas de aula.

A terceira categoria abarca cinco estudos que versam sobre o trabalho do cordel para desenvolvimento da leitura, escrita e oralidade dos sujeitos leitores. Carvalho (2015) trabalhou com as narrativas para o ensino de teatro na EPJAI, a partir da associação entre a memórias e histórias de vida dos estudantes e a literatura de cordel. Pereira (2015) utilizou o cordel em suas potencialidades educativas e literárias para a aprendizagem de educandos da EPJAI, por meio das práticas de leitura em sala de aula. Silva (2017) fez uma reflexão sobre métodos de leitura para as aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, tendo em vista formar leitores proficientes na região que se aplica. Miranda (2023) buscou identificar quais as ações que podem ser desenvolvidas para aumentar a capacidade de leitura dos educandos jovens, adultos e idosos. Por fim, Lima (2023) focou em analisar se as práticas docentes dos professores dos Anos Finais do Ensino Fundamental contribuem ou não para o enfrentamento do racismo estrutural na escola e, para isso, realizou círculos de cultura e de leitura com folhetos de cordel na EPJAI.

A quarta categoria abrange dois estudos na formação docente. Holanda (2019) investigou o potencial do cordel na formação de Educadores, na perspectiva da inclusão. Já Paixão (2022) buscou compreender possíveis contribuições da literatura de cordel na formação estética de docentes. Na quinta categoria, composta por apenas um trabalho, o cordel foi utilizado apenas como suporte para a escrita de estudantes, pois Silva (2013) investigou como jovens e adultos conseguem afirmar, nas composições textuais do cordel, aspectos do seu viver cotidiano.

A penúltima categoria diz respeito à pesquisa sobre o cordel no livro didático e possui um único estudo, que buscou compreender se as propostas de trabalho envolvendo poemas narrativos e cordéis contidos no livro do 7º ano do Ensino Fundamental contemplam uma perspectiva sócio discursiva para o ensino de Língua Portuguesa (Santos, G., 2022). Finalmente, a última categoria engloba três pesquisas que interligam o cordel com a área de ensino. Campos (2018) trabalhou com o cordel no ensino de Língua Portuguesa, objetivando desenvolver competências e habilidades. Santos (2018) investigou seu uso no âmbito do ensino

de Geografia. Já Medeiros (2015) focou na prática pedagógica do Educador da EPJAI em sua ação docente, frente ao trabalho com a leitura de textos.

Após a pesquisa bibliográfica, surge a inquietação: de que forma e como o cordel pode ser trabalhado na sala de aula de Matemática da EPJAI? Foram encontrados estudos que interligam as narrativas ao ensino de Língua Portuguesa e Geografia, com foco no alcance de habilidades e competências apontadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC<sup>11</sup>). Entretanto, mesmo tendo encontrado pesquisas, notou-se a inexistência de estudos que relacionam a literatura de cordel ao ensino de Matemática. Assim, a pesquisa inova ao trazer os seguintes questionamentos: por que não foi encontrada nenhuma dissertação ou tese que trabalhe com o cordel no âmbito dessa disciplina? Ou ainda, como trabalhar o cordel no âmbito do ensino de Matemática?

Outro ponto perceptível, e que merece destaque, diz respeito às propostas de cada pesquisa que tem a EPJAI como modalidade de ensino estudada. Não foi identificado nenhum estudo que buscasse compreender ou possibilitar, por meio do texto de cordel, o surgimento de diálogos presentes na vida dos sujeitos que perpassam por essas salas de aula. As relações propostas nos estudos encontrados buscam trabalhar com a perspectiva do desenvolvimento da leitura, e não com temáticas que sejam envoltas com as práticas cotidianas dos educandos da modalidade de ensino, que é o foco desta pesquisa e que, posteriormente, será melhor discutido.

Na sala de aula da EPJAI, o trabalho com os textos de cordel oportuniza outras possibilidades ou apenas aquela mais encontrada nas pesquisas, que consiste basicamente no desenvolvimento da leitura? Quais são as potencialidades e vantagens do trabalho com o cordel na aula de Matemática da EPJAI? É também com base nesses questionamentos que se propõe o presente estudo, cujo objetivo é apresentado a seguir.

### **1.3 “[...] o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde”<sup>12</sup>: nós sabemos**

Na tentativa de subsidiar as discussões na área estudada e contribuir diante da pouca quantidade de estudos encontrados a partir da pesquisa bibliográfica feita no catálogo de teses e dissertações da Capes, o presente estudo propõe o trabalho com a literatura de cordel no

---

<sup>11</sup> Brasil (2018b).

<sup>12</sup> A expressão “[...] o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde” (Ramos, 2024, p. 8) intitula a subseção na qual se apresentará os objetivos desta pesquisa, mas, para além disso, compõe um parágrafo do livro “Vidas Secas” de autoria do escritor alagoano Graciliano Ramos (1892—1953). Graciliano é natural da pequena cidade de Quebrangulo e o vaqueiro mencionado na frase é Fabiano, personagem da história contada no livro. Vagando pelas planícies avermelhadas de um chão seco, Fabiano, Sinhá Vitória, seus dois filhos e a cadela Baleia fazem uma mudança sem rumo, apenas a procura da vida. Em meio a tanta angústia, fome e sede, o vaqueiro não sabia de muita coisa, somente que precisava chegar em algum lugar, não sabia onde (Ramos, 2024). Entretanto, no âmbito desta pesquisa, nós sabemos onde chegar e é isso que apresentaremos nessa subseção.

âmbito da sala de aula de Matemática da EPJAI. Com essa proposta, o educador pode, junto com os educandos, dialogar acerca de temáticas e conteúdos que não sejam estranhos às suas realidades, o que corrobora com o pensamento de Freire (2021).

O diálogo deve ser uma prática constante na sala de aula. Paulo Freire aponta que

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (Freire, 1979, p. 42).

Dessa forma, ao se dialogar, busca-se compreender o significado do mundo pelas palavras, bem como o dos homens enquanto sujeitos. Nesse caminho, a pesquisa, de forma ainda mais específica, tem o foco voltado para as relações em sala de aula, buscando investigar considerações a respeito do trabalho com texto de cordel na aula de Matemática da EPJAI. Para tanto, busca-se responder a seguinte questão de pesquisa: *Qual o potencial do trabalho com a literatura de cordel no ensino de Matemática da EPJAI, considerando sua articulação interdisciplinar e as reflexões de educandos e educador em uma escola pública da cidade de Mirante/BA?*

Com o intuito de responder o questionamento realizado acima, estabeleceu-se um objetivo geral que é subsidiado por dois objetivos específicos, os quais são apresentados a seguir.

### 1.3.1 Objetivo geral

Investigar o potencial do trabalho com a literatura de cordel no ensino de Matemática da EPJAI, considerando sua articulação interdisciplinar e as reflexões de educandos e educador, em uma escola pública da cidade de Mirante/BA.

### 1.3.2 Objetivos específicos

- Identificar possibilidades de articulação interdisciplinar a partir do trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI;
- Analisar as reflexões de educandos e educador acerca do ensino de Matemática a partir do trabalho com a literatura de cordel.

#### **1.4 “Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia”<sup>13</sup>: explico**

A pesquisa é relevante no âmbito científico e acadêmico, pois, em seu escopo, refletirá sobre as práticas de ensino na EPJAI. Tais reflexões são pontuadas como incipientes por Silva (2020; 2022), em especial na aula de Matemática. Dessa forma, o presente estudo possibilita um olhar voltado para uma área de pesquisa ainda em desenvolvimento, que consiste não apenas no trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática, mas também a inserção dessa discussão no campo da EPJAI. Além disso, a pesquisa poderá subsidiar discussões em torno de práticas pedagógicas, pois o estudo aponta para diálogos em torno da temática. Tais debates, nas salas de aula da universidade, poderão possibilitar aos graduandos e pós-graduandos reflexões acerca da proposta tida por esta investigação.

No que diz respeito ao âmbito profissional e social, as contribuições ao fim deste estudo poderão oportunizar o desenvolvimento de atividades em sala, bem como nortear educadores em seu ambiente de trabalho, tendo em vista a literatura de cordel no contexto da sala de aula e, de modo geral, no ambiente escolar. Além disso, o estudo pode possibilitar aos profissionais da educação reflexões em torno de suas práticas pedagógicas em sala.

Por fim, em uma esfera pessoal, este estudo se mostra como um elo construído ao longo da minha vida como indivíduo, trajetória acadêmica e área de atuação profissional. Assim, para além das demais contribuições que esta pesquisa pode oferecer, ela contempla um interesse pessoal, visto que foi construída também com o intuito de formação como pessoa, como educador e como pesquisador.

A seguir, é apresentada a estrutura dessa dissertação com o intuito de situar o leitor quanto as seções construídas.

#### **1.5 Organização da dissertação**

Com o intuito de apresentar melhor para os leitores todos aqueles aspectos ligados à pesquisa, a presente dissertação contém a introdução (a qual foi apresentada anteriormente), uma seção de discussão teórica, a metodologia, a análise dos dados, as considerações finais e, por fim, as referências bibliográficas, bem como os apêndices.

A seção de discussão teórica foi intitulada “*Quem conta história não mente*”: *literatura de cordel na sala de aula de Matemática da EPJAI*. Inicialmente, apresenta-se alguns aspectos

---

<sup>13</sup> A citação “Havia muitas coisas. Ele não podia explicá-las, mas havia” (Ramos, 2024, p. 31) intitula a subseção que trataremos das justificativas desse estudo. Mais uma vez, recorremos a Graciliano Ramos em seu livro “Vidas Secas”, pois a passagem escolhida faz alusão a um momento em que o personagem principal quer apresentar diversas explicações sobre muitas coisas, entretanto, em virtude das condições que se encontra naquele momento, não as pode verbalizar. No âmbito da pesquisa, nós podemos, e é isso que fazemos na referida subseção.

históricos do cordel, bem como sua compreensão enquanto uma manifestação cultural. Posteriormente, realiza-se uma discussão acerca do trabalho com a literatura de cordel no contexto escolar e, em especial, na aula de Matemática da EPJAI.

A terceira seção corresponde à metodologia e carrega o título “*O voo troncho de um anum fez progressos e teve evolução*”. Ao longo desse “voo”, é possível compreender sobre a abordagem metodológica adotada para a pesquisa, os procedimentos e instrumentos utilizados em seus diversos momentos, o cenário escolhido para o seu desenvolvimento, bem como os passos dados antes, durante e depois da realização das aulas. Além disso, são apresentados o cordel trabalhado pelo educador, os participantes da investigação e a forma como se fez a interação e análise dos dados.

Na análise de dados, intitulada “*Fazendo verso rimado*”, são apresentadas duas categorias de análise, as quais estão separadas em duas subseções. A primeira categoria trata das articulações interdisciplinares no trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI, enquanto a segunda categoria aborda sobre os diálogos que apontam para reflexões acerca do ensino de Matemática a partir do trabalho com a literatura de cordel.

A quinta seção corresponde às considerações finais, as quais carregam o título “*Não se iluda que nada muda se você não mudar*”. Nessa seção, são apresentadas algumas considerações baseadas nas discussões tidas ao longo do estudo, bem como buscando responder à questão de pesquisa e alcançar os objetivos. Posteriormente, são elencadas as referências, intitulada “*No nada [não] nadamos*”: *Referências*, e, por fim, os apêndices.

A seguir, serão abordados aspectos teóricos relacionados a temática deste estudo: a literatura de cordel na sala de aula de Matemática da EPJAI.



Antes de dialogar  
Sobre todo conteúdo,  
É preciso entender  
Um pouco sobre o assunto,  
Senão o aprendizado  
Vai se trocar em miúdos.

É por isso que agora,  
Será aqui apresentado,  
Contexto de embasamento,  
Sobre o tema trabalhado,  
Promovendo entendimento,  
E fazendo um apanhado.

Um apanhado geral,  
Sobre os textos de cordel,  
Sua origem, sua chegada,  
O trovador, o menestrel,  
A estrutura respeitada,  
Tão linda quanto o céu.

Nesta seção queremos dar  
Uma base ao leitor,  
Não deixa ele perdido,  
Mas, não forma um doutor,  
É um apanhado geral  
Do tema que se adotou.

O que será que se pensa  
Sobre a união dos mundos?  
O que dizem os documentos?  
Estão claros ou confusos?  
São muitos questionamentos  
E sobre eles me debruço.

Procuró assim esclarecer,  
Unir e fazer semente.  
Os mundos que são "distintos"  
Aproximá-los à frente.  
Sendo eu um contador,  
Quem conta história não mente.

## **“QUEM CONTA HISTÓRIA NÃO MENTE”: LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA DE MATEMÁTICA DA EPJAI**

A expressão “Quem conta história não mente” corresponde a um verso da música “O campeão”, sucesso sertanejo regravado por renomados artistas, como as duplas Jorge (1982—atual) e Mateus (1986—atual) e Bruno (1969—atual) e Marrone (1965—atual). A canção é um breve resumo do orgulho de ter origens rurais, fazendo uma série de metáforas e contextos típicos do meio sertanejo, além de celebrar a autoconfiança de um povo forte.

A obra “Os violeiros” é de autoria do xilogravurista Marcelo Soares (1955—atual). Em suas xilogravuras, ele grava seu nome de forma atípica, pois, costumeiramente, utiliza apenas as iniciais “MS”, como exemplificado em sua obra que abre essa seção. Marcelo Soares foi criado entre renomados poetas populares, a exemplo de seu pai, o escritor e repórter José Soares. Seu apreço pela xilogravura foi potencializado quando estudou Artes Gráficas na Casa das Crianças de Olinda, no estado de Pernambuco, onde fez sua primeira ilustração, a qual encapou um folheto de seu pai. Para além deste, Marcelo Soares ilustrou folhetos de grandes poetas cordelistas, como Severino Cesário, Homero do Rego Barros, Rodolfo Coelho Cavalcante e Gonçalo Ferreira da Silva. A escolha de sua xilogravura se dá por retratar dois violeiros em uma peleja, isto é, dois violeiros que ao cantar, contam histórias.

Inspirado em Cunha (2013, p. 115) quando escreve “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”, compreendo que este mesmo homem é, junto ao “tudo” dito por Euclides, um contador de história, pois também sou um daqueles que conta com orgulho as suas fortalezas. Sendo um ufanista, não posso negar minhas raízes, por isso defendo-as. Ao defender, sei que o sertanejo é um contador de histórias e, como dito pelo trecho da canção escolhida para intitular esta seção, quem conta história não mente. Então...

## 2.1 “Prepare o seu coração, pras coisas que eu vou contar”<sup>14</sup>

É preciso nas primeiras palavras dessa seção dialogar sobre a literatura de folhetos, pois antes de se reinventar no território brasileiro, em especial no Nordeste, essa já vinha percorrendo diversos cantos do mundo (Marques; Silva, 2020), sendo alguns países europeus considerados por estudiosos como epicentro da referida literatura. Na Itália, os folhetos recebiam o nome de *libretti muriccioli* e,

Até o final do século XIX, os italianos das províncias tomavam conhecimento dos acontecimentos, da vida de santos, dos ‘briganti’ (bandidos) e dos romances de cavalaria, vulgarizados, por meio desses folhetos [...] (Marques; Silva, 2020, p. 21).

Nota-se, desde já, uma dimensão informativa dos folhetos, pois, por meio deles, a população provincial, isto é, aqueles que não estavam localizados nos grandes centros, tomava conhecimento dos fatos da cidade, os ocorridos policiais, romances da época dentre outros. Semelhante à Itália,

Na França, por volta dos séculos XVI e XVII, predominaram os livrinhos da Biblioteca Azul e a literatura de ‘colportagem’, impressos em formato similar aos folhetos italianos. Seguindo essa mesma tradição, na Espanha, destacaram-se os ‘pliegos sueltos’ [...] (Marques; Silva, 2020, p. 22).

Em Portugal, território vizinho da Espanha, Abreu (1999, p. 21) pontua que a literatura de folhetos “[...] abarca autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias... além de poder ser escrita em prosa, em verso ou sob a forma de peça teatral [...]” neste país, os folhetos eram chamados de *folhas volantes* (Marques; Silva, 2020) e também de *literatura de cego*<sup>15</sup>.

Fato é que não existe um consenso para definir a origem dessa literatura (Galvão, 2000) entre os diversos autores que buscam essa informação. Em meio aos pesquisadores, “[...] alguns argumentam que sua essência tem como origem o povo árabe, outros contam que foram com os portugueses e alguns afirmam que foram os espanhóis [...]” (Farias, 2020, p. 17).

No Brasil, a exemplo do resto do mundo, a chegada da literatura de folhetos não tem sua origem estabelecida. Haurélio (2013), assim como a maioria dos estudiosos, pontua sua

<sup>14</sup> A frase “Prepara o seu coração, pras coisas que eu vou contar” é um trecho da canção “Disparada” de autoria dos cantores e compositores Geraldo Vandré (1935—Atual) e Théo de Barros (1943—2023). Tal música foi lançada no ano de 1966 como uma canção de protesto e venceu o II Festival da TV Record (Canto da MPB, ©2020—2022). No âmbito da pesquisa, o trecho da música foi escolhido para remeter ao contar de uma história. Nessa subseção, será tratado sobre aspectos ligados a história da literatura de folhetos, que posteriormente, no Brasil, se tornou a Literatura de Cordel. Assim, prepare o seu coração para um diálogo sobre a história.

<sup>15</sup> Em Portugal, os folhetos também eram conhecidos “como ‘literatura de cego’ devido ao fato de estes terem tido, por muitos séculos, a exclusividade de sua venda, juntamente com breviários, livros de orações, jornais ou caixas de fósforo, dependendo da época que se queira abordar” (Abreu, 1999, p. 20).

chegada pelas atuais terras baianas e, posteriormente, sua disseminação pelo território. Enquanto isso, outros estudiosos, que representam uma minoria, destacam que o cordel teve como porta de entrada a porção de terra que hoje se situam os estados do Ceará, Pernambuco e Paraíba. Entretanto, mesmo com a discrepância de informações a respeito do local, as fontes convergem ao pontuar sua chegada à, naquele tempo, Ilha de Vera Cruz por meio das navegações portuguesas.

Pelo fato de ser colônia de Portugal, os livros que adentravam ao Brasil, de acordo com Abreu (1999), precisavam da autorização de uma “Real Mesa Censória”, a qual analisava a natureza dos livros e deliberava concedendo ou não a licença pedida. Quantitativamente, “[...] de um total de, aproximadamente, 2.600 pedidos analisados, 250 trazem títulos de cordel, sendo que cada um deles, em geral, requer autorização para dezenas de obras” (Abreu, 1999, p. 51). Luzimar Medeiros Braga (s.d.), escreveu em *Breve História do Cordel*<sup>16</sup> que:

[...] Pela Península Ibérica  
O cordel se consagrou,  
Em Portugal ‘FOLHAS SOLTAS’  
Ou ‘VOLANTES’, se chamou...  
Pliegos Suelos na Espanha  
Com esse termo se firmou.  
  
Foi na França COLPORTAGE...  
E com nomes diferentes  
Surgiu na Holanda, na Itália  
E no novo continente:  
Brasil, Peru, Chile, México,  
O cordel se fez presente.  
  
O CORDEL veio ao Brasil  
Com os colonizadores,  
Por migrantes romanceiros,  
Saudosistas, trovadores,  
Que liam e escreviam versos  
Pra minorar suas dores. [...]

Dessa forma, a literatura de folhetos embrenha-se pelo Brasil e começa a permear as diversas culturas existentes. Farias (2020, p. 18) pontua que:

A história ainda permite confirmar que os contadores/cantadores de cordel adaptaram o que os trovadores e menestrelis do período Medieval faziam, saindo para entreter as pessoas com suas rimas improvisadas e com as pelepas sem fim. Ganhava a disputa quem respondesse à altura ou convencesse o

---

<sup>16</sup> O cordel, em sua íntegra, pode ser encontrado para leitura no site da Câmara Brasileira de Literatura de Cordel, o qual tem direcionamento indicado no link a seguir: <http://www.camarabrasileira.com.br/cordel111.htm>.

público, o que atualmente tem semelhança com as emboladas [...] (Farias, 2020, p. 18).

Percorrendo o Brasil, contando e cantando histórias, em especial a região Nordeste, a literatura de folhetos ganha influências do sertão profundo e da cultura popular nordestina, moldando-se com as marcas da regionalidade, da tradição dos sertanejos, dos vaqueiros, dos indígenas, dentre outros. Tal reinvenção fez com que a literatura de folhetos ganhasse uma nova roupagem e nomenclatura, passando a ser conhecida como:

‘Folheto’, ‘livrinho de feira’, ‘livro de histórias matutas’, ‘romance’, ‘folhinhas’, ‘livrinhos’, ‘livrozinho ou livrinho véio’, ‘livro de história antiga’, ‘livro de poesias matutas’, ‘foieto antigo’, ‘folheto de história de matuto’, ‘poesias matutas’, ‘histórias de João Grilo’, ‘leitura e literatura de cordel’, ‘história de João Martins de Athayde’ ou simplesmente ‘livro’ (Galvão, 2000, p. 21).

As denominações apresentadas por Galvão (2000) são aquelas que leitores, ouvintes e vendedores entrevistados em sua pesquisa utilizaram espontaneamente para tratar sobre o que se conhece como Literatura de Cordel. Segundo a autora, a expressão “Literatura de Cordel” foi dada à reinvenção da literatura de folhetos com o intuito de fazer menção a uma “gênese” portuguesa. No entanto, essa referência diz respeito à sua chegada ao Brasil e não à sua origem como literatura, pois, como reiterado, essa questão não é consensual." A autora relata ainda que os sujeitos da pesquisa conheciam a expressão que hoje é comumente vista, mas não utilizavam anteriormente, pois a difusão de tal nomenclatura ocorreu apenas na década de 1960. De modo geral, antes desse período, as denominações mais utilizadas eram “Folheto, para os mais finos, e “Romance” para aqueles que possuíam um número maior de páginas [...]” (Galvão, 2000, p. 22).

No contexto das contações e cantorias, as temáticas adotadas pelos cordelistas<sup>17</sup> para a escrita de cada folheto eram e continuam sendo de importância cultural para o ambiente em que ocorrerá a comercialização. Em relação a esses temas, especialmente nas primeiras décadas após a chegada das caravelas ao atual Brasil, os poetas contavam histórias relacionadas aos colonos e lendas portuguesas (Belo, 2021). Abreu (1999, p. 54) relata que:

[...] os cordéis mais enviados ao Brasil narravam as histórias de ‘Carlos Magno’, ‘Bertoldo, Bertoldinho e Cacasseno’, ‘Belizário’, ‘Magalona’, ‘D. Pedro’, ‘Imperatriz Porcina’, ‘Donzela Teodora’, ‘Roberto do Diabo’, ‘Paixão de Cristo’, ‘D. Inês de Castro’, ‘João de Calais’, ‘Santa Bárbara’ e ‘Reinaldos de Montalvão’ [...] (Abreu, 1999, p. 54).

---

<sup>17</sup> “Cordelista, poeta de bancada, ou simplesmente poeta são algumas denominações dadas àqueles que escrevem os versos” (Galvão, 2000, p. 22).

Tais temáticas fazem menção a personagens portuguesas, como é o caso de D. Pedro; outras abordam questões religiosas ao falar sobre a Paixão de Cristo e Santa Bárbara. Com o decorrer dos anos, no Brasil, os folhetos passaram a abarcar temáticas regionais, pois as andanças pelo território fizeram com que eles se permeassem pelas culturas locais, como a indígena, as histórias dos negros, a tradição dos vaqueiros e tropeiros, entre outros. Afinal, os cordelistas escreviam, declamavam e cantavam o que viviam, ouviam e imaginavam (Belo, 2021), pois, “[...] os artistas têm como suporte, admitam ou não, a cultura em que estão inseridos, as formas artísticas que os antecederam, as vivências pessoais, as observações sobre a vida e os costumes a que estão ligados [...]” (Marinho; Pinheiro, 2012, p. 134).

Os cordéis que contavam a história da vida de animais, principalmente bois valentes e insubmissos, aqueles que fugiam para a caatinga e resistiam bravamente às tentativas de captura feita pelos vaqueiros, eram os de maior apreciação. Os enredos de destaque eram os do “[...] Rabicho da Geralda (vinda do século XVIII), do Boi Mão de Pau, Boi Moleque, Boi Mandingueiro, Cavalo Misterioso, Boi Surubim, Boi Barroso, Boi Espácio, Vaca Burel, Besta da Serra Joana Gomes” (Abreu, 1999, p. 80).

É notória a presença dos bovinos em meio às produções de destaque, e isso foi chamado de “Ciclo do boi”, uma terminologia que define uma criação local pautada na realidade dos nordestinos. Considerando que a criação de bovinos foi e ainda é uma atividade econômica de suma importância para a região, tal temática não é vista na literatura de folhetos portuguesa e, assim, se torna exclusiva da Literatura de Cordel (Abreu, 1999).

O abrangente leque de temáticas e as frequentes andanças pelo território fizeram com que, por um tempo, a Literatura de Cordel desempenhasse um papel informativo e, por meio dele, diversas notícias fossem disseminadas. Um exemplo de notícia com impacto nacional foi a morte de Getúlio Vargas, narrada em um texto de cordel intitulado *A lamentável morte de Getúlio Vargas*, sobre o qual Farias (2020, p. 19) relata que foi:

[...] elaborado no dia da morte do ex-presidente, em 24 de agosto de 1954, por autor anônimo, que soube da notícia através do rádio ao meio-dia. O autor colocou no prelo os originais dos folhetos escritos manualmente e, no final da tarde, no mesmo dia, estava pronto para o consumo dos leitores ávidos por mais detalhes do suicídio presidencial. Em dois dias, o folheto bateu o recorde de vendas, com 70.000 exemplares impressos e vendidos em 48 horas [...] (Farias, 2020, p. 19).

O suicídio do então presidente não é o único exemplo. Os acontecimentos relacionados a passagem de Lampião, assuntos acerca do governo, guerras e eventos ocorridos nos grandes centros do país eram escritos, lidos ou vendidos em folhetos e cantados nos ambientes habituais

para aquela época (Cavalcante, 1984). Abreu (1999, p. 95) relata que “A venda de folhetos geralmente se fazia a partir da leitura oral de trechos dos poemas, a fim de despertar o interesse e atrair a curiosidade do público para a continuação da história [...]”. Nesse contexto, o cordelista Moreira de Acopiara escreveu em *O beabá do cordel e do repente*<sup>18</sup>, estrofes nas quais o autor relata que:

[...]  
 Vendidos nas feiras livres  
 Pendurados num cordão  
 Esses livretos viraram  
 O jornal da região  
 Levando conhecimento  
 Àquela população.

Nesse tempo no Nordeste  
 Televisão não havia.  
 Também não havia rádio,  
 Muito menos energia,  
 Mas o povo era sensível,  
 Gostava de poesia.

E quando surgia uma  
 Notícia espetacular  
 De catástrofe ou de guerra,  
 O poeta popular  
 Preparava seu poema  
 E saía a declamar. [...]

Dessa forma, o cordel ganhou importância jornalística para toda uma classe social, pois possuía um teor comunicativo e, como dito por Acopiara (2006), levou conhecimento à população. Tal afirmação é corroborada quando Melo, Silva e Galvão (2020) transcrevem uma fala de Francisco José Borges<sup>19</sup>, na qual relata que:

não tinha acesso à livro ou jornal. Não existia televisão nos anos [19]40. Já tinha a Rádio Clube e a Rádio Jornal, mas só quem possuía rádio era rico. Aqui ou acolá, tinha um fazendeiro que tinha um rádio de bateria que levava para carregar, no sábado, na cidade e usava o rádio só durante a semana, mas a gente não tinha o direito nem de chegar na porta. Então, não tinha

<sup>18</sup> Texto em sua íntegra pode ser encontrado acessando o endereço eletrônico disponibilizado a seguir: <https://pt.scribd.com/document/494885824/O-BEABA-DO-CORDEL-E-DO-REPENTE>

<sup>19</sup> “O poeta Francisco José Borges (J. Borges) nasceu em 20 de dezembro de 1935 no município de Bezerros – PE. Nessa época, a maioria das famílias residentes no campo vivia da agricultura de subsistência. O seu pai, Joaquim Francisco Borges, além de agricultor, trabalhava como almocreve conduzindo mercadorias, de um lugar a outro, no lombo do cavalo. Aos 21 anos, J. Borges começou a comercializar folhetos em diversas cidades da região. Por falta de condições financeiras para ilustrar os cordéis, começou a produzir as próprias xilogravuras” (Melo; Silva; Galvão, 2020, p. 58-59). O poeta J. Borges faleceu no dia 26 de julho de 2024, isto é, em meio a esta pesquisa. Entretanto, ao longo de sua vida foi considerado um dos maiores patrimônios do Estado de Pernambuco, haja vista seu reconhecimento como cordelista e xilógrafo em âmbito nacional e internacional.

informação nenhuma e aonde tinha informação era o cordel que era lido nas bocas de noite, nos feriados, nos sábados e domingos. Meu pai gostava muito de ler cordel. Toda noite ele lia um, dois, e eu ficava na mesa escutando e ali mesmo eu cochilava, dormia (J. Borges) (Melo; Silva; Galvão, 2020, p. 49, grifo dos autores).

Dessa forma, como se nota na fala de J. Borges, em virtude da dificuldade de acesso aos jornais da época, dos altos custos do rádio e da ausência da televisão, a literatura de cordel tornou-se o jornal dos excluídos, pois possibilitou às classes minoritárias o acesso à informação que circulava pelo país.

É notório que, no Brasil, com o passar do tempo, a literatura de folhetos portuguesa tomou formas, em especial nordestinas, e se tornou no que conhecemos aqui como Literatura de Cordel (Abreu, 1999). Entretanto, com o decorrer dos anos, as ressignificações e “[...] a expansão dos meios de comunicação – do rádio e da televisão, sobretudo –, mais exatamente por volta da década de 1960 a literatura [...] começa a entrar em considerável declínio [...]” (Marques; Silva, 2020, p. 37). Essa ameaça eminente fez com que, durante muitos anos fosse utilizado o termo “crise” para se referir à Literatura de Cordel diante do avassalador impacto causado pelas tecnologias (Melo; Silva; Galvão, 2020). Contudo, o risco de a literatura diante dos atrativos novos meios de comunicação levou os poetas cordelistas da época a travarem um enfrentamento, com objetivo de retomar a referida literatura.

Preocupado com os anos que viriam a seguir e com os desdobramentos da atualidade, Rodolfo Coelho Cavalcante idealizou, em Pernambuco, o Primeiro Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros. Essa ação buscava evidenciar os aspectos moralizantes da Literatura de Cordel, bem como incentivar a criação de associações que defendessem a sua permanência na sociedade (Marques; Silva, 2020). Além desse pontapé inicial,

[...] a revitalização da Literatura de Cordel deve-se, em especial, à tomada de temas relacionados a realidade política e social do país; ao seu caráter menos localista; e à implantação de cordelotecas nas universidades públicas, disponibilizando um variado acervo de folhetos e livros especializados para alunos de Graduação, de Pós-Graduação e pesquisadores em geral (Marques; Silva, 2020, p 37).

A resiliência diante dos ataques sofridos foi uma característica tanto dos cordelistas quanto do público da Literatura de Cordel. Nesse sentido, “se, por um lado, a revolução tecnológica não ocasionou, de modo algum, a destruição [...], por outro, alterou radicalmente os seus modos de produção, recepção e transmissão [...]” (Melo; Silva; Galvão, 2020, p. 50).

Por mais que seu papel informativo tenha diminuído em virtude das diversas mídias que surgiram e foram aperfeiçoadas, a Literatura de Cordel resistiu e adaptou-se às novas

perspectivas apontadas pelas mudanças que ocorreram no mundo (Farias, 2020). De acordo com Melo, Silva e Galvão (2020, p. 74) atualmente tem-se “deparado com outras realidades, diferentes daquela do cordel tradicional, pois este gênero tem aparecido, por exemplo, na tela de computadores, em livros, em revistas, entre outros suportes”. Esses suportes<sup>20</sup> são variados e, para além dos já mencionados, pode-se citar ainda as redes sociais, como *Instagram*, *Facebook*, *Telegram*, *X*, *WhatsApp*, além do *YouTube*, plataforma na qual diversos cordelistas criam canais para veiculação de vídeos declamando literatura de cordel.

Um exemplo de sucesso é o cordelista contemporâneo Bráulio Bessa, que, em seu canal<sup>21</sup> no *YouTube*, publica vídeos sobre sua rotina, compartilha aspectos da sua vida pessoal e veicula vídeos declamando literatura de cordel de sua autoria, bem como de outros cordelistas. Ação semelhante é feita por ele em uma outra plataforma, o *Instagram*<sup>22</sup>, onde o seu alcance é ainda maior, pois a referida rede social vive atualmente o auge de sua popularidade e é um centro de atenção daqueles que utilizam as tecnologias digitais, em especial as redes sociais.

Como efeito da importância da Literatura de Cordel, de seu alcance no mundo atual e de seu significado cultural e histórico, essa manifestação foi reconhecida legalmente como patrimônio cultural e imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2018, após decisão unânime do Conselho Consultivo (IPHAN, 2023). Que a Literatura de Cordel tem seu espaço e importância resguardados, não se tem dúvidas. Entretanto, é preciso compreender o que essa literatura abarca, pois, ao contrário do que muitos pensam, ela não se limita ao texto de cordel, mas, agrega outras produções.

Assim, a seguir, define-se a Literatura de Cordel enquanto uma manifestação cultural.

### 2.1.1 A Literatura de Cordel enquanto uma manifestação cultural

Ao falar sobre Literatura de Cordel, é comum fazer uma associação direta dela como sendo os textos de cordel, entretanto, para esta pesquisa, entende-se que a Literatura de Cordel

---

<sup>20</sup> No que se refere a suporte, concordamos com Marcuschi (2003, p. 11) quando o autor relata que entende “[...] como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Numa definição sumária, pode-se dizer que o suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto” (Marcuschi, 2003, p. 11).

<sup>21</sup> O link a seguir direciona para o seu canal na plataforma de vídeos *YouTube*, que em janeiro de 2025 possuía 566.000 (quinhentos e sessenta e seis mil) inscritos e um total de 17.716.624 (dezesete milhões setecentos e dezesseis mil seiscentos e vinte e quatro) visualizações em seus vídeos. A discrepância entre o número de visualizações e de inscritos se dá em virtude da não obrigatoriedade em se inscrever no canal para assistir os vídeos, ou seja, muitas pessoas apenas assistiam as declamações, mas não eram inscritos no canal. Link: [www.youtube.com/@BraulioBessaVlog](http://www.youtube.com/@BraulioBessaVlog)

<sup>22</sup> No *Instagram*, em janeiro de 2025, o cordelista Bráulio Bessa possuía aproximadamente 5.500.000 (cinco milhões e quinhentos mil) seguidores. O número de visualização não é disponibilizado por essa plataforma. Link para acompanhar o cordelista em sua rede social: <https://www.instagram.com/brauliobessa>

se configura como uma “[...] manifestação cultural brasileira, tipicamente nordestina [...]” (Farias, 2020, p. 23) ou, como escreve Fonsêca e Fonsêca (2008, p. 127) como “[...] uma manifestação típica do interior do Nordeste [...]”. Dessa forma, diferentemente do que muitos pensam, a Literatura de Cordel não é composta apenas pelos cordéis, mas também se caracteriza pela oralidade (cantorias) e desenho (xilogravura), duas outras produções que compõem a manifestação cultural (Farias; Rodrigues, 2021).

A oralidade, configuram-se enquanto o cantar de versos para o público. De acordo com Carneiro (2016, p. 25),

A cantoria, mais conhecida e popularmente chamada de repente, se assemelha ao que atualmente é conhecido como embolada, [...] é criada, principalmente, no improviso, e retratam os saberes, a cultura e as características de um povo e do espaço que ocupa (Carneiro, 2016, p. 25).

Aqueles que praticam essa produção cultural, incorporada à Literatura de Cordel, são conhecidos como repentistas, cantadores ou violeiros. Os quais se apresentam costumeiramente em duplas, formando parcerias por vários anos (Evaristo, 2011).

Outra produção que compõe a Literatura de Cordel é o desenho, conhecida popularmente como xilogravura. Tal produção configura-se “[...] enquanto técnica de fazer da madeira o suporte de talhes e escavações, transformando-a em matriz a ser entintada e pressionada para obtenção de cópia [...]” (Carvalho, 1995, p. 144). A xilogravura ilustra o tema que é abordado em um cordel, por isso refere-se a capa do folheto (Evaristo, 2011). Por fim, o texto de cordel, que definimos enquanto literatura de cordel, consiste na produção escrita dessa manifestação cultural, a qual tem estrutura e regras bem definidas.

Dessa forma, compreendemos que a Literatura de Cordel é uma manifestação cultural composta por diversas produções e expressões, dentre elas: textos, xilogravuras e cantorias. Por ser uma manifestação cultural, a Literatura de Cordel influencia o meio que permeia, pois, expressa na maioria das vezes em suas produções a realidade vivida, ouvida ou imaginada, nem só pelos autores, como já bem pontuou Belo (2021), mas também pelos ouvintes. Além disso, ela ainda pode ter sua temática influenciada por esferas da sociedade, como a política e a vida social.

No âmbito da literatura de cordel, Patativa do Assaré é um exemplo de cordelista que reflete em suas obras uma aguçada visão crítica acerca da realidade da população sertaneja, não atoa é denominado como “poeta social” (Nunes, 2008, p. 14) e “poeta da militância política” (Nunes, 2008, p. 16). Em suas obras, o cordelista mantém uma postura de permanente combate, jamais se omitindo. Ele deixa claras suas posições e nunca se aliena frente aos problemas sociais

vivididos pelo seu povo, “[...] poucos como ele tiveram a sensibilidade, a perspicácia e a coragem de mostrar, através da beleza e do lirismo da poesia, as mazelas sociais mais profundas presentes na sociedade brasileira. [...]” (Nunes, 2008, p. 14). Um exemplo no qual Patativa escancara as injustiças sociais e evidencia uma realidade muitas vezes sonogada no Brasil é quando ele escreve o cordel *Brasi de cima e Brasi de baxo* em que o poeta relata:

[...] No Brasi de Cima anda  
 As trombeta em arto som  
 Ispaiando as propaganda  
 De tudo aquilo que é bom.  
 No Brasi de Baxo a fome  
 Matrata, fere e consome  
 Sem ninguém lhe defendê;  
 O desgraçado operaro  
 Ganha um pequeno salaro  
 Que não dá pra vivê.

Inquanto o Brasi de Cima  
 Fala de transformação,  
 Industra, matéria-prima,  
 Descobertas e invenção,  
 No Brasi de Baxo isiste  
 O drama penoso e triste  
 Da negra necessidade;  
 É uma cousa sem jeito  
 E o povo não tem direito  
 Nem de dizê a verdade.

No Brasi de Baxo eu vejo  
 Nas ponta das pobre rua  
 O descontente cortejo  
 De criança quage nua.  
 Vai um grupo de garoto  
 Faminto, doente e roto  
 Mode caçá o que comê  
 Onde os carro põe o lixo,  
 Como se eles fosse bicho  
 Sem direito de vivê. [...] <sup>23</sup>

Os versos buscam comparar um “Brasil de cima”, caracterizado pelo desenvolvimento, transformação, descobertas e invenções, referindo-se à aristocracia brasileira, com um “Brasil de baixo”, mostrado em suas mazelas, pequenos salários, fome, precariedade e necessidades, como é tratada a parcela menos favorecida da população.

---

<sup>23</sup> Assaré (2003).

Como já mencionado, Patativa do Assaré jamais se curvou diante das dificuldades enfrentadas pelo seu povo. Sempre buscou, por meio da sua poesia, demonstrar um posicionamento, inclusive no que tange à política “[...] pois entendia que sua poesia poderia ser também um instrumento eficiente para se manifestar [...]” (Nunes, 2008, p. 16). Nessa esfera da sociedade destacam-se duas produções de Patativa. A primeira é o cordel intitulado *Inleição Direta 84*, no qual o poeta milita e destaca as dificuldades enfrentadas durante os 20 anos que antecederam a Campanha das Diretas. A segunda produção diz respeito a um posicionamento diante da conturbada política brasileira no ano de 1992, quando o então presidente Fernando Affonso Collor de Mello sofreu *impeachment* e Itamar Augusto Cautiero Franco, vice-presidente, assumiu. O cordel é intitulado *Encontro de Patativa do Assaré com a alma de Zé Limeira o poeta do absurdo* e o cordelista escreve que:

[...] A tua resposta eu achei excelente  
 Sucessivamente tudo está mudado  
 O chefe dos chefes já foi afastado  
 O Brasil agora está bem diferente  
 Nós temos agora novo presidente  
 Saiu o Fernando entrou Itamar  
 Porém continua sem nada mudar  
 Campeia a miséria que tudo consome  
 O rico roubando e o pobre com fome  
 Nos dez de galope da beira do mar [...] <sup>24</sup>

Outros autores, de forma semelhante a Patativa do Assaré, têm em seus versos posicionamentos estabelecidos a respeito da política. Um primeiro exemplo é o ex-presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Gonçalo Ferreira da Silva, quando escreve o cordel intitulado *Brizolão para Brizocão*<sup>25</sup> no ano de 1988 e tece críticas acerca do desmando e gastos públicos no mandato de Leonel Brizola (1922—2004) como governador do Estado do Rio de Janeiro entre os anos de 1983 e 1987. Um segundo e último modelo é o cordel *Viagem à baixa da égua*<sup>26</sup>, escrito em 2001 e de autoria dos poetas Arievaldo Viana e Manoel Monteiro, no qual os autores criticam a corrupção, bem como a privatização do patrimônio público por políticos.

Apresentaram-se aqui narrativas nas quais é possível notar o quanto a literatura de cordel e, conseqüentemente, a Literatura de Cordel, pode ser influenciada pelos acontecimentos da época. Ao falar da realidade social vivenciada no país, Patativa do Assaré, bem como Arievaldo

---

<sup>24</sup> Assaré (1994).

<sup>25</sup> Silva (1988).

<sup>26</sup> Viana e Monteiro (2001).

Viana, Manoel Monteiro e Gonçalo Ferreira se posicionam por meio dos seus textos e evidenciam diversas mazelas que tantas vezes são ignoradas. Além disso, quando o assunto é política, esses autores não se escondem, compreendendo que sua poesia é uma forma de manifestar apoio e criticar governos, fazendo que tais informações e posicionamentos cheguem até o público menos esclarecido.

Diante da notória relevância histórica descrita até o presente momento e lembrando do seu reconhecimento legal enquanto patrimônio cultural e imaterial do Brasil no ano de 2018, tendo em vista as discussões levantadas e o significado dessa literatura vinda do exterior, mas adaptada em território brasileiro de tal forma a caracterizar-se como manifestação típica de um povo, compreende-se a importância de a Literatura de Cordel ser trabalhada no contexto escolar. Dessa forma, a seguir, será discutido sobre tal possibilidade.

## **2.2 Literatura de Cordel no contexto escolar**

No ambiente escolar, é importante que o estudante se depare com situações que oportunize a ele o prazer pela leitura, interpretação e escrita de mundo, bem como o contato com uma literatura que desperte em si inquietações com vistas a formação de um sujeito crítico diante da sociedade. Entretanto, Farias (2020) pontua que a literatura na escola está se tornando escassa, pois, em livros didáticos, esta é utilizada tantas vezes para interpretação textual ou até chegar em questões gramaticais e “[...] seu valor é subvertido para a construção de resumos, fichamentos, estudos de biografia de autores, análise dos gêneros e comparação entre as escolas literárias – características e suas respectivas cronologias” (Farias, 2020, p. 15). A autora ainda acrescenta que:

Atualmente, o cordel já se cristalizou como uma maneira regionalista de contar, cantar, ler, fazer poesia e prosa, trazendo um universo democrático de temáticas a serem trabalhadas e discutidas; entretanto, permanece pouco explorado no universo escolar. De modo geral, o cordel só é lembrado de maneira esporádica em algumas datas comemorativas, como a do folclore, e nas festas juninas, com um viés pouco significativo e desconectado da realidade dos estudantes (Farias, 2020, p. 23).

Essa lembrança da Literatura de Cordel em momentos específicos do ano letivo, especialmente em datas comemorativas, também é relatada por Marinho e Pinheiro (2012). Os autores apontam que as experiências culturais a partir de obras artísticas, como é o caso da Literatura de Cordel, estão “esquecidas”, e o ambiente escolar pode ser um espaço no qual se promove a divulgação de experiências.

Melo, Silva e Galvão (2020) relatam que, ainda que de forma lenta, a escola vem se deixando permear pela cultura e tem se transformado em um ambiente consumidor da Literatura de Cordel em virtude das suas potencialidades, inclusive, no caso dos textos de cordel e xilogravuras, em outros suportes materiais não restritos as folhas de papel que montam um folheto, mas também em livros, revistas, *sites*, redes sociais, entre outros. Os autores destacam ainda que:

[...] nas últimas décadas, a escola tornou-se um dos maiores mercados consumidores dessa literatura, inclusive em outros suportes materiais que não, necessariamente, o folheto. [...]. Os leitores já não têm muito interesse por certos temas (como os heroicos) e não dispõem mais tanto tempo para a leitura e, em razão disso, tem-se buscado escrever textos mais curtos sobre temas da atualidade (Melo; Silva; Galvão, 2020, p. 81).

Na BNCC, a Literatura de Cordel é sugerida enquanto algo que ajuda na formação artística-literária dos cidadãos. Santos e Silva (2022), ao analisarem este documento, compreendem que a literatura de cordel — foco desta pesquisa — é utilizada com o objetivo de articular a oratória dos educandos sendo mencionada junta a outros gêneros em habilidades que visam propiciar a leitura e interpretação de textos. R. Silva (2022, p. 3, grifo do autor) aponta que:

O termo cordel/cordéis aparece oito vezes no documento e de forma muito frígida: quatro vezes em descritores e no campo artístico literário do Ensino Fundamental I; duas vezes nos descritores do Ensino Fundamental II; uma vez no Ensino Médio e uma vez no que é chamado de campo de experiência *Escuta, fala, pensamento e imaginação* na Educação Infantil (Silva, R., 2022, p. 3, grifo do autor).

A Literatura de Cordel e todas as produções que a compõe são pontuadas superficialmente, pois o cordel “aparece nesses momentos de forma mecânica, visto que o descritor tem apenas uma finalidade de trabalho: ora perceber a finalidade do texto, ora recitar ou ler para compreender” (Silva, R., 2022, p. 3). Além disso, em um último destaque, Santos e Silva (2022) não notam a tentativa de interligar esta manifestação cultural com uma outra disciplina diferente de Língua Portuguesa.

Tais constatações inquietam no sentido de compreender como uma manifestação cultural de tanta relevância para o Nordeste brasileiro não é contemplada de forma significativa em trabalhos realizados no âmbito da sala de aula, mas apenas em momentos e atividades esporádicas promovidas pela escola anualmente, como pontuado por Farias (2020), bem como por Marinho e Pinheiro (2012). Afinal, as temáticas pautadas na realidade constituem-se como uma forte influência para a apreciação da Literatura de Cordel na escola. Outro ponto de

destaque é o fator do cordel ser considerado mais acessível em relação a outros gêneros literários, principalmente, por conta da fácil compreensão (Melo; Silva; Galvão, 2020; Trigueiro; Santos, 2019).

Essa manifestação cultural, na escola, pode subsidiar trabalhos que fomentem a participação dos educandos por meio da organização de eventos culturais, do estudo de xilogravuras, da leitura coletiva e em voz alta, bem como com a realização de debates sobre um determinado folheto (Marinho; Pinheiro, 2012). Santos (2018, p. 74) acrescenta ainda que o trabalho com a Literatura de Cordel

[...] favorece a interpretação e compreensão dos fenômenos sociais, históricos, políticos, além de possibilitar e direcionar os alunos a relevância da cultura nordestina — em ponto de vista regional e local — constituída pela significação dos folhetos [...] (Santos, 2018, p. 74).

Entretanto, poetas entrevistados na pesquisa realizada por Melo, Silva e Galvão (2020, p. 81) relatam que “[...] os professores vêm utilizando o cordel como objeto de ensino, muito frequentemente, para transmissão de conteúdos escolares [...]”, o que faz do cordel apenas um material em que os discentes estudam diretamente um assunto para memorizar conteúdos, principalmente, pelo fato das rimas encontradas no enredo marcarem a leitura e “forçarem” a encontrar palavras que estejam ligadas ao conteúdo trabalhado e se encaixem na estrutura rígida das estrofes. Um exemplo prático e conhecido nas aulas são os chamados “macetes”, que são meios de memorizar algo importante parodiando cordéis ou canções conhecidas.

Não amparado a isso, Santos (2018, p. 76-77) pontua que:

[...] os folhetos de cordel perpassam os tempos históricos e estão presentes em nossa sociedade com diferentes finalidades, seja de informar, de rememorar os acontecimentos, seja como objeto de estudos acadêmicos, entre outros. Podemos também destacar a presença dos cordéis em diversos ambientes; antes restritos apenas nas feiras, atualmente o cordel se faz presente em restaurantes, mercados, lojas, praças, no meio virtual, nas universidades e nas escolas [...] (Santos, 2018, p. 76-77).

Na escola, o trabalho com a Literatura de Cordel, em especial com os textos de cordel, possui diversas vantagens. Agregando aquelas pontuadas por Marinho e Pinheiro (2012), Santos (2018, p. 77) discute sobre a interdisciplinaridade e relata que “[...] Além do ensinado pela escola, a leitura de cordel pode ser trazida para a vida do aluno em contextos não convividos pela escola [...]”.

Diante de algumas das potencialidades observadas a respeito do trabalho com a Literatura de Cordel na escola, destacam-se os textos de cordel como foco da produção desta pesquisa. Os cordéis se apresentam como uma opção para que “estudantes e pesquisadores

entendam determinados acontecimentos históricos, políticos e sociais [...] da perspectiva das minorias, das classes subalternas e pouco escolarizadas [...]” (Marques; Silva, 2020, p. 36). Nessa perspectiva, Santos e Silva (2022) argumentam que tal produção pode despertar o interesse estudantil para a realização de atividades, pois os textos de cordel se caracterizam principalmente pela contação de histórias e estão presentes em parte do contexto discente, sobretudo em sua vida social.

Na alfabetização, de acordo com Lopes (1994), uma parte expressiva da população aprendeu a ler com folhetos vendidos em feiras livres, contexto no qual o cordel ganhou corpo e se popularizou por meio da produção, venda e escuta. No ensino “regular”, autores como Marinho e Pinheiro (2012) defendem que a Literatura de Cordel, enquanto uma manifestação cultural nordestina — e, em especial, os textos de cordel —, deve possuir um espaço na escola, tendo em vista as especificidades desse tipo de produção. Entretanto, principalmente pelo contexto sociocultural dos estudantes ser um traço que “define” essa modalidade de ensino (Fonseca, 2002), tão plural, ao falar de experiências para além dos muros escolares, têm-se os estudantes da EPJAI como destaque.

Esses estudantes, ao chegarem à escola, como pontua Freire (2021), não deixam suas experiências adquiridas ao longo da vida do lado de fora, mas adentram esse ambiente carregando tudo aquilo que foi socialmente construído cotidianamente e em prática comunitária. Além disso, pode-se compreender que as pessoas que frequentam a EPJAI chegam à escola com seus “corpos molhados” (Freire; Faundez, 2011, p. 29) da mesma forma como os corpos dos exilados chegam a um novo país. Em diálogo com Antônio Faundez, Freire fala sobre a chegada do companheiro exilado a um novo país e comenta a ele que:

O teu corpo veio molhado, como o de qualquer exilado, do contexto de origem, molhado da história, da cultura do contexto. Molhado dos sonhos que nele tinhas, das tuas opções de luta, de teu compromisso com as classes trabalhadoras. Molhado de tuas expectativas, da idealização do próprio contexto (Freire; Faundez, 2011, p. 29).

Tal comentário acerca do companheiro não é distante da realidade daquelas pessoas que frequentam a EPJAI. Afinal, a origem de cada um entra na sala de aula; suas histórias e culturas refletem em suas ações e posicionamentos; os sonhos acompanham suas idealizações de futuro; a luta de cada um já está definida pautada em suas vivências e desafios cotidianos — ou, ao menos, já pensam sobre essas lutas —, o compromisso com a classe trabalhadora é notório, pois o trabalho é realidade na vida da grande maioria e, finalmente, as expectativas são muitas, principalmente, por uma vida mais justa e humana (Arroyo, 2017).

De acordo com o Artigo 37 da Lei nº 9.394/1996 (Brasil, 1996, p. 30) cuja redação foi atualizada pela lei nº 13.632/18 (Brasil, 2018a, p. 1), a EPJAI é destinada aos jovens, adultos e idosos que “não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida”. As pessoas que adentram as salas dessa modalidade são, majoritariamente, aquelas que não tiveram passagem pela escola ou pararam em meio a Educação Básica por serem “obrigados”, pela força da necessidade, a trocarem a escola pelo trabalho. De acordo com Arroyo (2005, p. 30), os educandos da EPJAI:

não são acidentados ocasionais que, gratuitamente, abandonaram a escola. Esses jovens e adultos repetem histórias longas de negação de direitos. Histórias que são coletivas. As mesmas vivenciadas por seus pais e avós; por sua raça, gênero, etnia e classe social (Arroyo, 2005, p. 30).

Destarte, em sua maioria, são pessoas que já se encontram inseridas no mundo do trabalho, seja ele formal ou informal, agregando mais experiência de vida em comparação com estudantes de outras modalidades de ensino. Pessoas que se afastaram do ambiente estudantil em sua idade considerada “ideal”, além daquelas que jamais tiveram a oportunidade de continuar sua vida escolar e estão regressando quando jovens, adultos ou idosos.

J. Silva (2022) pontua que, com essas pessoas, a literatura de cordel tem potencial para ser trabalhada na perspectiva de que sejam lidas coisas que perpassam suas vidas. Santos e Silva (2022, p. 10) ainda reiteram, se aproximando dos conceitos freireanos, que:

[...] os conteúdos a serem trabalhados não podem ser estranhos ao seu cotidiano, pois o que acontece no meio popular, nas periferias das cidades, na vida dos trabalhadores urbanos e rurais, não pode passar despercebido pela curiosidade que permeia a sala de aula (Santos; Silva, 2022, p. 10).

Trabalhar com temáticas não estranhas a suas realidades pode motivar o estudante a observar criticamente os textos interpretados em sala de aula com o cotidiano de cada um. Sobre essa possibilidade de trabalho, em experiência direta, Santos e Silva (2022, p. 9) consideraram que o trabalho com a literatura de cordel na EPJAI “oportunizou debater com os educandos, os saberes relacionados a temática proposta e que são oriundos de contextos sociais distintos”.

Assim, a partir de temas presentes na realidade discente, a literatura de cordel pode oportunizar diálogos que não ficam nos limites curriculares de apenas uma disciplina, mas que abarcam áreas de conhecimento diversas, como: Língua Portuguesa, Geografia, História, Matemática e outras.

A seguir, compreendida algumas potencialidades do trabalho com a Literatura de Cordel no contexto escolar — em especial os textos de cordel — será tratado, especificamente, sobre sua articulação na aula de Matemática da EPJAI.

### 2.2.1 O trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI

No âmbito da aula de Matemática assim como nas demais, o cordel evidencia mais uma de suas potencialidades, a qual consiste em, nas suas narrativas, oportunizar aos educandos o acesso ao estudo com uma linguagem considerada mais acessível, o que de acordo com Trigueiro e Santos (2019), favorece a apropriação de saberes matemáticos de maneira ainda mais significativa para os estudantes.

A linguagem de caráter mais acessível possibilitada pelos textos de cordel advém do fato de seu formato, produção, divulgação e consumo serem oriundos da oralidade. De acordo com Fonsêca e Fonsêca (2008, p. 127), a Literatura de Cordel de modo geral e, em especial, os cordéis eram “[...] originalmente realizados de forma oral [...]” e apresentados em lugares públicos como: feiras, portas de mercados municipais e praças.

Assim, os cordéis, produzidos “pelo povo e para o povo”, possuíam uma linguagem próxima para possibilitar a melhor compreensão daqueles que estavam a escutar, pois como evidencia Melo, Silva e Galvão (2020, p. 62) “[...] os folhetos eram considerados mais acessíveis do que outros meios de comunicação, e a preferência das pessoas estava relacionada, entre outros elementos, à questão da compreensão [...]”.

Dessa forma, os cordéis, não estando longe da realidade de cada um, aborda questões e temáticas capazes de propiciar o diálogo e a escuta, o que cria um ambiente no qual as pessoas podem engajar-se em conversas igualitárias. Tal ambiente, permite o compartilhamento de suas vivências, saberes e histórias de vida, o que pode possibilitar esses a lerem o mundo e refletirem sobre este durante e posterior o trabalho com o cordel. Entretanto, Santos (2023) relata que:

[...] quando se pensa em explorar os cordéis na sala de aula, a maior probabilidade é a de o indivíduo entender que essa inserção estará ligada à disciplina de Língua Portuguesa e não as aulas de Matemática. Acredita-se que tal constatação se dá pelo fato de que documentos oficiais pontuam o trabalho apenas no âmbito do componente de Língua Portuguesa e somente nele (Santos, 2023, p. 7).

Porém, como já destacado neste trabalho, as pessoas que frequentam a sala de aula da EPJAI possuem uma vasta experiência social e profissional e são nesses aspectos que se vê a possibilidade de interligar os textos de cordel, a modalidade de ensino mencionada e a Matemática.

Os discentes, ao irem à escola, principalmente aqueles que compõe as classes populares, levam o saber apropriado ao longo da vida e que foram socialmente construídos por meio de suas vivências (Freire, 2021). Arroyo (2017, p. 7), ainda argumenta que quando essas pessoas voltam para a escola

Levam para a docência, para as escolas e à EJA as injustiças com que a sociedade os castiga. Mas levam também as resistências por libertação. Como jovens-adultos trabalhadores, levam as esperanças de que os percursos escolares retomados garantam-lhe o seu direito a uma vida justa, menos injusta. Humana (Arroyo, 2017, p. 7).

Esses saberes e querer, de acordo com Freire (2021), devem ser respeitados e trabalhados na perspectiva de que se entenda a razão de ser de alguns deles em relação com o ensino dos conteúdos. No campo da Matemática, muitos são os conteúdos ligados à vida profissional das pessoas que frequentam a EPJAI, e o Quadro 1 apresenta algumas possibilidades.

**Quadro 1** – Conteúdos escolares na vida profissional dos educandos da EPJAI

<b>Onde/Como trabalha</b>	<b>Conteúdos para abordar</b>
Feira livre, vendedores ambulantes e mascates	Operações básicas, Matemática Financeira, Educação Financeira...
Agricultura	Perímetro, área, noções de geometria plana, otimização de espaços, noções de Matemática Financeira...
Construção civil (pedreiros e ajudantes de pedreiros)	Noções de geometria plana e espacial, noções de unidades de medidas...
Entregador <i>Delivery</i> e motorista de aplicativo	Unidade de medida de comprimento e tempo, Matemática Financeira...
Costureiro (a)	Unidade de medida de comprimento, geometria plana, noções de espaço...
Padeiros e cozinheiros	Unidade de medida de massa, tempo, capacidade, operações básicas...

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2023)

No Quadro 1, são apresentadas algumas profissões que permeiam a sala de aula da EPJAI, bem como alguns conteúdos que tem potencial para serem trabalhados interligando com a vida profissional de cada um deles e possibilitando reflexões acerca da sua realidade. A partir desses saberes, não estranhos aos estudantes ali presentes, pode-se estabelecer uma relação de intimidade com os conteúdos curriculares fundamentais (Freire, 2021).

Diante desse cenário, o educador pode construir, junto com os educandos, um ambiente no qual a educação acompanhe a proposta de Freire (2013), contrapondo-se a uma visão

bancária, para promover e subsidiar discussões que levem os educandos a refletirem profundamente acerca deles enquanto pessoas e, principalmente, deles enquanto agentes de transformação social (Freire, 2024). Ao oportunizar aos jovens, adultos e idosos a compreensão de que estão envolvidos diretamente com a realidade em que vivem, pode-se, dentro da sala de aula estudar sobre as estruturas e os sistemas que moldam o ambiente em que vivem, fazendo-os refletirem criticamente acerca dos limites que são impostos a si mesmos com vistas a sua libertação (Freire, 2013, 2024).

Nessa perspectiva, Santos e Silva (2023, p. 5-6, grifo nosso) pontuam algumas potencialidades notadas no trabalho com os textos de cordel na aula de Matemática da EPJAI, argumentando que ele

[...] oportuniza diversas possibilidades de diálogos, reflexões e interpretações em torno de conteúdos ligados a vida social dos sujeitos presentes, além disso, os debates agregam nas experiências e articulam a apropriação de saberes para além da compreensão acerca da palavra e sim ligadas ao entendimento do mundo (FREIRE, 1989). Os resultados [da pesquisa em questão] apontam para destacar as potencialidades do trabalho com textos de cordel na aula de Matemática da EPJAI em virtude da proximidade dos sujeitos com as temáticas abordadas e, principalmente, do fato do texto de cordel ser caracterizado pela contação de histórias. Por fim, o trabalho, de forma dialogada e contextualizada, oportuniza interligar as discussões com diversas áreas de ensino, como a Geografia, Língua Portuguesa, entre outras. Estabelecer essas pontes, possibilita um ambiente escolar articulado em torno de uma só questão, formar cidadãos críticos que sejam capazes de interpretar e compreender o mundo (Santos; Silva, 2023, p. 5-6, grifo nosso).

Dessa forma, a partir de temas cotidianos que abarquem um contexto real, envolvendo os educandos jovens, adultos e idosos, e que possuam valor para os indivíduos, os textos de cordel podem ser trabalhados na sala de aula de Matemática de forma a contribuir para a formação de sujeitos críticos, capazes de ler, interpretar e escrever sobre o próprio mundo.

Ao problematizar situações cotidianas, o cordel pode oportunizar reflexões individuais e coletivas sobre problemáticas sociais e histórias da região, ligações com o tema da aula e associações entre outros (Silva, J., 2022). Tal possibilidade já foi destacada por Marinho e Pinheiro (2012), ao sugerirem o trabalho com a Literatura de Cordel, em especial os textos de cordel, na sala de aula, pois, para os autores, oportuniza a realização de debates.

É essencial que a sala de aula seja um espaço propício para a compreensão e a escrita de mundo. Nesse caminho, o trabalho com conteúdo não estranho a realidade dos educandos da EPJAI mostra-se como um meio para exercício da criticidade dos educandos. Freire (2021, p. 28) pontua que:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se ‘aproximar’ dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver como o discurso ‘bancário’ meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo (Freire, 2021, p. 28)

Educar e ser educado de maneira crítica possibilitando a compreensão do mundo, vai além de um estudo sobre o conteúdo matemático específico para uma aula e busca produzir meios para que aprender criticamente seja possível pautando-se, principalmente, em uma realidade concreta para os envolvidos (Freire, 2021).

Assim, distanciar-se de uma concepção bancária de educação é de igual forma distanciar-se do trabalho como um “intelectual memorizador”, que é aquele que “[...] não percebe quando realmente existe nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro [...]” (Freire, 2021, p. 29). Em contraponto, é se aproximar de um “professor crítico”, o qual preocupa-se com o que se passa no meio popular, na vida dos trabalhadores urbanos e rurais que permeiam sua sala de aula, o que acontece nas periferias entre outros contextos reais (Freire, 2021; Santos; Silva, 2022).

Nesse sentido, aprender criticamente buscando compreender não apenas a palavra, mas principalmente o mundo, passa pelo exercício do diálogo em sala de aula, o qual deve ser uma prática constante pautada no axioma de que “[...] O diálogo só existe quando aceitamos que o outro é diferente e pode nos dizer algo que não conhecemos” (Freire; Faundez, 2011, p. 53), pois ele “é o encontro no qual reflexão e ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar” (Freire, 1979, p. 42).

Nessa perspectiva, transformar o mundo em que vivem pode ser também um desejo dos estudantes da EPJAI em seu retorno à sala de aula, pois esta é uma modalidade de ensino muitas vezes marcada por injustiças sociais, busca por libertação na qual as pessoas ali presentes anseiam por uma vida menos injusta (Arroyo, 2017). Nesse sentido, movidos pela busca dos seus direitos, os discentes jovens, adultos e idosos podem procurar ler e escrever o mundo criticamente, pois as suas realidades são constantemente reinterpretadas a partir dos diversos diálogos tidos no âmbito da sala de aula.

Um exemplo é aquele já apresentado no Quadro 1 que diz respeito aos estudantes que trabalham em feiras livres, como vendedores ambulantes, mascates ou afins. Ao se trabalhar com Educação Financeira, pode-se estimular uma maior compreensão de mundo para aqueles que, tantas vezes, são reféns do mecanicismo de uma Matemática Financeira. Assim, o estudante pode compreender não apenas a palavra (que no contexto da Matemática podem ser

as operações básicas, cálculos de desconto, juros entre outros), mas também o mundo (mercado financeiro, bolsa de valores, mercado de investimentos entre outros).

Ao buscar a compreensão um passo além daquilo que é oferecido para ele limitado pela realidade concreta, o educando pode apropriar-se de conhecimentos que oferecem a ele o entendimento sobre as próprias estruturas e sistemas que o sufocam (Freire, 2024). Assim, não se trata apenas de estudar além do que é oferecido na sua realidade concreta, mas trata-se de, enquanto agente de transformação social, apropriar-se de conhecimentos que possibilitem a ele a mudança da realidade em que vive, isto é, para além de conhecer as estruturas e sistemas que os moldam, é fundamental oportunizar a transformação dessas estruturas e sistemas para o bem não apenas individual, mas coletivo.

A seguir, buscando contemplar as discussões tidas até o presente momento serão apresentados os aspectos metodológicos da pesquisa.



Antes de toda viagem  
 É preciso planejar,  
 É preciso uma pesquisa  
 É preciso projetar,  
 É preciso refletir  
 E também organizar.

Se pesquisa o tempo,  
 O percurso e a distância,  
 Estabelece uma parada  
 Para alimentar a criança,  
 Escolhe uma boa música  
 Para ouvir nesta andança.

Na viagem da pesquisa  
 Muita coisa vai mudando,  
 Aparece uma ideia  
 Que vai se adaptando,  
 Promove reflexão  
 A quem vive pesquisando.

Apresento aqui e agora  
 Nossa metodologia,  
 Pois esta é fundamental  
 E a pesquisa ela guia.  
 Clareia o que está escuro,  
 Faz a noite virar dia.

Durante todo meu percurso  
 Muita coisa eu almejei.  
 Muita coisa eu aderi,  
 Muita coisa ignorei.  
 Pois, no caminho da pesquisa,  
 Muita coisa eu planejei.

Saiba que tudo foi pensado  
 Observando cada ação,  
 Até as torres mais altas  
 Foram erguidas do chão,  
 O voo troncho de um anum  
 Fez progresso e teve evolução.

## **“O VOO TRONCHO DE UM ANUM FEZ PROGRESSOS E TEVE EVOLUÇÃO”**

A expressão “O voo troncho de um anum fez progressos e teve evolução” compõem a canção “Chuva de honestidade”, escrita pelo cantor e compositor Francisco Flávio Leandro Furtado (1969—atual), conhecido simplesmente por Flávio Leandro. A música em questão trata da dolorosa partida de uma parcela da população nordestina do Brasil para o Sul do país em tempos de seca no Nordeste. Para além desse viés, o autor da canção denuncia os desmandos do governo ao trazer reflexões quanto aos investimentos na terra seca e árida que é o sertão, apontando Israel como um país em pleno desenvolvimento e que é mais seco que o Nordeste brasileiro.

A xilogravura em destaque, junto à literatura de cordel, que abre esta seção, é intitulada como “Os pássaros” por seu autor, o poeta e xilogravurista J. Borges. Este ilustre sertanejo já teve uma pequena descrição apresentada em meio a seção anterior, mas, devido a sua imensurável relevância, torna-se novamente um destaque no transcorrer desta investigação ao ter uma de suas xilogravuras escolhidas para ilustrar a abertura desta seção. A obra “Os pássaros” foi escolhida pelo fato de apresentar aves que, para o âmbito da pesquisa, podemos tomar como o “anum” do título desta seção.

Enquanto isso, na letra da canção “Chuva de honestidade”, o compositor escreve que muita coisa tem mudado, inclusive o voo tortuoso e desengonçado do pássaro “anum”, conhecido dos sertanejos por esse nome, mas, registrado pelos biólogos como “Anu”. No âmbito da pesquisa, compreendemos sua construção enquanto este mesmo voo, pois, apesar da dificuldade em realizá-lo, conseguimos fazer progressos assim como Flávio Leandro menciona em sua canção. Dessa forma, o trecho em destaque foi escolhido para fazer alusão ao percurso, caminho, estrada, o voo, isto é, a metodologia da pesquisa.

### 3.1 “Nos caminhos dessa vida”<sup>27</sup>

O delineamento metodológico da pesquisa científica possibilita ao pesquisador um caminho mais seguro para investigar o que almeja e atingir os objetivos a que se propõe estudar. Assim, todas as escolhas metodológicas devem estar em sintonia com as pretensões do estudo para que dessa forma o investigador consiga um ambiente favorável para produzir, registrar e interpretar as informações, que se caracteriza como a base para atingir o conhecimento que se propõe a produzir.

Imbuído desse preceito, o presente estudo foi estruturado com o objetivo de *investigar o potencial do trabalho com a literatura de cordel no ensino de Matemática da EPJAI, considerando sua articulação interdisciplinar e as reflexões de educandos e educador, em uma escola pública da cidade de Mirante/BA*. Diante desse foco, o pesquisador precisa *identificar possibilidades de articulação interdisciplinar, bem como analisar as reflexões de educandos e educador acerca do ensino de Matemática a partir do trabalho com a literatura de cordel*.

Para alcançar o objetivo da pesquisa, em virtude do seu viés interpretativo, escolheu-se a abordagem qualitativa, pois no âmbito da sala de aula ela envolve a obtenção de dados descritivos produzidos por meio do contato direto entre a situação estudada e o pesquisador (Ludke; André, 2013). Essa busca de dados acompanha o pensamento de Bogdan e Biklen (1994) ao defenderem que o mundo — que nesta pesquisa é a sala de aula de Matemática da EPJAI em um colégio estadual da cidade de Mirante/BA — exige um olhar com a concepção de que tudo tem potencial para se constituir enquanto dados.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), o objetivo do investigador que utiliza a abordagem qualitativa é o de compreender com clareza os comportamentos e experiências humanas. Dessa forma, o presente estudo, buscou atender as cinco características básicas indicadas pelos autores, sendo: o pesquisador como seu principal instrumento; o ambiente natural da sala de aula como fonte direta de dados; o aspecto descritivo dos dados produzidos; a ênfase no processo maior que no produto; um olhar para o significado que os sujeitos da pesquisa dão para as coisas; e uma análise de dados que siga um processo indutivo.

A abordagem qualitativa possibilita a obtenção detalhada das informações e, para isso, a utilização de procedimentos e instrumentos diversificados potencializa a produção dos dados da pesquisa (Batista; Gomes, 2021), a fim de oferecer subsídios ao pesquisador para uma maior

---

<sup>27</sup> O trecho “Nos caminhos dessa vida” é parte da canção “O menino da porteira” composta por Teddy Vieira de Azevedo (1922—1965), entretanto a música ganhou destaque na voz de Sérgio Bavini (1940—atual), conhecido popularmente como Sérgio Reis. O trecho em destaque dá nome a subseção que se tratará acerca do caminho metodológico desta pesquisa. Articulando com este estudo, a “vida” refere-se a “pesquisa” e ao fazer a troca de palavra tem-se que nessa subseção serão abordados aspectos vistos “nos caminhos dessa pesquisa”.

profundidade ao analisar um determinado fenômeno. Convencido de tais pressupostos, para a produção de dados foram utilizados os seguintes procedimentos e instrumentos: observação, entrevista semiestruturada, diário de campo e gravações de vídeo e áudio, os quais a seguir serão apresentados e, posteriormente, detalhados com informações como duração, horários, qualidades, dentre outros.

Por meio da observação, o pesquisador consegue contemplar uma parte da realidade (Pádua, 2016), no caso, uma sala de aula de Matemática da EPJAI, onde educandos e educador desenvolvem atividades. Olhando para o objetivo dessa pesquisa, a observação permitiu analisar os diálogos produzidos, possibilitando ao investigador refletir com clareza e profundidade no tocante às condições humanas e ao trabalho em seu momento de realização. Tal procedimento possibilita ainda ao pesquisador, em seu trabalho de campo, adentrar no mundo do sujeito, pois ele estará no ambiente escolar registrando de forma não intrusiva dados descritivos que podem surgir ao passo que a aula é desenvolvida (Bogdan; Biklen, 1994).

A observação possibilita um leque de informações e, em uma investigação qualitativa, ela pode ser articulada em conjunto com entrevistas semiestruturadas, pois essa “[...] coloca o entrevistador próximo ao problema investigado, lhe permitindo assim, conhecer melhor o objeto de pesquisa” (Fontana; Rosa, 2021, p. 228), além de possibilitar o desenvolvimento de ideias acerca da forma como cada indivíduo, em sua singularidade, compreende e interpreta o mundo (Bogdan; Biklen, 1994), que, no âmbito da pesquisa é a aula de Matemática. A escolha de tal procedimento ancora-se, ainda, na perspectiva de que ele permite ao pesquisador obter dados descritivos na linguagem própria dos sujeitos da pesquisa, oferecendo a possibilidade “[...] de os entrevistados elaborarem respostas e/ou argumentações mais amplificadas, ou seja, eles possuem mais liberdade com relação à arguição [...]” (Fontana; Rosa, 2021, p. 230).

Outra característica importante para a escolha das entrevistas semiestruturadas como procedimento dessa pesquisa é a possibilidade de o entrevistador/pesquisador preencher lacunas que, porventura, tenham sido deixadas no trabalho em sala de aula, pois ele possui uma certa liberdade como condutor da entrevista e tal aspecto lhe permite uma exploração abrangente. Afinal, na entrevista semiestruturada, o pesquisador está em contato direto com o entrevistado e, nesse momento, trabalha “[...] na feitura de perguntas, no estabelecimento de respostas e na construção de conversações. Isso determina uma maior flexibilidade ao processo de levantamento dos dados/informações correlatas aos desígnios da pesquisa” (Fontana; Rosa, 2021, p. 230).

O diário de campo e as gravações de vídeo e áudio foram instrumentos necessários no âmbito do registro dos dados produzidos. As anotações realizadas, ao passo que o pesquisador

observa o desenvolvimento da aula oportunizam, além do registro, o detalhamento dos acontecimentos vistos no decorrer da aula e que são relevantes (Pádua, 2016), pois, “[...] o diário de campo consiste num conjunto de narrações que refletem condutas, nas dimensões objetiva e subjetiva, sobre os processos mais significativos da ação” (Batista; Gomes, 2021, p. 254). No âmbito da presente investigação, tal ferramenta subsidiou o registro de momentos da observação dos fatos, impressões pessoais sobre o ambiente, acontecimentos e as relações Educador-Educando, Educando-Educador e Educando-Educando.

As gravações se subdividem em dois tipos: as de áudio e as de vídeo (a qual chamaremos de filmagem). As gravações de áudio foram utilizadas para registrar as falas em todas as entrevistas e capturar os diálogos no momento de discussão em grupo. Entretanto, nas pesquisas em educação, é preciso compreender as ações em sua essência, sendo necessário, em alguns casos, registrar gestos, comportamentos e ações daquelas pessoas que participam do estudo (Batista; Gomes, 2021). Assim, as filmagens foram utilizadas durante toda a realização das aulas. Em ambos os casos, tal instrumento proporciona o registro dos momentos em todo o seu fazer, permitindo ao pesquisador capturar, na íntegra, as falas dos educandos, bem como do educador (Batista; Gomes, 2021).

Nesta pesquisa, as filmagens ainda subsidiaram a análise, oportunizando, posteriormente, a revisão do que foi filmado, o que contribuiu “[...] minimizando a questão da seletividade do pesquisador, uma vez que a possibilidade de rever várias vezes as imagens gravadas direciona a atenção do observador para aspectos que teriam passado despercebidos” (Pinheiro; Kakehashi; Angelo, 2005, p. 718) no momento da observação. A filmagem também pode contribuir para a fidedignidade dos dados produzidos, pois possibilita a redução de interferências, tendo em vista o recurso da imagem (Batista; Gomes, 2021). Além disso, tanto as gravações de áudio (entrevistas e discussão em grupo) quanto as filmagens (aulas) foram utilizadas para transcrever as falas dos participantes da pesquisa e estas serão apresentadas no capítulo de análise dos dados para o diálogo com o aporte teórico.

A seguir, se discorrerá sobre o cenário da pesquisa. Então...

### **3.2 “Pegue a viola e sanfona que eu tocava, deixe o bule de café em cima do fogão”<sup>28</sup>**

---

<sup>28</sup> Os versos “Pegue a viola e a sanfona que eu tocava, deixe o bule de café em cima do fogão” compõem a canção “Fogão de lenha” lançada em 1987 e de autoria dos compositores Carlos de Carvalho Colla (1944—2023), Maurício Duboc (1951—atual) e Durval de Lima (1957—atual), este último é popularmente conhecido pelo nome artístico Xororó e forma dupla com o cantor de nome artístico Chitãozinho. A música conta sobre o retorno de um filho que deixou sua família para ganhar a vida em busca do sucesso e ser independente, mas não contava com o fato de a distância das pessoas queridas causar sofrimento. Talvez por isso, tocando o coração de mães e filhos

Para compreender os resultados gerados por uma pesquisa, é importante conhecer o contexto em que ela foi realizada. O município de Mirante, conforme apresenta a Figura 1, localiza-se na mesorregião Centro Sul da Bahia e, de maneira específica, está situado no Território de Identidade<sup>29</sup> Sudoeste Baiano a aproximadamente 500 (quinhentos) quilômetros de sua capital Salvador e a 130 (cento e trinta) quilômetros da cidade de Jequié/BA, sede do PPG ECFP.

**Figura 1** – Localização do município de Mirante no mapa da Bahia



Fonte: Wikipédia<sup>30</sup>, 2023.

O município integra o bioma da caatinga e situa-se dentro daquele que é denominado Polígono das Secas, o qual se caracteriza pelos baixos índices de chuva, gerando prejuízos a aspectos ligados às condições socioeconômicas de uma parte considerável da sua população (Santos, R., 2022). De acordo com o mais recente censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2022, totaliza um quantitativo de 10.187 (dez mil cento e oitenta e sete) habitantes.

No que tange ao contexto educacional, o município possui uma única unidade escolar de Ensino Médio, denominada Colégio Estadual Professor Diomar Silva Brito (CEPDSB), o qual foi escolhido para esta pesquisa e tem sua fachada interna apresentada na Figura 2.

---

que passaram ou passam por situação semelhante, a canção repercutiu dentro e fora do mundo sertanejo, tornando-se um hino e entrando para a história na música brasileira (Versos & Prosas, ©2023). No âmbito da pesquisa, o trecho da música intitula a subseção que tratará sobre o cenário da pesquisa, o qual é a origem do pesquisador que se encontra retornando à terra natal para fins de estudo após cinco anos.

<sup>29</sup> De acordo com o Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB), “o Estado da Bahia organiza os seus 417 municípios em 27 Territórios de Identidade, que se constituem como Unidades de Planejamento das Políticas Públicas, delineadas a partir de agrupamentos identitários municipais, geralmente contíguos, formados de acordo com critérios sociais, culturais, econômicos e geográficos” (Bahia, 2020, p. 22).

<sup>30</sup> A imagem que indica a localização do município de Mirante no mapa pode ser encontrada no seguinte *link*: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/0e/Bahia\\_Municip\\_Mirante.svg/250px-Bahia\\_Municip\\_Mirante.svg.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/0e/Bahia_Municip_Mirante.svg/250px-Bahia_Municip_Mirante.svg.png)

**Figura 2** – Fachada do Colégio Estadual Professor Diomar Silva Brito



Fonte: Arquivo dos autores (2024)

A escolha dessa unidade de ensino se dá por diversas razões. A primeira delas diz respeito ao alcance do projeto Literatura de Cordel na Aula de Matemática<sup>31</sup>, no qual esta pesquisa está contida e que é coordenado pelo orientador desse estudo. Inicialmente, a proposta seria desenvolver a produção de dados em uma escola parceira do projeto na cidade de Vitória da Conquista/BA, pois era lá que todos os pesquisadores do projeto — na época — moravam e desenvolviam seus estudos. Entretanto, notando essa concentração na referida cidade e o interesse de aumentar o alcance do projeto em municípios vizinhos, decidiu-se buscar novos horizontes em Jequié/BA, que é a sede do PPG ECFP.

Nesse novo contexto, o pesquisador encontrou algumas dificuldades, dentre elas: o pouco interesse dos educadores em aceitar a pesquisa em sua sala de aula, especialmente por influência da procura ser realizada em reta final do ano letivo — percepção minha — e o receio quanto aos procedimentos e instrumentos para produção de dados, em particular as gravações de áudio e vídeo, bem como as entrevistas (fala direta do educador em conversa informal). Apesar de ser a cidade sede de PPG ECFP, tornou-se inviável desenvolver o trabalho em meio as turbulências de uma baixa aplicabilidade, principalmente em virtude das dificuldades impostas quanto os procedimentos e instrumentos para produção de dados, que são considerados essenciais para a pesquisa, mas temidos pelos educadores. Dessa forma, na busca por um cenário de pesquisa que aumentasse o alcance do projeto, pensou-se na cidade de Mirante/BA, pois essa também se constitui como um novo horizonte, além de ser a minha cidade natal.

---

<sup>31</sup> Link para o site do projeto: <http://www2.uesb.br/projeto/cordelmatematica/>. O projeto Literatura de Cordel na Aula de Matemática está registrado sob o seguinte código no Comitê de Ética em Pesquisa: CAAE: 67756822.3.0000.0055

Uma segunda razão para a escolha do CEPDSB foi o meu desejo em colaborar para o avanço da produção científica não apenas no âmbito da minha vida profissional, mas também para a melhoria da educação em minha cidade de origem com a abertura dela para o recebimento de pesquisas científicas, afinal, existe apenas um registro<sup>32</sup> de estudos a nível de graduação ou pós-graduação tendo o município ou uma unidade de ensino dele como campo de investigação.

O CEPDSB, refletindo as dimensões do município e seus índices populacionais, possui uma estrutura de pequeno porte. Em 2023<sup>33</sup>, no turno vespertino, ofereceu aulas exclusivas para a modalidade do ensino dito regular, enquanto no noturno acolhe estudantes do Tempo Juvenil (TJ<sup>34</sup>) e EPJAI, além de uma única turma de ensino regular (3º ano). No supracitado, a unidade escolar recebeu um total de 311 (trezentos e onze) matrículas, que se distribuem da seguinte forma: 256 (duzentas e cinquenta e seis) matrículas no ensino regular, 22 (vinte e duas) matrículas no TJ e, finalmente, 33 (trinta e três) matrículas na EPJAI.

Na EPJAI, modalidade tomada como foco desta pesquisa, as matrículas se subdividem em duas turmas: uma da Etapa VI e outra da Etapa VII, sendo ambas do Tempo Formativo<sup>35</sup> III – Terceiro Segmento. Ao final do ano letivo, tendo a base de dados sido atualizada, retirando dela aqueles estudantes desistentes, na EPJAI Etapa VI estavam matriculados 9 (nove)

---

<sup>32</sup> R. Santos (2022).

<sup>33</sup> Ano em que foi realizada a produção de dados no colégio.

<sup>34</sup> A SEC/BA publicou, em 2010, a Portaria de Matrícula Nº 8.392 de 04 e 05 de dezembro de 2010 determinando que “a idade mínima para matrícula na educação de jovens e adultos é de 15 (quinze) anos completos para o ensino fundamental e 18 (dezoito) anos completos para o ensino médio” (BAHIA, 2010, p. 14). Tal publicação fez com que os educandos em idade/série defasada fossem migrados automaticamente para turmas de EPJAI com idade mais avançada que a deles, entretanto, a mudança causou contratempos nas escolas que atendiam essas turmas. De acordo com depoimentos de professores da rede, os educandos não conseguiam promover um ambiente propício para o desenvolvimento de atividades, pois os mais jovens causavam casos de indisciplina e os mais experientes refutavam a forma deles se portarem (BAHIA, 2013). Assim, com o objetivo de resolver o problema apresentado sem deixar de atender os educandos adolescentes, a SEC/BA, em 2013, apresentou o TJ para estudantes de 15 a 17 anos relatando que tais sujeitos devem ter seus direitos garantidos dentro do seu percurso escolar e, para isso, o TJ se inspirava nos pressupostos da EPJAI para a construção de um espaço que melhor se adequasse as especificidades desses educandos com uma defasagem idade/série, mas que ainda são jovens para ingressarem em uma EPJAI (BAHIA, 2013). Dessa forma, a partir de 2014, as turmas da EPJAI deixaram de receber educandos em idade inferior a 18 anos e esses discente com faixa etária entre 15 (quinze) e 17 (dezessete) anos passaram a ter uma opção de matrícula de maneira específica no TJ “considerando o currículo para atendimento pedagógico desse tempo humano e apresentando organização própria” (BAHIA, 2014, p. 24).

<sup>35</sup> De acordo com Chagas (2020), a SEC/BA, em 2009, apresentou pela política da EPJAI uma proposta curricular estruturada em três Tempos Formativos, cada um composto por eixos. Segundo a autora, os Tempos Formativos se configuram da seguinte forma: “1º Tempo: Aprender a Ser - em três anos (contendo 3 eixos temáticos), com 01 ano de duração cada um (Identidade e Cultura; Cidadania e Trabalho; Saúde e Meio Ambiente); 2º Tempo: Aprender a Conviver - em dois anos (apresenta 2 eixos temáticos), com 01 ano de duração cada um (Trabalho e Sociedade; Meio Ambiente e Movimentos Sociais); 3º Tempo: Aprender a Fazer - em dois anos (finaliza com 2 eixos temáticos), com 01 ano de duração cada um (Globalização, Cultura e Conhecimento; Economia Solidária e Empreendedorismo)” (Chagas, 2020, p. 96-97). Posteriormente, com reformulações e atualizações, o termo “eixo” foi substituído por “etapa”. É válido destacar ainda que o 1º Tempo Formativo corresponde ao primeiro segmento da educação fundamental, isto é, ao Ensino Fundamental em seus Anos Iniciais. De forma semelhante, o 2º Tempo Formativo equivale ao segundo segmento da educação fundamental em seus Anos Finais e, por fim, o 3º Tempo Formativo refere-se ao terceiro segmento, ou seja, o Ensino Médio.

educandos (5 homens e 4 mulheres), dos quais 5 (cinco) deles possuíam 19 (dezenove) anos, enquanto os demais tinham, respectivamente, 25 (vinte e cinco), 30 (trinta), 37 (trinta e sete) e 38 (trinta e oito) anos. Assim, a média de idade da turma girava em torno dos 25 (vinte e cinco) anos com uma faixa etária entre 19 (dezenove) e 38 (trinta e oito) anos. Enquanto isso, na EPJAI Etapa VII, estavam matriculados 15 (quinze) estudantes (5 homens e 10 mulheres), dos quais a faixa etária variava de 19 (dezenove) a 42 (quarenta e dois) anos, com uma média de idade em aproximadamente 29 (vinte e nove) anos. A descrição desses sujeitos será feita posteriormente.

Para a realização da aula as turmas não foram tratadas de forma separada, pois a unidade de ensino orientou a junção delas tendo em vista a reta final do ano letivo, o baixo número de educandos frequentes nas aulas, bem como a dificuldade de conciliar horários. Tais aspectos serão mais bem detalhados a seguir, quando se apresentará aspectos da produção de dados e sua estruturação.

### **3.3 “O vaqueiro assombrava-se com a ideia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar”<sup>36</sup>**

Para essa subseção, tendo em vista o relato da imersão na escola, o contexto de produção de dados, bem como as falas acerca dos sujeitos que compõe a pesquisa, ousou escrever em primeira pessoa. Esse foi o momento mais próximo que tive com pessoas nesse estudo e o acolhimento do educador, da escola e dos demais sujeitos que a compõem não me permite distanciar a fala em uma terceira pessoa.

#### 3.3.1 “Se”<sup>37</sup>: Os passos antes das aulas

---

<sup>36</sup> O trecho “O vaqueiro assombrava-se com a ideia de que se dirigia a terras onde talvez não houvesse gado para tratar” (Ramos, 2024, p. 117) intitula a subseção em que se tratará da produção de dados dessa investigação. Trazendo para o contexto desse estudo, o “vaqueiro” refere-se ao pesquisador, as “terras” ao campo de pesquisa e o “gado para tratar” são os dados a serem produzidos. Dessa forma, trocando as palavras, tem-se que “o pesquisador assombrava-se com a ideia de que se dirigia a campos de pesquisa onde talvez não houvesse dados a serem produzidos”. Tal situação não é estranha em meio as pesquisas acadêmicas, pois é comum aos pesquisadores o questionamento sobre um determinado lugar ou contexto ter potencial para se produzir dados suficientes a fim de atingir o objetivo proposto pelo estudo. Portanto, ao escolher esse trecho no qual o vaqueiro se encontra angustiado diante da situação, revela-se também a minha angústia como pesquisador.

<sup>37</sup> “Se” é um cordel de autoria do contemporâneo poeta cordelista Bráulio Bessa. Dentre os 51 primeiros versos dessa narrativa, o autor escreve poeticamente utilizando em praticamente todos os versos a expressão “se”, por exemplo: “E se ninguém me der força” (Bessa, 2018, p. 26); “E se o amor for dor” (Bessa, 2018, p. 26); “E se for tarde demais” (Bessa, 2018, p. 27) e “E se eu pudesse voltar...” (Bessa, 2018, p. 27). Nesses versos iniciais, Bráulio busca refletir sobre as incertezas da vida e as diversas inseguranças que assolam o psicológico humano, para nos últimos 26 versos poetizar sua mensagem de confiança utilizando-se da mesma expressão, porém agora com um novo sentido. Nos versos finais o cordelista escreve: “Se levante, se refaça” (Bessa, 2018, p. 27); “Se encante pela chance” (Bessa, 2018, p. 28); “Se olhe, se valorize” (Bessa, 2018, p. 28) e “Se ame e seja amor” (Bessa, 2018, p.

Ao caminhar para a produção de dados, muitas dúvidas e incertezas permeavam a minha mente. Ao me inquietar com tamanha angústia, lembrei-me dos momentos de discussões nas disciplinas do curso de mestrado em que debatíamos sobre o fato de que na produção de dados “[...] os primeiros dias poderão ser duros [...] se não estiver preparado para cometer erros [...]” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 122).

No processo de construir a produção de dados junto ao educador, conversamos, ele e eu, inicialmente de maneira virtual, pois, nesse meio tempo, precisei estar na cidade sede do PPG ECFP para concluir algumas disciplinas do segundo semestre. Entretanto, notando a necessidade de aproximar a minha fala e escutar mais o docente, marcamos uma reunião presencial na véspera da semana que aconteceria a produção de dados.

Como já mencionado neste trabalho, Mirante é a minha cidade natal, entretanto, ainda é preciso dizer que na cidade existe apenas um colégio estadual e, dessa forma, fui estudante da unidade escolar entre os anos de 2015 e 2017. Ao retornar nesse ambiente, encontrei muitos rostos conhecidos: secretárias, zeladoras, merendeiras, vigilantes, educadores, membros da direção e alguns estudantes que abandonaram os estudos quando eu também era estudante da instituição e regressaram no mesmo ano que a pesquisa foi realizada.

No primeiro horário da noite, já estava na sala dos docentes para me reunir com o educador Leandro<sup>38</sup>, o qual será apresentado de forma detalhada junto com os demais participantes da pesquisa posteriormente. Esse momento, para além de uma reunião na qual conversaria pessoalmente com o docente, me possibilitaria uma imersão no campo de pesquisa, pois ali estaria por toda a noite notando movimentos na escola e conversando com alguns daqueles que a frequenta.

---

28). Os 77 versos que compõem o cordel “Se” (Bessa, 2018, p. 26), refletem os passos do pesquisador antes da realização das aulas. Nesse período houve diversas conversas e reuniões com o educador colaborador da pesquisa, além disso, foi escrito e apresentado ao docente o cordel a ser trabalhado na aula. Tal etapa, inicialmente, encheu o pesquisador de incertezas e inseguranças, porém, semelhante o referido cordel de Bráulio, a reta final foi tomada pela sensação de confiança.

<sup>38</sup> Nessa pesquisa utilizaremos de nomes fictícios em substituição ao nome dos participantes (educador e educandos). Para o educador, escolheu-se o codinome Leandro, fazendo alusão ao poeta cordelista Leandro Gomes de Barros (1865—1918), primeiro escritor brasileiro de literatura de cordel. Em seu tempo era chamado de “O primeiro sem segundo” e até os dias atuais figura como o maior poeta popular do Brasil de todos os tempos. Em sua homenagem, comemora-se no dia 19 de novembro o dia do cordelista, pois foi neste dia que o poeta veio ao mundo. Duas sugestões de leitura dada pelo autor deste trabalho são os cordéis: “O dinheiro” e “O cachorro que defecava dinheiro”. Dois dos três textos que inspiraram Ariano Suassuna (1927—2014) a escrever a famigerada trama do “Auto da compadecida”. De forma semelhante será feito com os educandos que compõem a pesquisa. Os nomes foram selecionados pelo pesquisador de acordo com seus conhecimentos acerca de poetas cordelistas, bem como tomando como base o dossiê descritivo apresentado no ano de 2018 ao Conselho Consultivo do IPHAN para a avaliação da pertinência do registro da Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural Brasileiro. O dossiê pode ser acessado pelo link: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf)

Foi interessante notar o quando essa imersão aconteceu desde antes dessa reunião, pois foi inviável conversar com o educador em um ambiente que não estivéssemos a sós. A todo momento chegava um outro docente, uma funcionária antiga da secretaria, alguém do setor de alimentação, responsáveis pela limpeza do ambiente, dentre outros. Fato é que minha imersão no campo de pesquisa não foi iniciada naquela noite, mas aconteceu em 2015, quando cursei naquela instituição meu primeiro ano do Ensino Médio. A dinâmica da escola não havia mudado, o diretor era o mesmo, as merendeiras, algumas secretárias, educadores, o vigilante, tudo permanecia, senão igual, ao menos semelhante.

Em uma sala reservada com o educador Leandro, conversamos sobre a pesquisa e o seu desenvolvimento até aquele momento. É importante lembrar que, antes dessa conversa pessoal, tivemos diversos momentos de diálogo virtual, nos quais falávamos sobre as características das turmas de EPJAI do CEPDSB e sobre algumas possíveis abordagens para aula, temáticas que seriam interessantes dentre outros temas. Em uma dessas conversas, o docente comentou que estava trabalhando com Matemática Financeira e, por estarmos em meados de novembro, lembramos que a *Brack Friday* já estava próxima. Dessa conversa tiramos o tema da aula e a inspiração para que eu pudesse produzir o cordel a ser trabalhado nela.

Nessa conversa presencial, após falar sobre nuances da pesquisa, expus a Leandro o cordel *Desconto de fim de ano*, o qual será apresentado na próxima subseção. O educador acolheu o que foi lido e começamos a escrever juntos um plano de aula — que também será apresentado nas próximas subseções — especificando alguns pontos que poderiam contribuir para o desenvolvimento da aula. Acabamos nossa reunião de duas horas com o plano de aula elaborado e com os próximos passos da pesquisa articulados. Foi interessante notar o interesse do docente para realização do trabalho e suas falas sobre os educandos que perpassam a sua sala de aula.

### 3.3.2 “Desconto de fim de ano”: um cordel para a realidade

A literatura de cordel intitulada *Desconto de fim de ano* foi escrita pelo educador, pesquisador e poeta cordelista Jabson Costa Santos (1999—atual). A narrativa conta a história de Maria, personagem principal ao lado do vendedor, que chegando ao fim de ano e aproximando-se do período de confraternizações, resolve comprar roupas novas para usar nas festas. Na busca pelo vestuário do seu agrado, Maria se depara com uma loja na qual é oferecido um desconto de *Brack Friday*, entretanto, por ser uma cliente atenta e ao se lembrar dos preços antes desse período, a personagem nota algo de estranho. O enredo se desenrola em torno do

diálogo entre os personagens argumentando o que seria melhor a se fazer e termina lançando aos leitores um questionamento. Confira a trama na íntegra:

Já beirando o fim de ano  
 No tempo de festejar  
 Maria saiu de casa  
 Querendo roupa comprar  
 Passava em toda loja  
 Mas, nem aqui nem acolá

Maria é moça esperta  
 E já vinha pesquisando  
 Mas, o preço estava alto  
 Pois já era fim de ano  
 Além da roupa surrada  
 Do povo ficar provando

As roupas não eram boas  
 O preço estava salgado  
 Não tinha o seu tamanho  
 O atendimento fraco  
 Fato é que pra Maria  
 Não estava nada fácil

Já cansada, desatenta  
 Viu em sua direção  
 Uma placa estampada  
 Escrita com perfeição:  
 "*Brack Friday* fim de ano  
 Aproveite o descontão"

O olho mostrou um brilho  
 Afinal, diga a verdade,  
 Comprar roupa já é bom  
 E com desconto é raridade  
 Ainda mais no fim do ano  
 Em uma pequena cidade

Embrenhou-se porta a dentro  
 Encontrando linda roupa  
 Estava feliz da vida  
 Com um sorriso na boca  
 Mas, o pobre é sofredor  
 E tem alegria pouca

Já pronta para pagar  
 Com a carteira em sua mão  
 Perguntou qual o valor  
 E quase caiu no chão  
 Retrucando prontamente:

*Mas, cadê o descontão?*

*Mês passado a mesma roupa  
Estava ali pendurada  
Custava duzentos contos  
E não vendia por nada  
Para agora com o desconto  
A roupa ficar mais cara?*

*Não consigo entender  
Cadê esse descontão?  
Isso não me cheira bem  
Tem cara de enganação  
E eu posso até ser pobre  
Mas, eu não sou tonta não*

*40% de desconto  
Duzentos e dez eu pago  
Sendo que a pouco tempo  
Estava ali estampado  
E ninguém ousou comprar  
Pois, estava achando caro*

*O vendedor lhe respondeu  
Todo desarticulado:  
Espere aí, Maria  
Tudo será ajustado.  
Tentando assim não deixar  
O povo desconfiado*

*Maria já chateada  
Com o que ele tinha feito  
Disse logo ao vendedor:  
Não ajusta, não tem jeito!  
Saindo daqui agora  
Vou procurar meu direito*

*E para além disso tudo  
Vou comprar noutra lugar  
Vou na cidade vizinha  
Vou procurar e achar  
E uma roupa bonita  
Nessa festa vou usar*

*O vendedor respondeu:  
Maria, larga de arte  
Comprando aqui é melhor  
Pois, não vai pagar passagem.  
Você trabalha, não tem tempo.  
Fora o desgaste da viagem?*

Maria disse: *Não me importo!*  
*No final é até melhor!*  
*Pois, lá encontro mais roupa*  
*E aqui tem uma só*  
*Além da variedade*  
*O preço é até menor.*

O vendedor conhecendo  
 O erro que cometeu  
 Recolheu aquela roupa  
 À Maria disse: *Adeus!*  
*Verifique melhor preço*  
*Se é o deles ou o meu.*

Maria ali não comprou  
 Fez assim o seu protesto  
 O vendedor não vendeu  
 O lugar ficou aberto  
 E a pergunta é a seguinte:  
 Afinal, quem está certo?<sup>39</sup>

Para a produção do folheto a ser trabalhado na aula, destaca-se a importância de uma capa que seja condizente com o enredo, pois, além de contribuir com uma função estética, as xilogravuras auxiliam na construção de sentidos por parte do leitor, possibilitando variadas leituras de um mesmo texto (Melo; Silva; Galvão, 2020). Imbuído desse preceito, o autor escolheu a xilogravura que tem como autora Carla Vieira e carrega o título *Cordel de Maria Bonita*. Tal produção pode ser vista conforme Figura 3 e encontra-se de acesso livre.

---

<sup>39</sup> A literatura de cordel intitulada *Desconto de fim de ano* foi produzida exclusivamente para a pesquisa, dessa forma, até a finalização deste estudo, ela não foi publicada em livro, revista ou em forma de folheto de cordel. A narrativa também se encontra no apêndice A, pois dessa forma pode-se localizá-la facilmente em meio aos materiais.

Figura 3 – Cordel de Maria Bonita



Fonte: *Site Pinterest*<sup>40</sup>

A escolha se deu em virtude da xilogravurista retratar uma mulher que, além de ser conhecida em meio a Literatura de Cordel, é ainda homônima da personagem principal, Maria. Escolhida a xilogravura para a capa e tendo o cordel produzido, montou-se o folheto para entregar aos educandos no momento da realização das atividades, conforme Figura 4.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://pin.it/3mBxarE>. Acesso em: 20 nov. 2023

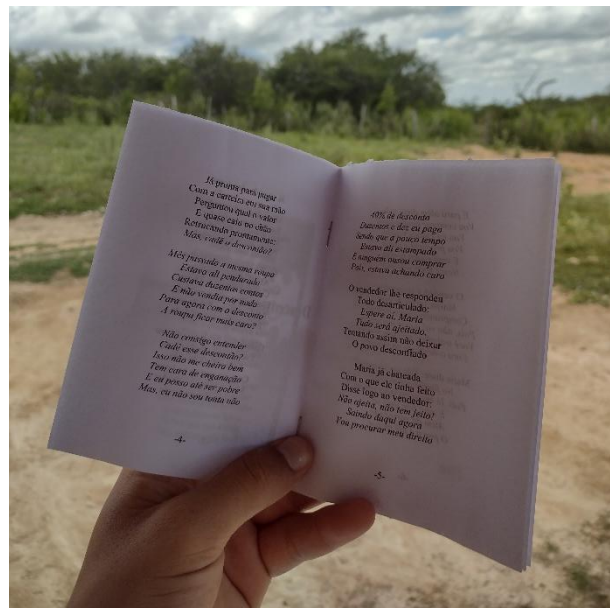
**Figura 4 – Capa do folheto “Desconto de fim de ano”**



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

O intuito foi apresentar aos educandos uma experiência real com a literatura de cordel, para isso, não se poderia apenas entregar uma folha com o texto para ser lido, mas seria necessário produzir o folheto da mesma forma como ele era vendido nas feiras livres, bancas, mercados municipais, praças, livrarias, dentre outros. Dessa forma, estruturando o folheto, os discentes teriam um contato ainda mais próximo daquilo proposto para a aula, o trabalho com a literatura de cordel. A Figura 5 apresenta o interior do folheto.

**Figura 5 – Interior do folheto “Desconto de fim de ano”**



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Com o folheto produzido, a estruturação da aula, bem como a elaboração de um plano a ser seguido foram os próximos passos.

### 3.3.3 A estrutura e o desenvolvimento das aulas

Para a realização das aulas foi tomado como base o folheto *Desconto de fim de ano. O cordel* foi apresentado na subseção anterior e tem ainda seu enredo registrado no apêndice A. Como abordado, a narrativa se desenrola em torno do diálogo de Maria e o vendedor, culminando com o narrador lançando aos leitores um questionamento: *Afinal, quem está certo?* É em cima dessa, bem como outras perguntas e argumentações, que a aula se desenvolve pautada em um diálogo constante e buscando pela melhor opção para a personagem Maria.

O educador Leandro, após seu contato com a versão final dessa literatura de cordel e inspirado em suas navegações pelo *site* do projeto Literatura de Cordel na Aula de Matemática, estruturou junto ao pesquisador um plano de aula, o qual pode ser visto no apêndice B. Esse plano, segundo o próprio docente, foi pensado de acordo a realidade concreta da sua sala, e sua realização foi dividida em dois dias, pois levou-se em consideração o quadro de horário das turmas, o qual é apresentado a seguir.

**Quadro 2** – Horário de aula das turmas de EPJAI nas terças e quartas

Aula	Horário	EPJAI VI		EPJAI VII	
		Terça-feira	Quarta-feira	Terça-feira	Quarta-feira
Aula 1	18h50	-	-	-	-
Aula 2	19h25	-	-	-	-
Aula 3	20h	-	-	-	Matemática
Intervalo	20h35	Intervalo (15min)			
Aula 4	20h50	Matemática	-	-	Matemática
Aula 5	21h25	Matemática	-	-	-

Fonte: Produzido pelo pesquisador (2023)

Nota-se, conforme é apresentado no Quadro 2, que cada turma de EPJAI possui duas aulas de Matemática ao longo da semana e que elas não coincidem, pois Leandro é o responsável por ministrar essa disciplina em ambas. Assim, precisou ser realizada uma adaptação tomando aulas cedidas por outros educadores.

Dessa forma, na terça-feira, a turma da EPJAI VII foi liberada das aulas de outras disciplinas e juntou-se à turma da EPJAI VI no horário destinado as aulas 4 e 5. De igual forma, na quarta-feira, em um movimento oposto, a turma da EPJAI VI juntou-se à turma da EPJAI VII para prosseguir as atividades no horário correspondente as aulas 3 e 4. Portanto, após as liberações, estruturações e adaptações de horário, as aulas para realização da pesquisa ficaram organizadas da forma como se apresenta no Quadro 3.

**Quadro 3** – Horário de aula adaptado para a produção de dados

Aula	Horário	EPJAI	
		Terça-feira	Quarta-feira
Aula 1	18h50	-	-
Aula 2	19h25	-	-
Aula 3	20h	-	Matemática
Intervalo	20h35	Intervalo (15min)	
Aula 4	20h50	Matemática	Matemática
Aula 5	21h25	Matemática	-

Fonte: Produzido pelo pesquisador (2023)

É importante salientar que, excepcionalmente nessa semana, cada turma passaria a contar com quatro aulas de Matemática, pois assim seria possível desenvolver a produção de dados em uma única semana, atendendo a orientações da direção e compreendendo que a reta final do ano letivo não permitia um maior tempo para a pesquisa.

Outro tópico que merece destaque, e pode ser notado nos Quadros 2 e 3, é o que corresponde à carga horária das aulas. Todas as turmas do noturno, conseqüentemente as da EPJAI, possuem cinco aulas diariamente, porém, o tempo delas é reduzido em relação as turmas dos outros turnos, deixando de contar com 50 minutos (min) por aula e passando a contabilizar apenas 35min. Dessa forma, a carga horária de ambos os dias foi de 70min, que, somados, totalizam 140min de aulas destinadas à pesquisa, com a ressalva de que, no segundo dia, as aulas não eram germinadas.

Compreendidos os aspectos voltados às aulas destinadas à pesquisa, bem como apresentado o plano de aula elaborado pelo educador Leandro, o qual pode ser estudo no apêndice B, a seguir será abordado sobre o período após a realização das aulas.

### 3.3.4 “Lamento sertanejo”<sup>41</sup>: Os passos após as aulas

Como já apresentado na subseção 3.3.3, a produção de dados, no que diz respeito a realização das aulas, ocorreu na terça e quarta-feira. Dessa forma, os dois dias que sucederam foram destinados à realização das entrevistas com Leandro, bem como com os integrantes de um dos grupos montados por ele, conforme estruturado em plano de aula (apêndice B). Esses

<sup>41</sup> A canção “Lamento sertanejo” é de autoria do cantor, compositor, multi-instrumentista, produtor musical, político e escritor Gilberto Passos Gil Moreira (1942-actual), o qual é conhecido popularmente como Gilberto Gil, e do instrumentista, cantor e compositor José Domingos de Moraes (1941-2013), mais conhecido como Dominginhos. Esses dois ícones da música são responsáveis por embalar canções que marcam a vida sertaneja e popular do nosso país, participando de diversos cenários e sendo protagonistas quando o assunto é músico no Brasil e no mundo. A canção destacada é um resumo poético da identidade cultural daqueles que habitam no sertão. Em seu enredo, os autores escrevem frases que apresentam ao mundo um autêntico sertanejo e, por ser assim, uma apresentação, o título da música foi escolhido para encabeçar a subseção que também apresenta algo, que no âmbito da pesquisa, são os participantes dela.

momentos possibilitaram construir o perfil geral da turma e, para isso, tomou-se como base informações extraídas de entrevistas, conhecimentos prévios acerca dos educandos, bem como aspectos de conversas informais tidas entre o pesquisador, direção da escola e educador colaborador da pesquisa.

Acompanhando o pensamento de Oliveira, Oliveira e Fabrício (2004, p. 172), ao selecionar as pessoas que irão participar de uma pesquisa científica, é preciso estar ciente que

[...] no momento em que se escolhe um grupo específico a ser pesquisado, esse corresponde a um contexto de sociedade que deve ser cuidadosamente trabalhado por meio da escolha teórica, e conseqüentemente, através das categorias utilizadas para a análise de dados (Oliveira, Oliveira e Fabrício, 2004, p. 172).

Nesse sentido, para além de um contexto de sociedade, as turmas de EPJAI carregam consigo uma diversidade de informações. Ao adentrar em uma sala de aula dessa modalidade de ensino, sempre é possível se deparar com uma mescla de rostos, idades, profissões, sonhos, objetivos, dentre outros aspectos. No âmbito dessa pesquisa não foi diferente.

Como apresentado na seção 3.2, na EPJAI VI estavam matriculados 9 (nove) educandos entre 19 (dezenove) e 38 (trinta e oito) anos, o que gerou uma média de idade de 25 (vinte e cinco) anos, enquanto isso, na EPJAI VII estavam matriculados 15 (quinze) educandos entre 19 (dezenove) e 42 (quarenta e dois) anos, cuja média de idade da turma ficou próxima de 29 (vinte e nove) anos. Ao total, a turma de EPJAI montada unindo as duas turmas (EPJAI VI e EPJAI VII) foi composta por 24 (vinte e quatro) estudantes que oscilavam em uma faixa etária que vai de 19 (dezenove) à 42 (quarenta e dois) anos, o que gerou uma média de idade de aproximadamente 28 (vinte e oito) anos.

Apesar de 24 (vinte e quatro) matrículas ser o total, ao chegar no final daquele ano letivo, as turmas já se encontravam esvaziadas, de forma que, para a produção de dados, em novembro de 2023, se fizeram presentes apenas 12 (doze) educandos, ou seja, 50% dos matriculados. Os motivos para esse esvaziamento são diversos e vão desde a desistência para viajar a trabalho<sup>42</sup> até faltas por se aproximar do fim de ano e já se considerar aprovado. Vale ressaltar que é sobre esses 12 (doze) educandos que se vai debruçar os olhares da pesquisa e, conseqüentemente, é sobre eles que se monta a descrição a seguir.

---

<sup>42</sup> De acordo informações colhidas em conversas informais e conhecimentos prévios do pesquisador, que como já destacado é natural da cidade na qual foi realizada a pesquisa, existe uma evasão considerável de estudantes jovens e adultos em função do trabalho. Em determinadas épocas do ano, muitos dessas pessoas se juntam para viajar até cidades do Estado de Minas Gerais ou Espírito Santo para trabalharem na colheita de café que dura cerca de três meses. Ao regressarem, a escola não é mais uma escolha deles e o processo renova-se no ano seguinte.

Dos 12 discentes que se fizeram presentes no dia da produção de dados, 3 eram matriculados na EPJAI VI e 9 na EPJAI VII. Desses, 5 do sexo masculino e 7 do sexo feminino. A respeito desses 12 educandos, elaborou-se o Quadro 4 para melhor distribuir as informações extraídas de conversas informais, entrevistas, documentos escolares e conhecimentos prévios.

**Quadro 4 – Os participantes da pesquisa e suas profissões**

<b>Educando<sup>43</sup></b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>
Patativa <sup>44</sup>	19	Queijeiro
Jarid <sup>45</sup>	42	Manicure
Paola <sup>46</sup>	34	Empregada doméstica
Bráulio <sup>47</sup>	19	Auxiliar de mecânico
Auritha <sup>48</sup>	23	Desempregada
João <sup>49</sup>	20	Agricultura familiar
Aderaldo <sup>50</sup>	23	Construção civil

<sup>43</sup> Para os educandos, da mesma forma como feito para o educador Leandro, serão utilizados nomes fictícios tomando como base autores de relevância para a Literatura de Cordel.

<sup>44</sup> Patativa faz menção a Patativa do Assaré (1909—2002) poeta e repentista cearense. Um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX, recebeu no dia 23 de março de 1995, em uma homenagem pública do então presidente Fernando Henrique Cardoso, a medalha José de Alencar. Este autêntico sertanejo da cidade de Assaré com uma linguagem simples, porém poética, retrata a vida sofrida e árida do povo do Sertão (Debs, 2000). Uma sugestão de leitura é o cordel “A triste partida”, escrito em 1964, o qual posteriormente foi musicado e se tornou um sucesso na voz de Luiz Gonzaga (1912—1989).

<sup>45</sup> Jarid faz referência a Jarid Arraes (1991—atual). Cearense da região do Cariri é autora de mais de 70 títulos que abarcam temáticas voltadas a questões sociais. Uma sugestão de leitura é a coleção “Heroínas Negras”, na qual a autora celebra a memória de quinze importantes mulheres negras da história brasileira.

<sup>46</sup> Paola relembra Paola Frassinetti Tôres Ferreira da Costa ou, simplesmente, Paola Tôres (1966—atual), atual presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, primeira mulher a assumir esse cargo após 32 anos de criação da instituição, é médica, professora, escritora e cordelista. Uma sugestão de leitura é o título “Leucemia sem segredo: Uma cartilha em cordel”.

<sup>47</sup> Bráulio registra o nome de Bráulio Bessa (1986—atual). Natural do sertão cearense, o autor se define como “um fazedor de poesias” e foi o artista mais assistido nas mídias sociais da Rede Globo de televisão em 2017 (Bráulio Bessa, c2018). Uma sugestão para apreciação é o cordel “Prefiro a simplicidade”. Conheça mais sobre o poeta em seu *site*: <https://www.brauliobessa.com/>

<sup>48</sup> Auritha faz referência a indígena cearense Auritha Tabajara (1980—atual), autora do livro “Magistério Indígena em versos e poesia” que foi adotado pela Secretaria de Educação do Ceará como leitura obrigatória em todas as escolas públicas e que é também a nossa sugestão de leitura. A autora foi a primeira mulher indígena a publicar livro em cordel no Brasil.

<sup>49</sup> João faz alusão a João Martins de Athayde (1880—1959), poeta cordelista com gráfica própria e maior editor de folhetos da sua época como escritor entre 1920 e 1950, chegando a ser aclamado na década de 1940 como maior poeta popular do Nordeste. Uma sugestão de leitura entre os inúmeros cordéis desse autor é o intitulado “O amor de uma estudante”.

<sup>50</sup> Aderaldo relembra Aderaldo Ferreira de Araújo ou, como é mais conhecido, Cego Aderaldo (1878—1967). Cearense do Crato foi um poeta popular que se destacou por seu raciocínio célere improvisando rimas e repentes. Uma sugestão de leitura é o livro “Eu sou o cego Aderaldo” de sua autoria no qual conta um pouco de sua história e apresenta algumas produções.

Ariano <sup>51</sup>	24	Construção civil
Isabel <sup>52</sup>	34	Desempregada
Julie <sup>53</sup>	37	Desempregada
Ivonete <sup>54</sup>	25	Caixa de mercado
Maria <sup>55</sup>	28	Garçonete em bar

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2023)

De acordo com o Quadro 4, as profissões que permearam o ambiente da produção de dados foram diversas: Patativa trabalha em um laticínio da cidade acerca de dois anos; Jarid desenvolve atividades de manicure há 22 anos e já trabalhou, também, em firmas em São Paulo/SP, além de empregada doméstica lá e em Mirante/BA; Paola deixou os estudos cedo para começar a trabalhar como empregada doméstica e desde lá esta foi sua única profissão; Bráulio, apesar de novo, já trabalha como auxiliar de mecânico; Aderaldo e Carlos ganham a vida trabalhando na construção civil, mas não especificaram suas funções; Ivonete é caixa de um supermercado na cidade; Maria trabalha como garçonete no bar que pertence a ela e ao marido.

Para a realização das entrevistas, o pesquisador tomou como base o roteiro de entrevistas (apêndice C) estruturado olhando para o objetivo da pesquisa e conforme orientações. O grupo selecionado contava com um total de quatro educandos: Patativa; Jarid; Paola e Bráulio.

Patativa (19 anos), estava matriculado na EPJAI VI, na época da pesquisa, trabalhava como queijeiro em um laticínio da cidade e, antes disso, relatou que só estudava. O educando

<sup>51</sup> Ariano é uma memória a Ariano Vilar Suassuna (1927—2014), intelectual, escritor, filósofo, dramaturgo, romancista, artista plástico, ensaísta, poeta e advogado. Ariano idealizou o Movimento Armorial e é autor de obras internacionalmente conhecidas, como é o caso do “Auto da Compadecida” escrita em 1955 e que ganhou destaque no mundo após se tornar um filme com o mesmo nome. Reflexo de sua importância, foi indicado pelo Senado Federal para representar o Brasil na disputa do Prêmio Nobel de Literatura em 2012. Desse autor, sugere-se a obra já mencionada e recomenda-se ainda assistir ao filme.

<sup>52</sup> Isabel faz menção a cordelista, escritora, pedagoga, poeta e radialista Isabel Nascimento (1979—atual), uma poetisa de destaque em função dos temas abordados em suas produções. Como sugestão para leitura: A história da umbanda em cordel.

<sup>53</sup> Julie homenageia Julie Ane Oliveira Silva ou, simplesmente, Julie Oliveira (1993—atual). Cordelista, editora, palestrante, pedagoga e produtora, além de fundadora do coletivo e selo editoria Cordel de Mulher. O cordel “Mulher de luta e história” é a sugestão para leitura.

<sup>54</sup> Ivonete é uma referência a Ivonete Moraes (1953—atual), socióloga e poeta, a qual descreve a si mesma como “cordelista dos temas urgentes”. É autora do cordel “Sou mastectomizada”, sugestão para leitura, pois nele conta um pouco de sua história e luta contra o câncer.

<sup>55</sup> Maria faz alusão a Maria das Neves Baptista Pimentel (1913—1994), primeira mulher a publicar um cordel, em 1938, ainda que com um pseudônimo masculino, o qual carrega o título de “O violino do diabo ou o valor da honestidade” e é a sugestão de leitura tendo em vista ser um marco de resistência da mulher em meio a Literatura de Cordel.

demonstra ser tímido e, durante as aulas, participa de forma contida, mas deixa suas contribuições.

Jarid (42 anos), estava matriculada na EPJAI VII, na época da pesquisa trabalhava como manicure, mas antes disso já trabalhou em uma firma — cuja função não foi especificada pela entrevistada — e em casas de família como empregada doméstica. A estudante é extrovertida, se mostra uma pessoa experiente e se porta como tal. Na sala de aula, os colegas a respeitam e demonstram tê-la como exemplo.

Paola (34 anos), estava matriculada na EPJAI VII e trabalhou/trabalha como empregada doméstica ao longo de toda a sua vida. Dos presentes em sala, demonstrou ser a mais inquieta com as interações levantadas em torno do cordel. Extrovertida, participativa e interessada na aula, portou-se como uma liderança do grupo.

Bráulio (19 anos), estava matriculado na EPJAI VII e trabalha como auxiliar de mecânico em uma oficina de motos. Assim como Patativa, demonstrou timidez principalmente quando o pesquisador fez contato.

A escolha do grupo composto por esses educandos se deu em virtude de algumas características que chamaram a minha atenção, dentre elas: faixa etária ampla, mescla entre as turmas, participação nos momentos que precederam a reunião em grupo e variedade de profissão entre os integrantes. Tais aspectos não estão distantes do que a literatura que trata sobre sujeitos da EPJAI aponta, pois, ali se encontra, pessoas que saem de suas casas e carregam consigo conhecimentos agregados ao longo da vida, sujeitos que estão molhados da história, da cultura local, dos sonhos, das expectativas, das idealizações e de esperanças (Freire, 2021; Freire; Faundez, 2011), indivíduos que levam para a sala de aula inquietações das injustiças impostas pela sociedade, sonhos de libertação e anseio de que o regresso à escola possibilite a eles o direito de uma vida mais justa e humana (Arroyo, 2017).

Em meio a essa diversidade de rostos, sonhos, esperanças, vidas e pessoas, encontra-se o educador. Leandro tem 44 anos, é licenciado em Matemática desde o ano de 2010 pela Universidade Estadual do Tocantins. Sua graduação foi cursada de forma semipresencial, frequentando aulas aos sábados, pois durante a semana ele trabalhava. De acordo com o educador, em conversas informais e entrevista, mesmo depois de formado, o trabalho e sua carga horária robusta o impediram de realizar cursos presenciais, motivo este utilizado por ele para informar/justificar não ter, apesar do interesse, uma pós-graduação *Lato Sensu* ou *Stricto Sensu*.

Lecionando desde 2002, o educador relatou que deu aula de Matemática mesmo antes de se formar. De acordo com ele, ao cursar Administração em 2002 e, pelo fato de o curso

envolver muitos cálculos que também são vistos na Educação Básica, foi chamado para lecionar ainda que não tivesse a graduação específica. Com o despertar do interesse pela Matemática, decidiu abandonar o curso de Administração e iniciar uma licenciatura na área que lecionava.

Mesmo em sala de aula desde 2002, Leandro teve seu primeiro contato com a EPJAI apenas no ano de 2021, quando foi nomeado como educador efetivo da Secretaria Estadual de Educação do Estado da Bahia. Antes disso, ministrou aulas em cursinho pré-vestibular e lecionava no Ensino Médio e Fundamental, ambos na modalidade dita regular.

Perguntado sobre o motivo de decidir lecionar na EPJAI, Leandro informou que é para composição de carga horária. Como já abordado neste trabalho, o CEPDSB oferece aulas em apenas dois turnos e, para atingir as 40h semanais (carga horária exigida pelo Estado), os educadores da instituição de ensino precisam ministrar aulas tanto no vespertino quanto no noturno. Entretanto, no noturno o colégio oferece predominantemente a modalidade de EPJAI e, conseqüentemente, os educadores são direcionados para ministrar aulas nessa modalidade.

A seguir, será abordado sobre a análise de dados, apresentando seus pressupostos teóricos, movimentos realizados, bem como as categorias que emergiram com os dados produzidos.

### 3.4 “Pense n’eu”<sup>56</sup>

Após a produção dos dados, iniciou-se a interação com eles, pois, naquele momento, já se tinha em mãos material suficiente para ser trabalhado. Os dados caracterizam-se como materiais brutos acumulados pelo pesquisador ao longo da pesquisa e que tratam do mundo pesquisado, incluindo entrevistas, fotografias, filmagens, documentos, notas de campo, transcrições, dentre outros. No âmbito desta pesquisa, os dados são constituídos de anotações no diário de campo, gravações de áudio e filmagens, bem como suas respectivas transcrições.

O procedimento de análise dos dados é aquele em que se toma o material acumulado ao longo da pesquisa com o intuito de compreendê-lo, de forma a lhe permitir apresentar aos demais aquilo que foi encontrado (Bogdan; Biklen, 1994). Nesta pesquisa, a análise dos dados foi baseada na *grounded theory* ou, em português, teoria fundamentada, a qual Charmaz (2009, p. 24) compreende como “um conjunto de princípios e práticas, não como pacotes ou prescrições prontas”. O propósito da *grounded theory* dentro de uma pesquisa em educação é a

---

<sup>56</sup> A expressão “Pense n’eu” é o título da uma canção de autoria do cantor e compositor Luiz Gonzaga, cujas credenciais já foram apresentadas neste trabalho. Para além de homenagear o artista, a expressão intitula a subseção que tratará sobre a interação com os dados. A escolha por tal trecho é simples, pois ao longo da pesquisa foi constante o pensar na análise dos dados.

construção de uma teoria baseada em seus próprios dados, dos quais emergem os conceitos teóricos, possibilitando ao pesquisador notar e atingir uma maior amplitude daqueles fatos que envolvem uma interação social, informações, experiências da realidade, bem como a dimensão e diversidade de causas que geram um determinado fenômeno (Charmaz, 2009; Prigol; Behrens, 2019; Silva, N., 2022).

Prigol e Behrens (2019, p. 3-4) destacam que essa metodologia para análise de dados “preenche possíveis lacunas que podem surgir entre a teoria e a pesquisa empírica, pois propõe um conjunto de princípios e práticas/diretrizes básicas, como a codificação [...]”. Tal metodologia ajuda o pesquisador no percurso de análise da pesquisa, orientando-o com movimentos que possibilitam descobrir a teoria fundamentada nos próprios dados.

O primeiro passo para a análise dos dados dessa pesquisa foi se debruçar sobre as gravações de áudio e filmagens, pois, conforme afirmam Pinheiro, Kakehashi e Angelo (2005, p. 720), “É recomendável que o pesquisador reveja [...] algumas vezes, na sua totalidade, para posteriormente transcrevê-lo [...]”. Como já apresentado na subseção 3.1, as gravações de áudio contemplaram as entrevistas (sendo quatro com educandos e uma com o educador) e a discussão em grupo, enquanto as filmagens foram utilizadas para registrar as aulas. Dessa forma, ao final da produção de dados, para realização das transcrições, a pesquisa contava com um material robusto, conforme é apresentado na Tabela 3.

**Tabela 3 – Ação e duração das gravações em áudio e filmagem**

Ação	Duração
Entrevistas	1h54
Discussão em grupo	13min47
Observações de aulas	2h05
Total	4h13 <sup>57</sup>

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A Tabela 3 apresenta quais foram as ações realizadas e suas respectivas durações aproximadas. Todo esse material foi transcrito em sua íntegra para, posteriormente, iniciar o processo de interação com os dados. Com as transcrições em mãos, realizou-se uma apropriação do material por meio da interação com ele, isto é, a leitura e releitura.

Posteriormente, iniciou-se o processo de codificação, que, de acordo com Charmaz (2009, p. 70) “[...] gera os ossos da sua análise”. Destaca-se que esse momento é de suma importância para o estudo, tendo em vista que, a partir dele, o pesquisador terá em suas mãos

<sup>57</sup> Valor aproximado.

um “esqueleto” sobre o qual estruturará analiticamente a construção da sua análise. A autora relata que, na *grounded theory*, a codificação:

[...] compreende pelo menos duas fases principais: 1) uma fase inicial que envolve a denominação de cada palavra, linha ou segmento de dado, seguida por 2) uma fase focalizada e seletiva que utiliza os códigos iniciais mais significativos ou frequentes para classificar, sintetizar, integrar e organizar grandes quantidades de dados (Charmaz, 2009, p. 72).

Imbuído desses preceitos, deu-se início ao segundo passo de todo o processo de análise dessa pesquisa, o qual consiste no primeiro movimento da codificação: examinar cuidadosamente todas as transcrições. Esse momento de interação cautelosa com os dados possibilitou realizar desmembramentos de episódios<sup>58</sup>, baseados na identificação de frases, argumentações, comparações, assuntos, padrões de comportamento, posicionamentos, formas das pessoas pensarem, bem como acontecimentos que poderiam ser discutidos posteriormente na análise, pois “[...] durante a codificação inicial, o objetivo é que você permaneça aberto a todas as direções teóricas possíveis indicadas pelas suas leituras dos dados” (Charmaz, 2009, p. 72), resguardando-se para, posteriormente, na codificação focalizada, notar e dar ênfase à aquelas subcategorias que mais se destacam.

O terceiro passo objetivou reunir todos os episódios que possuísem semelhanças conceituais. Como forma de registrar esses episódios, foram elaboradas pastas para que, após ler e reler por diversas vezes as transcrições, o pesquisador pudesse alocar cada um deles em um arquivo no qual estivessem apenas aqueles com similitudes. Tal processo consiste na codificação focalizada e tem como finalidade olhar para os episódios notados na codificação inicial, tomando, para a fase atual, os mais significativos ou frequentes. O objetivo é escolher aqueles que possibilitem categorizar os dados de forma completa e representativa, agrupando-os em grupos de conceitos ou subcategorias (Charmaz, 2009).

O quarto passo corresponde à codificação axial, a qual consiste em analisar as subcategorias que se destacaram na codificação focalizada e, de acordo com suas conexões, agrupá-los em categorias (Charmaz, 2009). No âmbito da pesquisa, estudaram-se as pastas construídas com aqueles episódios que possuíam similitudes, com o intuito de identificar aquelas que pudessem ser fundidas a fim de gerar categorizações. É importante destacar que todos os passos até aqui descritos tratam-se de interpretações realizadas com base nas percepções do pesquisador acerca dos dados, do estudo, bem como do objetivo proposto.

---

<sup>58</sup> Compreendemos “episódio” enquanto um momento específico da aula ou entrevista, um intervalo de tempo em que houve um diálogo a ser discutido nessa pesquisa, ou seja, um episódio.

Posteriormente, no quinto passo, realizou-se a codificação teórica, que corresponde à última fase do processo de codificação. Nesse momento, revisitaram-se as categorias, avaliando-as com o objetivo de especificar as relações possíveis entre elas (Charmaz, 2009).

Finalmente, em um último movimento, fez o diálogo dessa teoria fundamentada nos próprios dados com o aporte teórico da pesquisa. Dessa forma, após transcorridas as práticas descritas anteriormente e com o olhar voltado para o objetivo do estudo, identificaram-se duas categorias. A primeira categoria trata dos *diálogos que apontam para a interdisciplinaridade* e tem como objetivo apresentar, discutir e compreender sobre esse “tipo” de diálogo que foi produzido em meio ao trabalho com o cordel na aula de Matemática da EPJAI, além de abordar sobre qual a influência que a literatura de cordel tem sobre tal produção. Já a segunda categoria aborda sobre os *diálogos que apontam para a reflexão acerca do ensino de Matemática* e tem como objetivo tratar sobre percepções, impactos e dificuldades no trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI.

A seguir, apresentamos a seção destinada a análise dos dados produzidos ao longo desta pesquisa.



Nossa metodologia  
 Já foi toda destrinchada,  
 Explicamos cada ponto  
 De maneira detalhada,  
 Para assim abrir os olhos  
 Ver de forma ampliada.

Falamos da abordagem,  
 Do cordel e do cenário,  
 Do pré/durante/pós aula,  
 Dos sujeitos pesquisados,  
 Além do educador,  
 E a interação com os dados.

Com o coração contente  
 Essa seção foi concluída,  
 E a partir de agora  
 Damos a nova partida,  
 Pois, a próxima seção  
 É aquela que dá vida.

E para a próxima seção,  
 Nas nossas categorias,  
 Utilizou-se a *grounded theory*  
 Como metodologia,  
 Fundamentando nos dados  
 Toda nossa teoria.

São duas categorias,  
 E nelas, as transcrições,  
 Mesclam todos os dois dias  
 Com suas percepções,  
 Trazendo as entrevistas  
 Para ajudar nas discussões.

A seção que vem agora,  
 É da análise dos dados,  
 E em sua estrutura,  
 Então contidos dois atos,  
 Discutindo a pesquisa,  
 FAZENDO VERSO RIMADO.

## **“FAZENDO VERSO RIMADO”**

O xilogravurista José Costa Leite (1927—2021) é homenageado por nós na abertura desta seção. Este ilustre sertanejo é citado em praticamente todas as antologias que tratam da Literatura de Cordel, seja pelo seu empenho como poeta cordelista, seja pela destreza na produção de tacos de umburana, árvore típica do Nordeste, muito utilizada na construção de xilogravuras pelo seu fácil manuseio em relação às demais. Humilde e apreciador da cultura nordestina, cobrava simbolicamente pelo seu trabalho, pois o maior interesse dele era ajudar outros poetas e não ver o cordel perder força. A obra em destaque mostra dois violeiros se apresentando e foi escolhida por fazer alusão a apresentar neste momento as análises dos dados da pesquisa.

Enquanto isso, o trecho escolhido para intitular esta seção compõe o cordel “Coração Nordestino”, de autoria do cordelista Bráulio Bessa. Em seus versos, o poeta conta sobre diversas situações que fazem bater o coração nordestino, e dentre elas: “um cantador de viola fazendo verso rimado” (Bessa, 2018, p. 46). Para o sertanejo, quando o cordelista faz um verso rimado, aquele momento se caracteriza como o apogeu do seu dia, pois produzir uma rima é dar para o outro aquilo que mais gosta de fazer. Trazendo para o contexto da pesquisa, essa seção aparece sendo aquela que o pesquisador tem um diálogo mais próximo com os dados e o aporte teórico do estudo, a fim de apresentar aos leitores as diversas faces que conseguem vislumbrar, fazendo com que tal momento se configure enquanto o apogeu do estudo. Ao olharmos para o dueto “análise dos dados”/pesquisador e “rimar”/cordelista, compreendemos que os sentidos para ambos são semelhantes, pois é o apogeu de suas áreas. Dessa forma, fundindo este pesquisador com sua face artística, vamos ao longo da análise de dados fazer alguns versos rimados.

A análise de dados deste estudo baseia-se nos pressupostos da *grounded theory* (Charmaz, 2009), conforme visto na subseção 3.4. Para apresentar as categorias fundamentadas nos próprios dados, a presente seção está organizada em duas subseções, as quais referem-se as categorias de análise dessa pesquisa. No processo de análise dos dados, notamos que, em diversos momentos, havia a recorrência de discussões já tidas em outros episódios. Dessa forma, as categorias de análise apresentadas mesclam episódios que correspondem não apenas a um único dia de aula ou uma entrevista em específica, mas abarcam episódios que ocorreram no primeiro ou segundo dia de aula, bem como argumentações das entrevistas.

#### 4.1 “Pra que dividir?”<sup>59</sup>: diálogos que apontam para a interdisciplinaridade no trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI

A presente categoria de análise foi construída com episódios que ocorreram no primeiro dia de aula, bem como em três entrevistas, sendo uma delas com o educador Leandro e as outras duas com educandas, a saber: Paola e Jarid.

Em sua primeira ação em sala, o docente separou a turma em três grupos e distribuiu para todos os educandos o folheto de cordel intitulado *Desconto de fim de ano*, solicitando naquele momento que realizassem uma leitura individualizada e, posteriormente, promovendo uma leitura coletiva em que um integrante de cada grupo lia uma estrofe do cordel em voz alta. Tal ação realizada pelo educador, junto aos educandos, é sugerida por Marinho e Pinheiro (2012), quando os autores recomendam iniciar o trabalho com a literatura de cordel nas aulas desenvolvendo a leitura individual ou coletiva, mas que, de preferência, haja um momento para que o folheto seja lido em voz alta, pois assim, os estudantes podem se aproximar do cordel/tema a partir do sentido que dá a ele.

Finalizadas as leituras, iniciou-se um momento de diálogo em torno das informações contidas no folheto. Inicialmente, o educador Leandro questionou aos estudantes acerca da temática do cordel, o que possibilitou ao docente quebrar a dura casca da timidez estudantil, pois a partir desse movimento os educandos — jovens, adultos ou idosos — passaram a interagir de maneira participativa. Atramos a este acontecimento o fato da temática do cordel, bem como da aula, estar associada à vida social ou profissional de cada um dos sujeitos que frequentam a EPJAI, pois, em sua maioria, conforme é discutido por Arroyo (2017) e já constatado e apresentado no Quadro 4 desta pesquisa, os educandos jovens, adultos e idosos encontram-se no mundo do trabalho, querem ser inseridos ou já passaram por ele.

O primeiro diálogo foi produzido a partir dos versos que compõem a quarta estrofe do cordel, na qual aparece a expressão *Black Friday* e pode ser vista a seguir.

Já cansada, desatenta  
 Viu em sua direção  
 Uma placa estampada  
 Escrita com perfeição:  
 "Brack Friday fim de ano

---

<sup>59</sup> A canção “Pra que dividir?” é de autoria do cantor, compositor e sanfoneiro brasileiro Flávio José Marcelino Remígio (1951—atual), que é conhecido popularmente pelos dois primeiros nomes. A música mencionada foi escolhida para intitular a primeira categoria de análise deste estudo em virtude de em sua letra trazer diversos questionamentos sobre a real necessidade de se dividir (no caso da canção, dividir remete a separação de um casal). Ao tratar sobre interdisciplinaridade, intuitivamente remetemos ao diálogo entre disciplinas, o que não seria uma divisão do currículo e, assim, fica o questionamento: para que dividir?

### Aproveite o desconto"

A *Black Friday* tem origem nos Estados Unidos e chega ao Brasil com o mesmo sentido empregado pelos estadunidenses, entretanto, ao longo do tempo, se transformou em um evento contraditório. Com o objetivo de promover descontos de grande porte e larga escala, no Brasil, o evento recebe diversas denúncias vinculadas a casos de fraude ao consumidor, em especial no que tange a propaganda enganosa (Soares; Modesto, 2022).

Com o desenvolver da aula, notamos que a expressão *Black Friday*, que é de origem inglesa, possibilitou a produção de diálogos com o intuito de compreender e interpretar aquilo que era tratado no cordel. O episódio a seguir foi extraído do primeiro dia de aula e nele o intuito foi interpretar as informações contidas no cordel.

**Educador Leandro:** Qual o tema do cordel?

**Coletivo ao mesmo tempo:** *Black Friday*, desconto de fim de ano, desconto.

**Educador Leandro:** Vocês sabem o significado dessa palavra? Em que país surgiu esse termo?

**Patativa:** Estados Unidos.

**Educador Leandro:** Geralmente, em qual período do ano que isso ocorre?

**Maria:** Dezembro. De novembro para dezembro.

**Bráulio:** Fim de ano.

**Educador Leandro:** Mas, especificamente, quando?

**Maria:** Novembro.

[...]

**Educador Leandro:** Em relação a *Black Friday*, Patativa falou que começou nos Estados Unidos e, geralmente, ocorre na quarta sexta-feira de novembro, que é um feriado nos Estados Unidos de Ação de Graças. Mas, e a palavra *Black Friday*, significa o que?

**Paola:** *Black* não é preto, professor?

**Educador Leandro:** Sim, *black* é preto.

**Paola:** A outra é segunda... quarta... é um dia da semana.

**Patativa:** Sexta!

**Educador Leandro:** Só que no Brasil, eles pegaram o termo e ainda acrescentou. Quem já comprou pela *internet* na [...] (*supressão para retirar o nome da loja*)? Tênis, Sapato... lá eles colocam: *Black Novembro*, ou seja, o mês inteiro de “promoções” (*Aspas gesticuladas pelo educador*).

Os trechos sombreados no episódio destacam falas que não ficam restritas a disciplina de Matemática, mas avança sobre a barreira imposta por um ensino fragmentado (Freire, 2013) e busca por diálogos interdisciplinares com o intuito de interpretar o cordel e compreender aspectos culturais ligados ao contexto de onde vem a expressão *Black Friday*.

Claro, as palavras “desconto” e “promoção” estavam presentes no texto em sua íntegra e os discentes poderiam utilizá-las para compreender a essência do cordel, entretanto, a *Black Friday* é uma data marcada no calendário estadunidense que já se tornou parte da cultura daquele lugar e trabalhar com ela no Brasil pode ajudar a apresentar aos estudantes brasileiros o contexto real visto nos Estados Unidos. Além disso, é comum em meio ao comércio a utilização do termo *Black Friday* para atrair os clientes. Dessa forma, ao apresentar a expressão que vem de uma origem diferente da local e representa um momento específico vivenciado naquele contexto, foram produzidos diálogos no âmbito da disciplina de Matemática que possibilitaram aos educandos jovens, adultos e idosos compreender o significado do termo, bem como ter contato e discutir acerca da cultura dessa outra localidade. Tal discussão em torno da expressão *Black Friday* se mostrou com respaldo em uma realidade concreta e com implicação na vida cotidiana dos envolvidos (Freire, 2013), haja vista que essa data registrada no calendário estadunidense foi adaptada para o Brasil e faz parte de ações de comércio, ambiente onde os sujeitos da EPJAI frequentam.

Estabelecer essa intimidade entre as discussões/conteúdos vistos na escola e a vida social dos sujeitos é tido por Freire (2021) como essencial e, nesse sentido, Souza, Luquetti e Muniz (2016) apontam que debates baseados em situações reais são os trilhos mais seguros para possibilitar o diálogo da cultura inglesa com outras disciplinas, no nosso caso, a Matemática. Ao se deparar com o termo *Black Friday* em um comércio, o estudante associa tal expressão a uma prática do seu cotidiano — o ato de comprar — e, a partir daí, pode relacionar com a Matemática, em especial com o campo da Educação Financeira, com o intuito de analisar a propaganda que é feita e realizar o cálculo para verificar se a compra valerá a pena.

Em virtude de precisar dessa articulação entre os conhecidos escolares e a vida cotidiana, a busca por diálogos interdisciplinares nos ambientes escolares torna-se primordial. Isso se deve ao fato de que, ao estabelecer essas relações em seu dia a dia, os estudantes sentem a necessidade de aprender de forma ampliada, isto é, ultrapassando os limites de uma disciplina e chegando a outra. Dessa maneira, eles podem se sentir incluídos em uma sociedade globalizada no momento que necessitam utilizar das informações vistas nas diversas áreas de conhecimento (Souza; Luquetti; Muniz, 2016). Tal perspectiva acompanha o pensamento de que o conhecimento não deve ser tratado de maneira fragmentada, mas sim de forma dinâmica (Freire, 2013).

Ao trabalhar com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI, podem ser apresentadas circunstâncias em que, propondo debates, não ficam apenas na disciplina mencionada, pois são situações contextualizadas e assim, para ampliar as discussões, é preciso

muitas vezes recorrer a outras disciplinas. No âmbito desta pesquisa, ao propor na aula de Matemática uma discussão em torno da expressão *Black Friday*, o educador evidenciou que tal ação tem potencial para incorporar em sua aula conhecimentos, por exemplo, das áreas de Linguagens, Geografia e História, além de aspectos ligados a cultura de um outro país e, não distante, noções de sua própria disciplina, o que evidencia o fato da literatura de cordel possibilitar a realização de trabalhos que não sejam isolados, mas que tomam a perspectiva da interdisciplinaridade.

Nesse sentido, compreendemos que a interdisciplinaridade deve ganhar cada vez mais espaço nos ambientes escolares e, para tanto, corroboramos com Terradas (2011) quando o autor relata que a interdisciplinaridade é:

[...] a atitude que se deve tomar para superar todo e qualquer enfoque fragmentado que ainda mantemos de nós mesmos, do mundo e da realidade que nos cerca. Assim, a interdisciplinaridade pressupõe novos questionamentos e buscas, visando compreender a própria realidade. Isto implica, na maioria das vezes, em mudanças de atitude, que possibilita a aquisição do conhecimento por parte do indivíduo, indo além dos limites de seu saber, para então, acolher e agregar contribuições de outras disciplinas. Para que ocorra a interação efetiva, tida como sinônimo do interdisciplinar, faz-se necessário compreendermos a interdisciplinaridade como atitude que busca o rompimento com a postura positivista da fragmentação, com intuito de uma compreensão mais ampla da realidade (Terradas, 2011, p. 99).

Imbuído desse preceito, compreendemos que a articulação vista com conhecimentos discutidos na disciplina de Língua Inglesa aponta para a possibilidade de um trabalho com a literatura de cordel em um caráter interdisciplinar. Quando o educando se depara, em seu cotidiano, com uma *Black Friday*, é preciso, para além da compreensão vinculada às discussões tidas na disciplina de Língua Inglesa, ter conhecimentos matemáticos para a tomada de decisão de compra. Assim, ao tomar a interdisciplinaridade com o objetivo de desenvolver uma compreensão ampliada da realidade, o trabalho de forma interdisciplinar possibilita uma aprendizagem que avança sobre os limites de uma disciplina alcançando outras e, dessa forma, ao se deparar com demandas cotidianas que exigem um conhecimento ampliado, o estudante poderá se sentir pertencente a um meio globalizado, pois terá ao seu dispor ferramentas — o conhecimento das diversas áreas — para superar tais situações.

A respeito dessa oportunidade, em entrevista com o educador Leandro, perguntamos: “*O senhor percebeu alguma articulação com outras disciplinas ou não?*”. Em sua resposta, o educador relatou em um primeiro momento: “*É, essa articulação ela pode ser feita. O cordel pode ser trabalhado com o componente curricular de Língua Portuguesa*” e posteriormente acrescentou “*Entraria também a Geografia e a História, com a questão da Regionalidade.*”

*Então, além de trazer a construção do cordel nas aulas de Língua Portuguesa, trazer um pouco da questão regional também, tentando articular com a Matemática. Então, eu vejo que daria para articular com as diversas áreas do conhecimento não só com a Língua Portuguesa, mas também com a História, com a Geografia, talvez com a Biologia. Vejo a possibilidade das diversas áreas do conhecimento dialogar com a Matemática”.*

Em sua resposta, o docente destaca disciplinas que não se fizeram presentes na aula ministrada por ele e, ao lembrar delas, evidencia em sua fala uma perspectiva interdisciplinar. Mesmo que esses componentes curriculares mencionados não tenham sido presentes em sua aula, ele percebeu, posteriormente, momentos em que poderia ter trabalhado nessa perspectiva. Em um primeiro momento de sua fala, o educador interligou o trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI com a disciplina de Língua Portuguesa, alertando para a possibilidade de construir um cordel em seu desenvolver e utilizá-lo na aula de Matemática. Posteriormente, o docente pontuou as áreas de conhecimento da Geografia e História, considerando a “regionalidade” como elo possível para gerar uma discussão interdisciplinar. Por fim, acrescentou a possibilidade de um trabalho que tenha ligação com a disciplina de Biologia.

A fala do educador, destacada anteriormente, foi registrada em entrevista, mas compreendemos que ela foi embasada na sua prática em sala de aula, isto é, no trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI. Tal compreensão é tida a partir do instante que notamos em meio as aulas momentos propícios ao exercício daquilo que o docente sugere. O episódio a seguir, por exemplo, foi extraído ainda no primeiro dia de aula e, após a discussão inicial, quando educador e educandos interpretavam informações contidas no cordel e discutiam sobre os valores antes e durante a *Black Friday*. Nele é produzido um diálogo com potencial para uma perspectiva interdisciplinar, com as disciplinas de Geografia e História, ambas mencionadas na fala do educador em entrevista, além de debates em torno da Educação Financeira.

**Educador Leandro:** [...] ela vai pagar mais caro, mas se ela não comprar em Mirante, ela pode resolver comprar em Poções ou em Vitória da Conquista. E aí? Vai ser vantagem para Maria?

**Paola:** Eu acho que não professor, ainda tem a passagem.

**Patativa:** Gasto com alimentação.

**Paola:** Ela tem que comer.

**João:** Se ela for para Poções, ali, pagando passagem de ida e volta, ela sai no prejuízo.

**Paola:** E para Conquista<sup>60</sup> que ela vai pagar uns R\$70,00 de passagem e uns R\$30,00 no prato de comida?

É comum em cidades de pequeno porte que os cidadãos recorram às cidades de porte maior para fazer compras de qualquer tipo, sejam elas ligadas a alimentos, automóveis, produtos e, dentre tantos outros, vestuário. Em entrevista com a educanda Jarid, ela acrescenta, relatando uma situação real, que tal ação não é vantajosa. Ao ser questionada pelo pesquisador se iria até uma cidade vizinha para comprar uma roupa, Jarid responde prontamente: *“Não. Eu vou gastar mais. Vem a passagem, você não vai comprar só uma roupa, eu já fiz isso. Eu fui atrás de comprar uma sandália, porque eu não achei aqui do meu gosto. Gostei da sandália lá, comprei. Porém, não comprei uma só sandália. Peguei mais coisa. Comprei roupa com os meninos e acabei gastando o que não era para gastar”* [trecho da entrevista com a educanda Jarid].

Pensando em um contexto local, o município de Mirante possui duas cidades com tal característica, sendo elas: Poções, localizada a 65 quilômetros da sede municipal, e Vitória da Conquista, à 130 quilômetros. Quando a discussão gira em torno do movimento de sair de sua cidade para comprar em outras, compreendemos que existe ali uma possibilidade de trabalho interdisciplinar, pois, os educadores das disciplinas de Geografia poderiam em suas aulas trabalharem com debates acerca, por exemplo, dos polos econômicos da região, escoamento de mercadorias, políticas de mercado, razões para os pequenos municípios terem custos maiores que aqueles de médio ou grande porte, de onde vinham as primeiras mercadorias, dentre diversos outros tópicos. Enquanto isso, os educadores de História poderiam dialogar sobre o processo histórico para que aquelas cidades se tornassem polos econômicos, o motivo pelo qual tais cidades recebem hoje pessoas de diversos locais a fim de comprarem mercadorias a um baixo custo, primeiros comerciantes da cidade, dentro outros pontos.

Ao propor debates no âmbito das duas disciplinas supracitadas, o educador pode promover reflexões em torno de uma Educação Financeira. Trazer diálogos de outras disciplinas para o contexto da aula de Matemática oferece aos estudantes subsídios para o desenvolvimento crítico no processo de se tornarem consumidores conscientes. Observe que, novamente, ao tomar uma perspectiva interdisciplinar, os educandos teriam ao seu dispor informações que os ajudariam na tomada de decisão. Por exemplo, ao compreenderem o movimento regional do mercado e os contextos históricos que o fundamentam, com vistas à Educação Financeira, poderiam embasar-se de forma ainda mais ampliada e posicionar-se diante da possibilidade de saída para consumir produtos em uma outra cidade, analisando

---

<sup>60</sup> O termo “Conquista” refere-se à cidade de Vitória da Conquista/BA.

criticamente as vantagens e desvantagens de tal saída. Isso porque a Educação Financeira possibilita aos sujeitos refletir acerca de sua realidade, identificando pontos que podem ser melhor trabalhados com o intuito de minimizar problemas que venham a surgir por falta de conhecimento (Silva; Silva, 2024).

Dessa forma, fica ainda mais evidente que a literatura de cordel apresenta potencial para promover discussões que não se isolem no âmbito de uma disciplina, mas que busquem uma perspectiva de ensino interdisciplinar. Nas diversas áreas de conhecimento, será possível encontrar informações que ajudem os educandos em seu desenvolvimento.

Diante das diversas possibilidades interdisciplinares apresentadas até aqui, bem como baseado nas falas do educador Leandro ao longo da entrevista, percebemos um posicionamento contrário aquilo que Gallo (2002) chama de compartimentalização do ensino. De acordo com esse autor, em um ensino compartimentalizado, o educando, ao iniciar uma aula, pega seu caderno abrindo na “parte” separada para aquela disciplina. Ao final da aula, o discente o fecha e aguarda pelo próximo horário para realizar novamente o algoritmo, abrindo-o na disciplina correspondente àquela aula. Tal compartimentalização do saber, ou ainda disciplinarização do currículo, é evidente ao tomarmos em nossas mãos o caderno de um educando, pois, geralmente, ao folarmos com atenção, encontraremos, em seu meio, compartimentos, fragmentos, divisões ou limites referentes a cada disciplina.

A compartimentalização do ensino exposta anteriormente é resultado de um processo histórico. Entretanto, muito se questionou e ainda se questiona sobre formas de estabelecer relações entre, por exemplo, uma aula de Matemática com uma aula de Geografia, Língua Portuguesa, História, Biologia, dentre outras. Essa busca por relações interdisciplinares corrobora com o pensamento de Freire (2013), pois o autor denuncia o modelo de ensino fragmentado que vigorava em sua época e ainda persiste, parcialmente, até os dias atuais.

De acordo com Freire (2013), um ensino fragmentado potencializa a desumanização, a opressão, a falta de criticidade e a reprodução de desigualdades. Nesse modelo de ensino, os educandos não têm um incentivo no que diz respeito ao desenvolvimento de sua autonomia e senso crítico, pois são vistos como objetos, o que os impossibilita de assumir o protagonismo e se tornarem agentes de transformação social. Para romper com tais conceitos, Gallo (2002) sugere que cada educador busque — dentro das suas escassas possibilidades — construir novos currículos, diferentes daqueles caracterizados por fragmentações, mas que anseie por avançar sobre os limites impostos entre os saberes ultrapassando essas fronteiras e, para tanto, aponta a interdisciplinaridade como um possível caminho.

Nesse sentido, em sua fala, quando o educador Leandro busca articular o trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática com outras disciplinas, ele adora uma perspectiva interdisciplinar, rompendo com as barreiras impostas pela compartimentalização do ensino (Gallo, 2002) e com vistas a um ensino não fragmentado, ou seja, um ensino que estanca a reprodução das desigualdades e veja o educando como um ser pensante e crítico, sem sufocar seu protagonismo na busca por transformação e instigando o desenvolvimento de sua autonomia e senso crítico (Freire, 2013).

A perspectiva interdisciplinar apontada pelo educador Leandro corrobora com o pensamento de J. Silva (2022), bem como com Santos e Silva (2023), quando argumentam que a interdisciplinaridade é uma das potencialidades no trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI, desde que, no desenvolvimento da proposta com as disciplinas mencionadas, o cordel seja tomado na perspectiva de se ler sobre temáticas presentes no dia a dia dos educandos.

Em Santos e Silva (2023), é apontado que o diálogo e a contextualização, que são marcantes na proposta apresentada, possibilitam a articulação do cordel com a Matemática e as demais áreas de conhecimento. Tal ligação faz da escola um lugar de discussões em prol da formação de jovens, adultos e idosos críticos, o que faz com que eles tenham a capacidade de interpretar e compreender o meio em que estão inseridos, possibilitando-lhes não estarem inertes ao mundo, mas contribuindo para os seus diversos movimentos.

Em um outro episódio, quando o educador Leandro tratava ainda sobre a interdisciplinaridade no trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI, ele relatou: *Eu percebo que poderia ser trabalhado o aluno produzindo um cordel envolvendo a Matemática e aí poderia ser temas livres, onde eles iriam produzir um cordel que estivesse com a Matemática dentro desse cordel. Seria uma das possibilidades de trabalhar, não só o professor já trazendo o cordel pronto, mas também o aluno nas aulas de Língua Portuguesa, produzir um cordel que tivesse Matemática. Então, poderia articular muito bem aí no caso da Língua Portuguesa com a Matemática [trecho da entrevista com o educador Leandro].*

Nesse episódio, o educador Leandro aponta novamente para a compreensão de que o conhecimento não deve ser fragmentado, o que corrobora com o pensamento de Freire (2013). Entretanto, em sua fala, assim como em episódios anteriores, ele sugere que, na disciplina de Língua Portuguesa, o educando escreva um cordel que possua em seu enredo um envolvimento com a Matemática. O docente destaca a possibilidade de temas livres e justifica tal sugestão como uma oportunidade para que o cordel não chegue à sala de aula de Matemática apenas pelas mãos do educador, mas para que o estudante também faça um movimento semelhante e

leve para esse ambiente um cordel autoral, produzido na aula de Língua Portuguesa, para ser trabalhado.

Diante da ação sugerida pelo docente, compreendemos a busca por um ensino não fragmentado. Entretanto, é preciso se atentar ao que Marinho e Pinheiro (2012, p. 133-134) pontuam quando relatam que é pertinente se precaver “ao fato de que as atividades de criação literária em sala de aula não devem ser impostas. Há alunos — e nem sempre são poucos — que não sentem propensão para criar, embora gostem de ler, e eles devem ser respeitados”. Nesse sentido, a imposição para que o estudante crie um cordel pode ser prejudicial para o seu desenvolvimento. Porém, caso o educando tenha aptidão e interesse em realizar a produção escrita, esta não deve ser sufocada. Assim, concordamos com o educador Leandro, com a ressalva de que o estudante não pode ser obrigado a criar, mas, caso queira, deverá ser valorizada e aproveitada a sua produção.

Em um outro episódio da entrevista com o educador Leandro, ele voltou a associar o trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI com a disciplina de Língua Portuguesa. Quando questionado sobre o trabalho realizado em sala, o docente relatou ter comentado com os estudantes, dias antes da realização da pesquisa: *“Nós vamos ter uma aula diferente, onde a gente vai poder juntar a Matemática com a Língua Portuguesa”* [trecho da entrevista com o educador Leandro]. Adiante, o educador acrescenta a reação dos educandos após sua fala: *“Mas, professor, Matemática já é difícil, misturar com Língua Portuguesa vai ficar mais difícil ainda”* [trecho da entrevista com o educador Leandro]. Não ficamos surpresos com o fato de esse componente curricular ser novamente o primeiro a ser mencionado pelo educador, pois é comum, por conta do “texto” de cordel, que se remeta à área de Linguagens (Santos; Silva, 2022). Compreendemos que essa associação direta com a disciplina de Língua Portuguesa é realizada em virtude de o trabalho com textos ser comum na área de Linguagens, bem como pelo ineditismo de tal articulação na aula de Matemática.

Percebemos o ineditismo do cordel na aula de Matemática em outros dois episódios, um novamente em entrevista com o educador Leandro e outro em entrevista com a educanda Paola. Quando questionado se ao longo das suas vivências profissionais o educador já havia pensado em interligar o cordel com a Matemática, ele respondeu que:

**Educador Leandro:** Não. Os cordéis que eu já tive contato, eu não percebia a presença da Matemática. Era sempre outros temas. Então, confesso que foi algo inédito para mim. Eu também não tenho conhecimento de outras experiências nesse sentido. Então, para mim foi uma surpresa. Surpresa boa. Esse casamento entre o cordel e a Matemática deu certo. Para mim foi perfeito.

**Pesquisador:** Desde 2002 que o senhor leciona, o senhor nunca viu em algum momento outro professor, diferente daqueles professores da área de linguagem, trabalhar com o cordel na sua disciplina?

**Educador Leandro:** Não. Só usa na área de linguagem.

Os trechos sombreados destacam que o educador ao longo de sua extensa vida profissional — afinal são 21 anos de ensino até o ano de realização da pesquisa — não presenciou a tentativa de interligar o cordel com outras áreas de ensino diferentes da de Linguagens. Compreendemos que tais falas justificam o fato de a Língua Portuguesa ser a primeira disciplina mencionada por ele ao verbalizar a percepção de uma interdisciplinaridade na proposta do cordel em sala de aula. Adicionalmente, tal ineditismo, não ficou a cargo apenas do educador, pois, em entrevista, a educanda Paola relatou que:

**Paola:** [...] Matemática você pode trabalhar com tudo. Realmente. Até com o cordel, eu fiquei encantada.

**Pesquisador:** Nunca tinha presenciado?

**Paola:** Nunca tinha presenciado.

**Pesquisador:** E em outras disciplinas?

**Paola:** Não.

**Pesquisador:** Nenhuma outra disciplina? Então, Matemática foi seu primeiro contato.

**Paola:** Matemática me surpreendeu. Principalmente, com o cordel. Literatura de cordel e Matemática. Pode mesmo.

Em suas falas, em especial nos trechos sombreados, ela argumenta que nunca presenciou um trabalho semelhante, ou seja, um trabalho que interligasse o cordel com alguma disciplina, e que ficou surpresa pela Matemática — disciplina que, em conversa informal, relatou ter dificuldade — possibilitar esse primeiro contato com o cordel.

Compreendemos que o ineditismo ao interligar a literatura de cordel com a Matemática, bem como com as demais áreas de conhecimento, diferente da de Linguagens, relatado pelo educador Leandro e pela educanda Paola, está ligado ao fato, já discutido por nós, de que, ao debruçarmos nossos olhares sobre a BNCC, é perceptível que a literatura de cordel não esteja vinculada a um caráter interdisciplinar. Sempre que mencionada, ela se liga exclusivamente ao desenvolvimento da oratória, bem como das práticas de leitura e interpretações textuais na disciplina de Língua Portuguesa (Santos; Silva, 2022).

R. Silva (2022) numera em oito a quantidade de vezes que o termo cordel aparece na BNCC, e compreendemos que, para além de mínimo, quando aparece, não dá ênfase à interdisciplinaridade, uma das potencialidades apontadas por Santos e Silva (2023). Entretanto, a perspectiva interdisciplinar é perceptível na realização do trabalho, bem como nas falas

registradas ao longo das entrevistas. Tal constatação nos leva a notar uma diferença entre aquilo que é anunciado em documentos oficiais e aquilo que pode ser realizado em sala de aula.

Na BNCC, por exemplo, o trabalho com o cordel não é apresentado em uma perspectiva interdisciplinar; todavia, ele mostrou potencial para estabelecer diálogos entre as diversas áreas de conhecimento. Compreendemos que é preciso, para além do anúncio entre os pares, gerar o registro em documentos oficiais, pois, assim, o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar a partir da literatura de cordel pode ser amplamente divulgado e visualizado em larga escala pelos educadores, não ficando vinculado apenas ao desenvolvimento da oratória na disciplina de Língua Portuguesa.

Em um outro episódio que ocorreu na sala de aula, o educador Leandro promoveu um momento de diálogo sobre os direitos do consumidor, o que, para nós, novamente, evidencia bem a perspectiva de um trabalho interdisciplinar. Assim, discutir sobre os direitos e deveres ligados aos comerciantes e consumidores no Brasil é promover, em sala de aula, o despertar de uma Educação Financeira. O episódio a seguir ocorreu ainda no primeiro dia de aula e trata sobre o comportamento impulsivo de muitos consumidores frente a propagandas.

**Educador Leandro:** Vocês já passaram por alguma situação dessa de compras? Vocês já compraram na *Black Friday*?

**Paola:** Eu nunca prestei atenção, assim, se era *Black Friday*.

**Educador Leandro:** Por que estava “Descontão”, né?

**Paola:** Isso, estava “Descontão”. Estampado.

[...]

**Educador Leandro:** O brasileiro gosta de uma promoção. Fala: *está na promoção, metade do preço*. Não sabe que está sendo enganado.

**Julie:** A maioria vai lá e compra pensando que está na promoção, mas não é verdade.

**Educador Leandro:** Então, gente, no código de defesa do consumidor, no artigo 67, diz: Fazer ou promover publicidade que sabe ou deveria saber ser enganosa ou abusiva: Pena: Detenção de três meses a um ano e multa. (*Trecho do Código de Defesa do Consumidor*).

**João:** Só isso?

**Educador Leandro:** Vocês conheciam esse artigo do Código de Defesa do Consumidor? Alguém conhecia?

**Maria:** Eu já ouvi falar.

**Paola:** Eu conhecia.

**Educador Leandro:** Vocês sabem que existe o Código de Defesa do Consumidor, mas em relação da *Black Friday* alguém sabia que tem esse artigo?

**João:** Não.

Nos trechos sombreados, o educador Leandro e as educandas Paola e Julie enfatizam que o brasileiro possui um certo comportamento ao notar uma promoção, porém, não sabe que

essa promoção pode lhe trazer um engano. De acordo com Silva e Silva (2024), tal comportamento é uma consequência gerada por diferentes fatores externos, como os meios midiáticos, que enfatizam ao longo de suas programações que a *Black Friday* seria o dia “mais barato” para se comprar. Compreendemos que uma possível maneira de evitar tais enganos seria oportunizando a formação de sujeito críticos, isto é, propondo em sala de aula a construção de uma Educação Financeira.

Posteriormente, de maneira imediata após o educador realizar a leitura do artigo 67 do Código de Defesa do Consumidor (CDC), o educando João demonstra sua indignação quanto ao tempo de detenção estimado e verbaliza “*Só isso?*” [*Fala de João ao longo do primeiro dia de aula*], o que evidencia um posicionamento crítico diante do que ele considera pouco tempo de detenção. Sem dar ênfase ao questionamento de João, o educador Leandro busca fazer um diagnóstico na turma acerca do conhecimento do CDC, em especial acerca do artigo 67, e obtém duas respostas afirmativas e uma negativa, que coincidentemente é a de João.

Compreendemos que apresentar em sala de aula discussões em torno de temáticas que agreguem à vida social de cada indivíduo é contribuir para a preparação de sujeitos críticos (Freire, 2021) e formação para a cidadania. Conhecer seus direitos é primordial, pois, no exercício da cidadania — a qual consiste em um vínculo entre o Estado e os sujeitos — os indivíduos garantem seus direitos e sua definição enquanto cidadão (Fiel, 2005). De acordo com Maciel (2009, p. 27), a Matemática oportuniza aos educandos “o acesso ao desenvolvimento de técnicas intelectuais, que o capacitam para enfrentar situações e problemas novos, para modelar adequadamente uma situação real para assim chegar a uma solução”. Nesse sentido, o ambiente escolar — e não distante dele, a aula de Matemática — possui forte influência, haja vista que, nesse lugar, aprende-se e realiza-se as primeiras práticas cidadãs.

Novamente, a partir dos diálogos tidos no trabalho com o cordel na aula de Matemática da EPJAI, o educador conseguiu abordar na aula debates que avançam sobre as barreiras de um ensino fragmentado. Ao trazer o CDC, o docente faz com que sua aula possua uma perspectiva interdisciplinar e mostra que o trabalho com o cordel potencializa a produção de diálogos com este atributo.

Diante do exposto ao longo dessa categoria de análise, compreendemos que o trabalho com o a literatura de cordel na sala de aula potencializa a produção de *diálogos interdisciplinares*, o que promove um ensino não fragmentado (Freire, 2013) e rompe com uma realidade na qual o conhecimento está compartimentalizado (Gallo, 2002). Ao pensar na perspectiva de diálogos interdisciplinares a partir do trabalho com a literatura de cordel,

destacamos dois pontos: a interlocução de discussões entre disciplinas e a abrangência que o cordel possibilita.

No primeiro ponto, a interlocução de discussões entre disciplinas, tal contribuição é notada em virtude de, ao longo dos diálogos dentro de uma aula de Matemática da EPJAI, constatarmos a presença de discussões comuns na disciplina de Língua Inglesa, bem como a possibilidade — dita pelo educador Leandro em entrevista e discutida por nós — de articulação junto a outros componentes curriculares, como Língua Portuguesa, Geografia, História e Biologia. Além disso, o surgimento de um diálogo voltado para a apresentação do CDC evidencia que o trabalho com o cordel na aula de Matemática da EPJAI tem potencial para romper com as barreiras impostas por um ensino fragmentado, e tal rompimento caracteriza, para nós, um trabalho interdisciplinar, haja vista que, ao se propor discussões sobre o CDC, objetiva-se aos estudantes o exercício de sua criticidade com vistas ao desenvolvimento de uma Educação Financeira, pois são consumidores.

Já quando o assunto é a abrangência que o cordel possibilita, compreendemos que ao propor em sala de aula discussões com respaldo na realidade concreta dos educandos jovens, adultos e idosos, a literatura de cordel oportuniza ir além de sua aproximação afetiva com a realidade, possibilitando discutir tópicos que aprofundam os estudos nas diversas áreas de ensino. Dessa forma, levar um cordel para a sala de aula não se justifica pela sua afinidade com o aspecto regional (como apontado pelo educador Leandro) ou afetivo com os estudantes, mas sim pelo seu potencial em promover discussões que extrapolem os limites impostos pela compartimentalização do saber (Gallo, 2002) ou fragmentação do ensino (Freire, 2013).

A seguir, apresentamos a segunda categoria de análise desse estudo, a qual abordará sobre os diálogos que apontam para a reflexão acerca do trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI.

#### **4.2 “Vou [...] [notando] as aparências/[...] [Destacando] as evidências”<sup>61</sup>: Diálogos que apontam para a reflexão acerca do ensino de Matemática a partir do trabalho com a literatura de cordel**

---

<sup>61</sup> O trecho “Vou [...] [notando] as aparências/[...] [Destacando] as evidências” corresponde a uma adaptação de dois versos da canção “Evidências”, de autoria dos compositores José Augusto (1953—atual) e Paulo Sérgio Valle (1940—atual). A canção é um marco da música sertaneja e tornou-se conhecida ao ser gravada e inserida no álbum “Cowboy do Asfalto”, em 1990, pela dupla José Lima Sobrinho (1954—atual) e Durval de Lima (1957—atual), conhecidos popularmente como Chitãozinho e Xororó, alcançando o top 2 das canções mais tocadas nas rádios do Brasil naquele ano. Na música, os autores escrevem que em meio à loucura de amar “Vou negando as aparências/Disfarçando as evidências”, entretanto, para a pesquisa, não podemos negar ou disfarçar, mas sim notar e destacar. Dessa forma, ao substituir as palavras, ressaltamos que o nosso intuito é notar cada aparência vista nos dados e destacar cada evidência notada.

A presente categoria foi construída com episódios ocorridos nas entrevistas realizadas com cinco dos participantes da pesquisa, a saber: educador Leandro e estudantes Jarid, Paola, Bráulio e Patativa. Além desses, alguns diálogos tidos ao longo dos dois dias de aula compõem as discussões que buscarão refletir acerca do ensino de Matemática a partir do trabalho com a literatura de cordel.

Em se tratando de "reflexão", compreendemos essa prática como um componente essencial do processo educativo. De acordo com Freire (2013), a educação não pode ser um ato mecânico ou passivo, no qual o docente realize depósitos de conhecimentos nos estudantes. Em vez disso, o autor sugere uma prática educativa que incentiva educandos e educadores a refletirem criticamente sobre o mundo e suas próprias experiências (Freire, 1983, 2013). O ato de refletir significa analisar e questionar a prática pedagógica, reconhecendo as contradições e complexidades do contexto. Para tanto, essa reflexão pode ocorrer de diversas maneiras (Santos; Andrade, 2023).

Quando a reflexão é feita por parte dos estudantes, ela se concentra no que e como se apropriaram de tal conhecimento, além de possibilitar análises que oportunizem antecipar desdobramentos futuros (Sobral, 2021). Por outro lado, quando a reflexão é por parte do educador, cabe a ele questionar as suas ações, analisar o impacto das suas escolhas e considerar as necessidades dos seus educandos (Santos; Andrade, 2023). A reflexão é importante porque permite identificar acertos e erros, construir novos rumos de atuação, dar um novo sentido à própria prática, proporcionar a apropriação de novos conhecimentos, impactar na tomada de decisões, gerar conscientização e criticidade, dentre diversos outros aspectos (Júnior, 2010).

Nesse sentido, a educação, de modo geral, deve promover e subsidiar reflexões com vistas à realização de análises profundas e conscientes acerca da realidade daqueles que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Tal reflexão ajuda as pessoas a entenderem as estruturas e sistemas que moldam suas vidas, sendo fundamentais para a transformação social (Freire, 2013, 2024).

Ao analisarmos as entrevistas, notamos que houve reflexões comuns aos participantes da pesquisa, isto é, os educandos, bem como o educador, abordaram em suas falas sobre percepções individuais, mas que convergem entre si. Em um dado momento de todas as entrevistas com os discentes foi questionado: *como que você vê o trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática?* O intuito dessa pergunta foi levar aos entrevistados um questionamento que fizesse com que cada um deles buscasse articular os cordéis com a disciplina de Matemática, tratando sobre a experiência tida em sala de aula. A seguir, apresentamos as respostas dos estudantes Bráulio, Paola e Patativa.

**Bráulio:** É bom, né, que você sai só dos cálculos, aprende alguma coisa nova. [...] você sai ali do “só fazendo conta, falando em conta, falando em conta...” Uma experiência nova, né?

**Patativa:** Rapaz, eu achei “daora”. É diferente, assim. Mudar um pouco. Deixar outra visão da Matemática. Você vê que Matemática não é só aquilo de conta. Aí mudar um pouco é bom.

**Paola:** Muito bom. Trouxe, assim, uma certa leveza para a gente. Principalmente para mim. Eu achava que Matemática é só conta, conta, conta. É cálculos, é mais, é menos, é dividir. Toda essa coisa de complicar mesmo. Porque sempre tem aquelas piadas de Matemática, né? Quem complica é Matemática, quem “não sei o que” é Matemática. Então, a gente sempre tem isso na mente. E não, Matemática você pode trabalhar com tudo. Realmente. Até com o cordel, eu fiquei encantada.

Nos trechos sombreados, compreendemos que, a partir do trabalho com a literatura de cordel nas aulas de Matemática, os estudantes refletiram acerca de tal proposta oportunizar a quebra de uma rotina estabelecida ao longo do ano letivo. Bráulio destaca o ato de “sair” da monótona realização de cálculos para participar de uma experiência inédita, o que, segundo ele, possibilita aprender coisas novas. Patativa caracteriza o trabalho com o cordel como algo diferente que fez “mudar um pouco”, proporcionando outra visão acerca da Matemática.

Por fim, Paola lista visões cristalizadas — tanto dela quando dos colegas — acerca da Matemática, isto é, estereótipos como os apontados por Santos (2008, p. 28) de que “‘a matemática é difícil’, ‘a matemática é chata’, ‘eu não consigo entender’, ‘tenho horror à matemática’, ‘é o bicho papão da escola’”. Ao fazer isso, a educanda evidencia que os discentes carregam consigo visões pré-estabelecidas sobre a disciplina. Entretanto, ao final, demonstra que superou esse desafio e compreende que a Matemática pode ser trabalhada com “tudo”. Além disso, ao tratar sobre o cordel no trecho sombreado, afirma que ele trouxe leveza para a aula.

Alinhado à fala apresentada por Paola em entrevista, destacamos um episódio ocorrido no segundo dia de aula, quando a estudante, em meio ao trabalho, afirma: *eu nem imaginava misturar cordel com Matemática. Eu achava que Matemática era só conta [Fala da educanda Paola extraída de um trecho do segundo dia de aula]*. Mais uma vez, a discente apresenta em sua fala o estereótipo carregado por ela acerca da disciplina, entretanto, colocando-o no passado, pois percebeu que já havia superado essa visão cristalizada.

Nas respostas, os estudantes apresentaram uma percepção de que a Matemática fosse “só conta”, “só cálculo”, “complicada”, dentre outras. Essa perspectiva não destoava de diversas narrativas ouvidas ao se tratar sobre a disciplina. Em sua pesquisa, Santos (2008, p. 28) aponta que a maioria dos educandos compreendem a importância da Matemática, entretanto, “[...] há

quase uma unanimidade em afirmar que, mesmo sendo necessário, aprender matemática não é tarefa das mais fáceis e agradáveis”. Muitos estudantes da EPJAI carregam consigo experiências negativas tidas com a Matemática, as quais fazem com que eles considerem a disciplina difícil e, em alguns casos, irrelevante para suas vidas. Além disso, a falta de uma base sólida durante a Educação Básica é um fator que contribui para a dificuldade de compreender conceitos mais avançados (Guerra; Costa; Melo, 2023).

Nessa mesma vertente, ao entrevistar o educador Leandro, questionamos: *Em que o senhor acredita que a literatura de cordel ajudou na sua aula?* Em sua resposta o docente argumentou que: *Primeiramente, quebrando um pouco a ideia de que a Matemática, para os alunos, seja somente cálculos. Quando você traz algo diferente, que você percebe que a Matemática está presente naquilo ali, mas não está apenas o cálculo em si, a parte “enfadonha”, quando o aluno, ele tem dificuldade, ele tende a não gostar tanto. E aí, quando você traz algo diferente, eles começam a mudar essa visão de que a Matemática é uma coisa muito difícil, cansativa, alguns falam que é até “chata”. Eles começam a ter uma visão diferente, uma visão que eles começam a gostar um pouco mais de Matemática, por não ser apenas fazer contas [Trecho da entrevista com o educador Leandro].*

Na fala do educador, é perceptível uma reflexão similar àquelas tidas pelos educandos e que foram apresentadas anteriormente, o que evidencia uma potencialidade no trabalho com a literatura de cordel nas aulas de Matemática. A discussão aqui não é centrada nas falas que colocam a disciplina como “chata” ou não, mas sim no fato de compreender que a proposta de trabalho levada para sala de aula despertou nos estudantes, bem como no educador, reflexões acerca do ensino de Matemática que dão ao cordel um destaque em meio as possibilidades de trabalho.

Ao pontuarem que o cordel oportunizou desmistificar estereótipos que colocam a Matemática enquanto uma disciplina dotada de características negativas, os participantes da pesquisa contribuem para compreendermos que a literatura de cordel possibilita aos envolvidos a construção de um ambiente favorável à troca de ideias, diálogos e experiências. Santos e Silva (2022) pontuam que a contextualização e a conversação são características marcantes na proposta de trabalhar com o cordel nas aulas de Matemática. Essas propriedades fazem com que aqueles comentários negativos sobre a disciplina sejam revistos a partir de reflexões em torno não somente da proposta de trabalho apresentada, mas, principalmente, baseada no envolvimento de cada participante ao longo da realização das aulas.

Quando os participantes da pesquisa se veem envolvidos em meio ao processo de ensino-aprendizagem, é notório o interesse de cada um em contribuir para o desenvolvimento

da proposta, o que faz com que a realidade deles esteja cada vez mais próxima do ambiente escolar, atendendo as sugestões de Freire (1983, 2021) e fazendo com que o ensino de Matemática seja baseado na realidade das pessoas. A respeito de tal fato, o educador Leandro apresentou a seguinte fala quando foi questionado sobre em que o cordel o ajudou na aula de Matemática: *eu percebi que o cordel fez com que houvesse essa aproximação da realidade deles [educados] com a Matemática [Trecho da entrevista com o educador Leandro]*. Ao trazer essa reflexão, o docente evidencia contribuições discutidas por Santos e Silva (2022), quando argumentam que, em meio ao trabalho com cordéis nas aulas de Matemática, é fundamental propor temáticas que não sejam estranhas ao cotidiano dos envolvidos. Dessa forma, oportuniza-se reflexões que se relacionam com saberes agregados ao longo da vida, os quais perpassam a temática do cordel e se originam de contextos sociais distintos, haja vista a diversidade encontrada em uma sala de aula da EPJAI.

Diante do exposto, compreendemos que o trabalho com o cordel na aula de Matemática contribui para romper com comentários negativos acerca do ensino de Matemática. Tal argumento, para além do já apresentado, pode ser visto no diálogo tido com a educanda Paola ao longo da entrevista

**Pesquisador:** Você acha que o cordel, de certa forma, fez mudar um pouco essa mentalidade da Matemática como uma vilã na escola?

**Paola:** Isso mesmo, fez. Porque a gente sempre tem a Matemática como uma vilã. Sempre tinha isso na mente. Nossa, nós temos aula de Matemática, você já fica apavorado, principalmente no dia das provas. Hoje é prova de Matemática? Eu perdia até o sono, a fome, tudo. Esse cordel trouxe para mim, assim, uma leveza, assim, de eu olhar a Matemática com outros olhos de agora para frente.

**Pesquisador:** O que é que você vai levar dessa aula para a sua vida?

**Paola:** Aprendizado. Aprendi que Matemática não é só conta. Matemática também é alegria, pertence ao nosso dia a dia. Todos os dias nós temos Matemática na vida.

**Pesquisador:** E o cordel fez você despertar esse olhar?

**Paola:** Despertar toda aquela coisa que eu tinha com Matemática, o cordel me despertou.

**Pesquisador:** Então, quebramos uma barreira?

**Paola:** Quebrou. Muito bem. Quebrou muito bem essa barreira. Fiquei muito feliz, viu? Hoje mesmo eu estava lendo. Tornei a pegar o livrinho e estava lendo. Falei, gente, que fantástico.

Quando a educanda Paola apresenta a sua concepção de antes e depois, fica notório o impacto positivo que a literatura de cordel na aula de Matemática proporciona aos educandos, a qual consiste em proporcionar o avanço sobre barreiras e comentários negativos construídos

e carregados por diversos estudantes da EPJAI ao longo do tempo acerca do ensino de Matemática.

Diante do exposto, até o presente momento, compreendemos que, a realidade concreta que permeia as discussões em meio as aulas, é fundamental para atingir as diversas potencialidades no trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI. Em um contexto educacional, Freire (2013) enfatiza a importância da realidade concreta, pois acredita que a educação deve partir das experiências reais e cotidianas das pessoas. Para o autor, a realidade concreta é o mundo vivido e experimentado, com seus problemas, contradições e desafios específicos (Freire, 1983).

Posto isto, educar é ajudar os indivíduos a desenvolver uma consciência crítica dessa realidade, entendendo suas causas e consequências. Nesse sentido, é preciso minimizar as distâncias existentes entre o contexto educacional e o mundo vivido para além dos muros escolares (Freire, 2021). A educação deve partir das experiências reais dos educandos, pois ela faz mais sentido quando enraizada no contexto e na realidade concreta de cada um deles, ou seja, naquilo que eles vivenciam no dia a dia, para que possam questionar, analisar, compreender as causas das situações que vivem, percebendo as estruturas e sistemas que influenciam sua vida e, ao final, apoiar-se em uma criticidade construída ao longo do processo para comunicar e transformar o mundo ao seu redor (Freire, 2013, 1983).

Como já apresentado nesta pesquisa, os participantes possuem uma diversidade em faixa etária, sexo, objetivos de vida dentre outros. Entretanto, tendo em vista que as próximas discussões serão feitas com base na realidade concreta dos estudantes, iremos nos ater a significativa abrangência de profissões que permeiam a sala de aula. O educando Patativa, por exemplo, é funcionário de um laticínio na cidade e o episódio a seguir corresponde a um trecho da entrevista com ele.

**Pesquisador:** Lá no Laticínio, você trabalha na produção de queijo ou você trabalha na venda também?

**Patativa:** Na produção e na venda também.

**Pesquisador:** Na hora da aula, você se colocou na posição do vendedor?

**Patativa:** É, também. Querendo ou não, você tem que tentar vender o produto. Aí você tem que, de alguma forma, convencer a comprar.

**Pesquisador:** Já teve alguém que chegou lá para comprar queijo e falou que o valor estava caro para o produto?

**Patativa:** Já, já teve. Pediu desconto. Aí eu falei: “ah, eu dei desconto já, estava mais alto ainda”. Aí abaixou, esse preço aqui, é o menor, hein?

**Pesquisador:** Então você tem um pouco de Maria e tem um pouco do vendedor.

**Patativa:** Dos dois juntos. Um pouco de um, um pouco de outro.

**Pesquisador:** Acho que por isso que você trouxe a fala de “Maria estava certa, mas o vendedor não estava errado”.

**Patativa:** Por isso que eu pensei, eu preciso dos dois. **Eu me vi nos dois.**

No episódio apresentado, compreendemos em meios as falas de Patativa o quanto suas vivências profissionais impactaram nos argumentos construídos ao longo das aulas. De modo geral, os demais educandos apontavam a personagem Maria sendo aquela correta diante do questionamento final deixado no cordel — *Afinal, quem está certo?* — Entretanto, Patativa trouxe, no trecho sombreado, uma visão diferente daquelas que foram apresentadas pelos colegas e atribuímos isso a sua realidade concreta. Ao problematizar situações cotidianas (no caso do cordel, a *Black Friday*), as discussões oferecem potencial para reflexões, tanto individuais quanto coletivas que não se isolam a um único ocorrido, mas que abarcam para além do tema da aula, problematizações sociais e históricas (Silva J., 2022), dentre diversos outros pontos, inclusive, reflexões que são influenciadas pela vida profissional dos estudantes.

Ainda em entrevista com Patativa, perguntamos: *“você acha que trabalhar na produção e venda do queijo contribuiu para você trazer essa fala [referente a se ver nos dois personagens do cordel]?”* O intuito de trazer tal questionamento foi verificar se o educando percebia influências da vida profissional em suas reflexões. Em sua resposta, Patativa argumentou que: *“Isso. Acho que um pouco [Trecho da entrevista com Patativa]”*. A fala do educando evidencia o quanto a realidade concreta adentra as salas de aula e influenciam nas reflexões que permeiam esse ambiente, fazendo com que ele não se torne um espaço isolado das vivências práticas dos educandos.

Integrar essas experiências fortalece o processo educativo porque pode tornar o aprendizado mais significativo e aplicável ao mundo real, pois, ao relacionar o conteúdo acadêmico com o contexto profissional dos estudantes, eles podem compreender de maneira mais profunda como o conhecimento pode impactar suas vidas e melhorar suas condições de trabalho (Freire, 2013, 2021). Além disso, ao tomar essa perspectiva de trabalho, o docente que ensina Matemática consegue promover uma valorização do contexto sociocultural e econômico do seu educando, oferecendo a ele a possibilidade de abordar sobre os conhecimentos prévios que carrega e apropriar-se de conhecimentos para tornar-se um agente de transformação do meio em que vive (Brasil, 2002).

Em um outro episódio, agora ao longo do primeiro dia de aula, foi possível observar, novamente, a presença da realidade dos discentes em meio aos debates tidos em sala. Enquanto o educador Leandro discutia, junto aos estudantes, acerca da importância da Matemática, as

educandas Maria e Julie verbalizaram sobre situações vividas ou percepções do cotidiano que tem ligação com a aula.

**Educador Leandro:** Olha a importância da Matemática. Muitas vezes vocês se perguntam: Eu vou usar isso para que, professor? Para não ser enganado! [Não ser enganado pelos movimentos fraudulentos da *Black Friday*].

**Maria:** Inclusive, esse mês passou em uma *Live de Black Friday*, todo mundo comprando, mas tinha um ou duas pessoas que perguntava: e o valor antes era quanto? A maioria ali comprava simplesmente por causa do preço: Essa toalha está R\$10,00, essa flanela está... quase ninguém perguntava qual era o preço antes. Duas pessoas que perguntavam: e o valor era quanto antes? Comprava no impulso ali, só pelo desconto.

**Educador Leandro:** O brasileiro gosta de uma promoção. Fala “está na promoção, metade do preço”. Não sabe que está sendo enganado.

**Julie:** A maioria vai lá e compra pensando que está na promoção, mas não é verdade.

Maria e Julie levaram para a sala de aula, por meio das falas, vivências tidas para além dos muros escolares, o que, novamente, acompanha as sugestões de aproximação discutidas por Freire (2021). Ao apresentar tal reflexão, as discentes evidenciam a construção de argumentos a serem levados para suas vidas e utilizados com vistas a transformação do meio em que elas estão inseridas (Freire, 2013). Certamente, ao se deparar com uma *Live de Black Friday*, as educandas apropriadas dos conhecimentos discutidos ao longo da aula, não serão impulsivas e buscarão analisar os preços atuais (com desconto) com aqueles preços antes do período de liquidação. Diante do exposto, mais uma vez, fica perceptível o quanto a realidade concreta dos discentes pode contribuir para desenvolvimento efetivo de reflexões críticas a partir do trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática.

Em entrevista com a educanda Jarid, podemos notar, novamente, o impacto e o quanto a realidade concreta dos estudantes adentra a sala de aula.

**Pesquisador:** Já comprou na *Black Friday*?

**Jarid:** Não.

**Pesquisador:** Nunca?

**Jarid:** Não.

**Pesquisador:** Aqui na cidade teve *Black Friday*, não foi?

**Jarid:** Tem sim, no mercado tem sim. Comprei até uma caixa de sabão em pó.

**Pesquisador:** Aí, ó, comprou na *Black Friday*.

**Jarid:** Agora que eu estou lembrando, comprei sim. Bom, gostei!

**Pesquisador:** Gostou? Você lembra o valor da caixa de sabão em pó antes da *Black Friday*?

**Jarid:** Eu acho assim, que a gente só olha o preço que está lá, mas não vê nem lembra o preço de antes. E isso é interessante para a gente. O quanto era o preço e o valor que está ali.

**Pesquisador:** Mas ao seu ver, compensou comprar essa caixa de sabão em pó?

**Jarid:** Compensou porque é bom e rende. Só que eu precisava saber o valor de antes, entendeu? Mas eu gostei. E as meninas falaram “eu vi uma colega minha falando” e pensei “vou lá procurar”. Cheguei lá e perguntei: “Esse sabão aqui é bom?” Eles responderam: “é e está saindo bastante. Só tem esse aí”.

**Pesquisador:** Perguntou ao vendedor e ele falou que estava saindo bastante. Será que nesse vendedor lá do mercado não tinha um pouquinho do vendedor da história de Maria?

**Jarid:** Então, né, vai saber.

**Pesquisador:** Mas no resumo da obra, você saiu feliz com a compra?

**Jarid:** É, sai. Porque eu gostei, está bom.

No diálogo apresentado é possível observar, em um primeiro momento, que Jarid sequer percebeu que havia comprado um produto na *Black Friday*, entretanto, com o desenrolar da entrevista, a educanda demonstra o motivo de não ter se atentado a esse movimento, pois argumenta que “ouviu as meninas” falando e resolveu verificar no mercado. O argumento de Jarid se aproxima da fala de Julie no episódio apresentado anteriormente, o que evidencia o quanto as práticas cotidianas podem se articular com trabalhos desenvolvidos em sala de aula. Por mais que a educanda não tenha percebido o fato de comprar na *Black Friday*, em suas palavras, ela demonstra que as discussões tidas em sala de aula perpassam sua vida social.

Diante desse cenário, compreendemos que o trabalho com a literatura de cordel nas aulas de Matemática da EPJAI demonstra seu potencial ao articular a realidade concreta com os conteúdos curriculares. Haja vista que, em meio à ação realizada, o educador, junto aos educandos, conseguiu dialogar não apenas sobre a Matemática Financeira por trás do movimento da *Black Friday*, mas, principalmente, interligar a sua aula com aspectos do cotidiano dos estudantes, a exemplo de Patativa, Maria, Julie e Jarid. Entendemos que, mesmo que o educador Leandro não tenha levantado essas discussões em sala de aula — em particular com Patativa e Jarid que verbalizaram em entrevista — o trabalho realizado pelo docente subsidiou argumentos e percepções aos estudantes, o que os fez, fora da sala de aula, refletirem acerca de suas realidades e articularem com aquilo visto durante as aulas.

Em um outro episódio, em entrevista com Leandro, questionamos se a temática do cordel havia agradado aos estudantes. Ele respondeu: *a grande maioria. Eu percebi que ocorreu assim, uma aceitação muito grande por praticamente toda a turma. Não percebi alunos que tivesse achado o tema ruim ou tivesse tido alguma resistência ao tema, ao cordel. Então, eu*

*percebi que teve uma aceitação muito grande na turma [Trecho da entrevista com o educador Leandro].* No trecho apresentado, o educador evidencia que ao levar para sala de aula de Matemática um cordel com temáticas não estranhas aos envolvidos, potencializa-se um ambiente de aceitação ao que é proposto — corroborando novamente com Santos e Silva (2022) e atendendo as sugestões de Freire (2021) — possibilitando que não se reforce as visões negativas da Matemática como uma disciplina isolada e distante da realidade.

Tal constatação contribui para compreendermos que o trabalho com a literatura de cordel nas aulas de Matemática da EPJAI pode oportunizar uma aproximação não apenas da temática com a realidade dos discentes, mas, principalmente, do cotidiano de cada um com a aula em si e seus desdobramentos, tanto no que diz respeito aos conteúdos curriculares quando à construção de uma criticidade e inquietação para transformação do meio em que vivem. Isso mostra que a perspectiva de trabalho com o cordel é articulada junto à concepção de educação defendida por Freire (2013), isto é, uma educação que transforme pessoas para que elas transformem o meio em que vivem. Essa perspectiva fica evidente ao observamos a resposta de Leandro em meio a mais um episódio da entrevista.

**Pesquisador:** Sobre essa receptividade dos estudantes quanto ao tema, eles conseguiram articular esse tema trabalhado na aula com a vida deles? Eles trouxeram experiências da vida deles para a aula?

**Educador Leandro:** Sim, sim. Durante a aula, a gente percebeu que alguns alunos falavam “ó, professor, eu já passei por essa situação, eu fiz determinada compra e aí eu fui perceber que o desconto não era tão grande assim. Ah, eu conheço alguém que já passou por essa mesma situação”. Então, eu percebi que aquilo estava próximo da realidade deles. **Eles já tinham vivido aquilo ali ou conhecia alguém que já tinha vivido aquela situação.** Então, estava muito próximo da realidade deles.

**Pesquisador:** Como você visualizou o trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática?

**Educador Leandro:** Eu percebi que essa ligação do cordel com a Matemática, casando com o tema que coincidiu com uma data, chamou mais a atenção do que se fosse apenas o cordel com a Matemática em outro contexto. Então, além do cordel ter encaixado perfeitamente na Matemática, com o tema que foi sugerido, ainda ficou mais atraente para os alunos. **Eu percebi o interesse deles em estar debatendo um tema tão atual naquele momento.**

Na fala do educador, ele defende que o tema abordado foi fundamental para a realização da aula, pois, de acordo com ele, tal ação possibilitou “atrair” os educandos para o que era proposto. Guerra, Costa e Melo (2023) pontuam que, em meio às aulas de Matemática da EPJAI, diversos desafios são enfrentados por docentes e discentes. Entretanto, para superar essas dificuldades, uma possível solução é fazer com que o ensino da disciplina seja mais

relevante e aplicável em um contexto prático para os estudantes. Corroboramos com Leandro, destacando os trechos sombreados e acrescentando que não apenas o tema, coincidir com a data de realização da aula foi o motivo da atração, mas também o fato de que o que se propôs estava diretamente ligado à realidade concreta dos discentes, com seu mundo vivido, problemas, desafios e contradições.

Alinhar-se ao que se vive, isto é, propor trabalhos que tenham ligação com a realidade, é fundamental para a apropriação de conhecimento, bem como para o desenvolvimento de reflexões com vistas a criticidade dos educandos. De acordo com Freire (2021), a reflexão crítica é essencial para que o estudante se torne uma pessoa ativa e consciente em seu próprio processo de aprendizagem e na sociedade em que vive. Tal característica é a capacidade de questionar, analisar e refletir sobre a realidade, as estruturas e o sistema de forma profunda e significativa com vistas à comunicação e transformação do meio em que se encontra (Freire, 1983, 2013).

Em entrevista, foi questionado à Paola sobre as discussões tidas e sua percepção quanto a elas. Em sua resposta, a educanda aborda que: *Pelo que eu entendi de todos, o que eu vi é que a maioria não conhecia esse negócio de comprar, de ver lá a promoção, 10%, 40%, e chegar até o vendedor e perguntar: “quanto foi esse produto antes?” Eu vi muitas, principalmente as meninas, comentando isso. É mesmo verdade. A gente nunca chegou a perguntar para o vendedor quanto custava aquele produto antes? E a gente comprando, achando feliz ali que tem aquele desconto, mas a gente não sabia quanto custava o produto antes. Será que realmente aquele não estava caro ali? Ou mais caro no momento e mais barato antes? Então, eu vi muito elas questionando isso [Trecho da entrevista com a educanda Paola].*

Diante da fala apresentada, fica perceptível que antes das discussões tidas a partir do trabalho com a literatura de cordel nas aulas de Matemática da EPJAI, as educandas possuíam uma característica de “confiança” na *Black Friday*. Entretanto, diante da inquietação com questionamentos acerca do valor real dos produtos nos trechos sombreados, compreendemos que houve o desenvolvimento de uma reflexão crítica, afinal, após esta reflexão, certamente, haverá uma mudança de atitude por parte do “consumidor” no meio em que vive. Transformar o mundo (em especial, a realidade de cada um), exige, inicialmente, a transformação do ser, para depois, ele se responsabilizar pela mudança do ambiente em que está. A educação, por si só, não muda a sociedade imediatamente, mas tem o poder de transformar os indivíduos, ajudando-os a se tornarem conscientes de si mesmos, do mundo ao seu redor e de suas capacidades para agir (Freire, 2013, 2021).

Em outros episódios, ao longo das entrevistas com Paola, Jarid e Patativa, questionamos: *quais contribuições você acredita que o cordel e as discussões trouxeram para a aula de Matemática e para a sua vida?* Percebemos que em suas falas, eles evidenciavam a construção de uma consciência crítica. A seguir, apresentamos juntos alguns trechos da entrevista de cada um, para depois, discutirmos sobre eles, pois compreendemos que o teor de suas falas converge.

**Paola:** Principalmente a mente da gente, né? O pensar. Tipo, a gente ter outra mentalidade por Matemática. [...] então, hoje em dia eu já fico mais atenta, mais esperta com isso. Por causa da Maria, porque eu vi no cordel.

**Patativa:** Ajudou a ver primeiro do que fazer. Você tem que analisar primeiro as coisas antes de comprar ou fazer algo. Analisar. Calcular se compensa, não compensa, vale a pena ou não. É, tipo, você pensar antes de fazer as coisas. É você parar pra pensar nesse lado. Porque tem gente que tem aquele impulso. Fala: “ah, estou aqui, vou comprar uma coisa. Ah, estou aqui, vou comprar”. Não pensa se teve desconto mesmo ou não, se o produto não foi inferior. Tem gente que fala que teve desconto, mas pode ser que nem desconto teve. Para você refletir um pouco sobre isso também.

**Jarid:** Para a gente estar mais atento. Vigiar mais e estar mais atento.

A partir dos trechos apresentados, compreendemos que o trabalho com a literatura de cordel nas aulas de Matemática contribuiu para o desenvolvimento da criticidade e formação de pessoas conscientes de sua realidade. Essa consciência crítica, leva as pessoas a se enxergarem como participantes da história, capazes de intervir e transformar as realidades injustas (Freire, 2024). Quando a educação promove a criticidade, ela capacita as pessoas a questionar e reconstruir os sistemas e as estruturas sociais, econômicas e políticas que lhes interessam. Assim, a verdadeira mudança no mundo acontece quando pessoas transformadas — conscientes e mobilizadas — decidem agir para criar uma sociedade mais justa para todos (Freire, 2013).

Diante do exposto, o trabalho com cordéis evidencia mais uma potencialidade, a de fomentar discussões que desencadearão em reflexões acerca da realidade, sistemas e estruturas que nos cercam. Tais reflexões possibilitam, ao final do processo, o surgimento de inquietações que oportunizam movimentos de mudanças da realidade, as quais atendem os anseios tidos pelos jovens, adultos e idosos, pois essas pessoas, ao retornarem ao ambiente escolar, levam consigo o desejo de uma vida mais justa e humana (Freire, 2013; Arroyo, 2017).

Ao questionarmos o educador Leandro com a mesma ótica da pergunta feita aos estudantes, ele respondeu que:

**Educador Leandro:** Primeiramente, a questão de as pessoas serem consumidores conscientes, porque muitos acabam comprando por impulso quando encontram uma promoção. Entram na loja e, geralmente, não é a loja inteira que está em promoção, é apenas alguns itens. E as pessoas, por impulso, vão ali e acabam comprando outros produtos que não estavam na promoção. Então, trazer para o aluno essa ideia de ele buscar os seus direitos, dele procurar fazer uma análise daquilo que vai ser mais vantajoso na sua escolha enquanto consumidor, onde trazia lá a questão se ele compraria na cidade, ou se ele buscaria outras cidades para comprar. Então, que ele tivesse condições, tivesse o conhecimento de poder fazer a melhor escolha. E, para ser feita essa melhor escolha, ele precisaria ter o seu conhecimento matemático ali na hora de fazer os cálculos. Assim, percebi que eles viram no cordel uma forma de serem consumidores mais conscientes e perceberam a importância também da Matemática nas suas escolhas em relação à compra. [...]. Então, o cordel e a questão deles enxergarem ali naquele cordel a sua situação enquanto consumidor e um consumidor do interior, onde muitas vezes tem um perfil diferente daquele consumidor dos grandes centros, onde ele precisa fazer algumas escolhas, dentre elas, ter que comprar na sua cidade ou ter que se deslocar para outra cidade. Então, o cordel os ajudou a serem mais conscientes, fazerem melhores escolhas enquanto consumidores.

Na fala do educador, em especial nos trechos sombreados, percebemos um alinhamento com as reflexões tidas pelos estudantes Patativa, Paola e Jarid em meios as entrevistas. Dessa forma, compreendemos que, ao trabalhar com os textos de cordel na aula de Matemática e oportunizar discussões, houve a construção da consciência crítica de maneira coletiva. Tal aspecto não implica necessariamente em desenvolver posteriormente ações coletivas, mas faz com que cada pessoa saia da aula com inquietações sobre as temáticas discutidas com vistas a mudar inicialmente a sua realidade (pessoal, familiar, profissional, dentre outros), para depois, mobilizados, proporem uma mudança a nível maior.

Nessa perspectiva, no primeiro dia de aula foi possível notar o quanto as discussões tidas já mostravam inquietações e percepções dos estudantes quanto às temáticas abordadas. O trecho a seguir apresenta um momento do primeiro dia de aula em que foi discutido sobre o movimento da *Black Friday* na cidade em que foi realizada a pesquisa.

**Educador Leandro:** Será que aqui na cidade também teve esse movimento?

**Coletivo em sintonia:** Teve!

**Ariano:** E as coisas estão iguais aqui! Do mesmo jeitinho.

Na fala do estudante Ariano, compreendemos que ele desenvolveu uma reflexão interligando o seu cotidiano com a situação abordada na literatura de cordel, pois a sua resposta não é descontextualizada e longe da realidade. Quando ele pontua que, na cidade, os movimentos da *Black Friday* estão na mesma perspectiva daquele apresentado no cordel, ele evidencia e traz para a sala de aula inquietações tidas na sua vida para além dos muros escolares. Para fazer tal afirmação, o discente precisou passar por uma experiência ou ouvir falar de alguém da cidade que passou por isso. Assim, diante das interpretações feitas e dos diálogos tidos acerca da temática do cordel, ele se mobilizou e apresentou para a turma uma reflexão crítica baseada em suas vivências (Freire, 1983, 2021).

Em entrevista com o educador Leandro, foi questionado sobre a articulação entre literatura de cordel, aula de Matemática e EPJAI. O objetivo ao propor essa pergunta consistia em verificar na fala do educador uma possível percepção dele acerca da reunião entre as três esferas apresentadas. Em sua resposta, Leandro afirma que: *Eu percebo que esse tripé casou muito bem. A dificuldade que eles[educandos] têm em fazer cálculo é grande. Então, sair um pouco dessa parte um tanto cansativa do cálculo e trazer algo diferente para a aula, isso fez com que eles se interessassem um pouco mais, ter um olhar diferente da Matemática através do cordel. E, principalmente, para os alunos da EPJAI, onde eles têm, a questão da diferença de idade muito grande. E aí a gente percebe que o cordel, ele conseguiu envolver desde aqueles mais jovens até os com maior idade. Então, essa questão do cordel, Matemática e EPJAI casou perfeitamente [Trecho da entrevista com o educador Leandro].*

Na fala do educador, compreendemos que ele buscou articular as três esferas que compõe esta pesquisa: literatura de cordel, EPJAI e aula de Matemática. Em suas palavras, Leandro refletiu acerca da dificuldade apresentada pelos estudantes em meio a realização de cálculos, entretanto, apontou, no primeiro trecho sombreado, que ao trazer a proposta do trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI, percebeu que os discentes “se interessaram” mais e passaram a ter um olhar diferente do que comumente era visto. A percepção apontada por Leandro corrobora com as discussões de Santos e Silva (2022), quando os autores pontuam que o cordel na EPJAI oportuniza aos educandos o despertar de um interesse diante da realização das atividades propostas, haja vista as características marcantes como enredos envolventes, contações de histórias, linguagem de fácil compreensão, proximidade da literatura com as pessoas, entre outros.

Destacamos ainda o segundo trecho sombreado, quando o docente abordou que o trabalho realizado conseguiu abarcar toda a faixa etária encontrada em turmas de EPJAI. De acordo com Guerra, Costa e Melo (2023) a amplitude de idade encontrada em uma sala de aula

da EPJAI é uma das dificuldades enfrentadas pelos educadores ao longo de suas aulas. Entretanto, é preciso superar esse desafio de maneira profissional e inclusiva, combatendo o preconceito visto em relação a idade e valorizando, bem como respeitando, o potencial de cada estudante, pois esta modalidade de ensino “é uma oportunidade de aprendizado ao longo da vida e todos [...] merecem ter acesso a uma educação de qualidade, independentemente de sua idade” (Guerra; Costa; Melo, 2023, p. 3-4).

Compreendemos que é primordial, em meio ao trabalho com a literatura de cordel nas aulas de Matemática da EPJAI, que sejam discutidas temáticas que estejam presentes no dia a dia dos envolvidos (Santos; Silva, 2022). Nesse sentido, olhando para o cordel *Desconto de fim de ano*, que foi trabalhado nesta pesquisa, entendemos que este estava próximo da realidade dos discentes e isso oportunizou abarcar um maior número de estudantes participativos em meio aos debates tidos em sala de aula, contribuindo inclusive para superar as dificuldades enfrentadas por docentes da EPJAI, como aquela já apresentada e que se relaciona com a ampla faixa etária desse público.

Ainda em entrevista com Leandro, questionamos sobre possíveis comentários dos discentes sobre o trabalho com a literatura de cordel nas aulas de Matemática da EPJAI. As entrevistas, tanto com os educandos quanto com o educador, foram realizadas dois dias após o desenvolvimento das aulas e, em virtude disso, o docente relatou que não havia ainda conversado com a maioria dos estudantes. Entretanto, recordando-se daqueles que havia dialogado, Leandro afirmou: *Eles comentaram que gostaram muito de ter participado da aula. Do tema, de ter trazido o cordel para a aula de Matemática, foi uma experiência inédita para eles também, mas que eles se identificaram muito com a temática, se identificaram muito com o cordel e trazer o cordel para a aula de Matemática para eles deu um sentido a mais nas aulas de Matemática* [Trecho da entrevista com o educador Leandro].

No trecho sombreado, destacamos a afirmação do docente quanto a percepção dos educandos. Durante o desenvolvimento dos trabalhos e ao perceberem que as discussões permeiam sua realidade, os estudantes atribuem à disciplina de Matemática mais relevância, deixando de lado visões negativas e passando a compreendê-la como algo de maior significância e aplicabilidade ao seu dia a dia, o que os torna discentes participativos em meio aos trabalhos. Ao levar para sala de aula de Matemática propostas que acompanham essa perspectiva, o educador fomenta a participação ativa dos estudantes, o que é essencial para uma educação verdadeiramente transformadora (Freire, 2013).

Os educandos, em meio aos trabalhos, não aguardam passivamente um depósito de conhecimentos a ser feito pelo educador, que Freire (2013, p. 64) chama de educação

“bancária”, e pontua que, nessa visão, “o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão”. Pelo contrário, pela proposta de trabalho com cordéis na aula de Matemática da EPJAI consistir na constante produção de diálogos entre ambas as partes — que, ao longo as aulas se tornam uma só — tanto o docente quanto o discente têm o papel de sujeitos da aprendizagem.

Nessa perspectiva, compreendemos que o trabalho com a literatura de cordel nas aulas de Matemática da EPJAI se coloca contra a concepção de educação como depósitos de conhecimento e se alinha com uma proposta de educação baseada em diálogos, defendida por Freire (2013). Nesse modelo, os educandos participam ativamente do processo, contribuindo com suas próprias experiências e conhecimentos (Freire, 2021), além de questionar a sua realidade diante das inquietações geradas ao longo das aulas e vidas, o que os fará, posteriormente, analisar e transformar a realidade a sua volta, libertando-se e libertando os outros das mazelas de sistemas e estruturas que os sufocam (Freire, 2013, 2022, 2024).

Mesmo diante das diversas contribuições notadas ao longo desta categoria, bem como na anterior, compreendemos que o trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI pode possuir algumas dificuldades tanto para os educandos quanto para o educador. A respeito de tal fato, questionamos a Leandro: *tendo em vista que é uma proposta inédita de trabalho para o senhor, foi possível perceber alguma dificuldade?* O docente, como já apresentado na categoria anterior, nunca havia trabalhado com cordéis em suas aulas e, diante desse ineditismo, o intuito ao levar o questionamento foi verificar possíveis dificuldades dele ao longo do trabalho proposto. Em sua resposta, Leandro afirma que:

**Educador Leandro:** Não, não. Para mim, eu não tive dificuldade. Eu até gostei de trabalhar com o cordel na aula. Achei uma proposta bem interessante. E não tive dificuldade em trabalhar com os alunos, com essa temática e o cordel na Matemática. Eu não diria dificuldade na parte Matemática, mas que o público da EPJAI traz dificuldades que não vem apenas da área da Matemática. Eu percebo que eles também têm uma dificuldade em leitura e em interpretação. Então, talvez a dificuldade fosse nesse sentido. De eles fazerem uma leitura, onde eles conseguissem interpretar o que está sendo trazido ali naquele cordel. E eu percebi que até o início das discussões, demorou um pouco mais justamente porque na leitura inicial eles não conseguiam identificar, de forma rápida o que que estava pedindo. Então, eles tiveram um pouco de dificuldade nesse sentido, da leitura e da interpretação. Eles trazem essa dificuldade, não só em Matemática, mas em outras áreas do conhecimento também.

Na resposta do educador, compreendemos que ele não enfrentou dificuldades quanto a sua prática ao trabalhar com a literatura de cordel em sua aula na EPJAI, entretanto, no primeiro trecho sombreado, o docente destaca que os jovens, adultos e idosos carregam consigo dificuldades. No âmbito da disciplina de Matemática, de acordo com Guerra, Costa e Melo (2023, p. 2) alguns educandos “podem possuir uma base sólida [...], enquanto outros podem ter lacunas significativas”.

Algumas das dificuldades apontadas por Guerra, Costa e Melo (2023) são: a falta de motivação e interesse; expectativas baixas; organização de temas e orientações didáticas que muitas vezes não se encaixam com a realidade vivida; diversidade de níveis de habilidades, dentre outros. A última dificuldade apontada pelos autores se alinha com uma lacuna indicada pelo educador Leandro no segundo trecho sombreado, que consiste em dificuldades de leitura e interpretação, a qual é primordial para o desenvolvimento do trabalho com a literatura de cordel nas aulas de Matemática da EPJAI. Entretanto, ao apresentar dificuldades quanto a ela, a realização da proposta se torna um pouco mais trabalhosa, pois faz-se necessário que o educador busque estratégias que objetivem contornar a situação e colocar os estudantes em níveis de compreensão próximos para melhor fluidez das discussões.

A lacuna discutida não compromete o desenvolvimento da aula, pois configura-se enquanto uma realidade encontrada nas salas de aula da EPJAI. Esta modalidade de ensino é marcada por suas diversas especificidades, entretanto, cabe ao educador adotar práticas que incluam todos os estudantes, respeitando suas diferentes experiências e níveis de habilidade (Guerra; Costa; Melo, 2023; Freire, 2021).

Em um outro episódio, ainda em entrevista com o educador Leandro, foi questionado se para ele, diante da experiência tida, é possível trabalhar com a literatura de cordel nas aulas de Matemática da EPJAI. Em sua resposta, o docente afirmou: *Acredito que sim, mas confesso a você, a dificuldade é a produção desse cordel para as aulas. Eu teria essa dificuldade em criar um cordel para trabalhar na aula. Mas, por exemplo, se já existissem materiais onde tivesse o cordel relacionado à Matemática, eu acharia perfeito. Pelo menos a experiência que eu tive foi algo bem agradável de ser trabalhado, onde os alunos gostaram bastante, mas eu percebo a dificuldade de você criar o cordel para a aula. Então, essa criação talvez fosse uma dificuldade, mas trabalhar o cordel na aula de Matemática, eu acho que agregaria muito às aulas de Matemática da EPJAI. Seria e foi uma experiência muito boa na aula da EPJAI, trabalhar com cordel e a Matemática [Trecho da entrevista com o educador Leandro].*

Em sua fala, Leandro destaca que o trabalho em si não apresenta dificuldades. Entretanto, aponta que a produção do cordel se configura enquanto um empecilho. Lucindo

(2013) percebeu em seu estudo que um dos principais desafios dos educadores da EPJAI é a escassez de materiais específicos para esse público, haja vista a constante adaptação feita por eles em materiais de outras modalidades de ensino. Ainda segundo a autora, ao realizar modificações, é preciso que elas estejam alinhadas com as especificidades da turma de EPJAI, pois, caso contrário, o docente pode, por exemplo, “infantilizar” o processo de ensino e contribuir para a aumento nos índices de evasão escolar.

Para superar esse impasse, Leandro sugere que seria mais fácil se já existissem literaturas de cordel na perspectiva adotada nesta pesquisa. Diante disso, compreendemos a importância de estruturar um banco de cordéis para serem trabalhados nas aulas de Matemática e destacamos que o projeto “Literatura de Cordel na Aula de Matemática” já apresenta essa iniciativa. No *site*<sup>62</sup> do próprio projeto, é possível encontrar textos de cordel, vídeos animados com declamação das narrativas e roteiros com sugestões para educadores se embasarem e se inspirarem com vistas ao desenvolvimento de suas aulas.

Diante do exposto nesta categoria de análise, compreendemos que o trabalho com a literatura de cordel nas aulas de Matemática da EPJAI potencializa reflexões tanto dos educandos quanto do educador dentro da sala de aula e fora dela. Uma primeira reflexão tida foi acerca dos estereótipos negativos sobre o ensino de Matemática apresentadas por Santos (2008). O trabalho proposto possibilita o rompimento dessas visões carregadas pelos estudantes ao longo de suas trajetórias, pois, ao trabalhar com cordéis nas aulas, ficou evidente o avanço sobre essa barreira, oportunizando aos educandos construir uma nova visão da Matemática como uma disciplina relevante e aplicável em seu cotidiano, o que faz dessa perspectiva de trabalho uma que se alinha as sugestões da Proposta Curricular da EJA (Brasil, 2002).

Uma outra reflexão tida foi quanto à importância da realidade concreta, destacando o quanto ela adentra a sala e sua relevância para o ensino de Matemática. Trabalhar temáticas que se aproximem da realidade dos discentes possibilita a eles levarem para a aula experiências tidas ao longo da vida, problemas enfrentados e desafios impostos pelo cotidiano. Quando as discussões dizem respeito a situações corriqueiras na vida dos estudantes, eles levam para os debates não apenas conhecimentos acerca da temática, mas sim vivências tidas e que, a partir do trabalho realizado, se inquietou para compreendê-las ou mudá-las. Nesse sentido, o trabalho com cordéis nas aulas de Matemática da EPJAI oportuniza reflexões sobre a realidade, sistemas e estrutura que nos cercam com vistas ao desenvolvimento da consciência crítica na aula de Matemática, o que, posteriormente, oferece aos discentes a oportunidade de se libertar e

---

<sup>62</sup> Endereço eletrônico: [http://www2.uesb.br/projeto/cordelmatematica/?post\\_type=videos](http://www2.uesb.br/projeto/cordelmatematica/?post_type=videos)

transformar o meio em que vivem, o que se alinha com o pensamento de Freire (1983, 2013, 2022).

Diante desse cenário, a proposta contribui ainda ao despertar o interesse dos estudantes independentemente de sua idade, pois as discussões produzidas ao longo dos trabalhos têm implicação direta com a realidade deles, o que favorece a aproximação de cada um, fazendo com que dê a aula de Matemática relevância e aplicabilidade ao seu dia a dia. Entretanto, compreendemos que, mesmo frente as diversas contribuições, o trabalho com cordéis tem algumas dificuldades.

Neste estudo, constatamos que os desafios quanto à leitura e interpretação de textos pode ser um empecilho diante do trabalho, porém, configura-se como algo recorrente em turmas de EPJAI (Guerra; Costa; Melo, 2023) e deve ser contornado pelo educador, buscando colocar os estudantes em níveis próximos de compreensão para que as discussões transcorram e encontrem um ambiente propício para sua realização. Uma outra dificuldade notada foi quanto ao educador encontrar materiais para o realizar de sua aula, o que é discutido por Lucindo (2013) e, no caso da nossa pesquisa, encontrar cordéis que se alinhem com aquele proposto para a aula.

A seguir, são apresentadas as considerações finais desta pesquisa.



Na disputa derradeira  
 Já na curva de chegada,  
 Onde não existe o freio,  
 No final da caminhada,  
 Onde se lembra tudo  
 Da corrida disputada.

Fato é que no final,  
 Vou ficando bem contente  
 E agora estou dizendo:  
 Vamos olhar para frente  
 E almejar as conquistas,  
 Que quero para toda gente.

A caminhada foi bela  
 Por isso que estou aqui,  
 Para assim considerar  
 Estando perto do fim,  
 E dizer a toda gente:  
 O cordel contribui, SIM!

O cordel é ouro puro,  
 Ele é sangue do Nordeste,  
 É cultura popular,  
 É poesia da peste,  
 Em toda rosa dos ventos  
 Caminha e se faz mestre.

Com o cordel viajei  
 E admirei da janela,  
 Vi o cordel no teatro,  
 Vi o cordel sobre tela,  
 Vi o cordel galopando,  
 Montado em cima da sela.

Vi o cordel trabalhando  
 E sempre esteve sorrindo,  
 Vi o cordel no idoso,  
 Vi o cordel no menino  
 Vi no cordel a alegria,  
 De uma bandinha de pífano.

## “NÃO SE ILUDA QUE NADA MUDA SE VOCÊ NÃO MUDAR”

A xilogravura intitulada “Bandinha de Pífano” é de autoria do violeiro, poeta, improvisador e xilogravurista Severino Borges Silva (1919—1991). Estudioso e dotado de expertise, foi considerado um dos maiores improvisadores. Tão prestigiado que era, tinha o repente como uma de suas principais fontes para garantir a sobrevivência de sua família, o que fez de seus cordéis e xilogravuras meios secundários, haja vista seu empenho principal nos repentes. Sua obra foi escolhida para ilustrar a abertura desta seção em virtude de retratar as sempre empolgadas bandinhas de pífano. A alegria desses grupos musicais é semelhante à minha ao chegar na reta final da pesquisa.

Enquanto isso, o verso “não se iluda que nada muda se você não mudar” compõe a canção “Companheiro”, escrita por Naire Paulo Siqueira (1943—atual) e Tibério Gaspar Rodrigues Pereira (1943—2017), e interpretada pela cantora Maria Eugênia (1967—atual). A música em questão foi escolhida no ano de 2009 como tema de abertura na telenovela “Araguaia”. Tal novela marcou minha vida, pois trata de um contexto sertanejo e de lida com animais. Ao assistir novamente essa produção brasileira, ouvi a letra da música e instantaneamente me recordei da pesquisa. O trecho da canção, no âmbito desse estudo, remete a compreendermos que mesmo diante de tantas possibilidades apresentadas no trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI, não podemos nos iludir, pois, absolutamente, nada vai mudar se nós mesmos não mudarmos nossas atitudes, ações e movimentos.

Buscamos<sup>63</sup>, nesta seção, mostrar um panorama geral acerca das discussões tidas ao longo desta investigação, a fim de apresentarmos as conclusões e inquietações do estudo. Para tanto, é necessário recordar a pergunta que gerou esta pesquisa, bem como os objetivos que nos propusemos a alcançar. Ao longo de toda a minha vida acadêmica, especificamente a partir do momento que comecei a trabalhar com a pesquisa científica, desenvolvi, junto ao educador que orienta este estudo, investigações que tinham como foco à literatura de cordel, à aula de Matemática e à EPJAI.

Ao final da graduação, após apresentar um TCC que tratava do mesmo tema central desta pesquisa, mas com um foco diferente, diversas inquietações foram geradas, as quais já foram destacadas na seção de introdução. Fato é que, com base nas constatações feitas com a revisão bibliográfica apresentada na subseção 1.2, o trabalho com a literatura de cordel nas escolas é uma proposta recente e ainda em construção. É possível encontrar no catálogo de teses e dissertações da Capes articulações entre cordel e EPJAI, cordel e Língua Portuguesa, cordel e Geografia, entretanto, não identificamos estudos envolvendo literatura de cordel e Matemática e, por consequência, nada que abordasse sobre cordel, Matemática e EPJAI.

Dessa forma, amparados por uma incipiência de pesquisas, bem como pelo desejo em contribuir para o campo de estudo que trata sobre o ensino de Matemática e a EPJAI — conforme argumentado na subseção 1.4 —, fomos guiados pela seguinte questão de pesquisa: *Qual o potencial do trabalho com a literatura de cordel no ensino de Matemática da EPJAI, considerando sua articulação interdisciplinar e as reflexões de educandos e educador, em uma escola pública da cidade de Mirante/BA?*

Com o intuito de responder à pergunta apresentada anteriormente, o propósito do presente estudo foi o de *investigar o potencial do trabalho com a literatura de cordel no ensino de Matemática da EPJAI, considerando sua articulação interdisciplinar e as reflexões de educandos e educador, em uma escola pública da cidade de Mirante/BA*. Buscando atingir o objetivo geral apresentado, apoiamos-nos em dois específicos, a saber: *identificar possibilidades de articulação interdisciplinar a partir do trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI; analisar as reflexões de educandos e educador acerca do ensino de Matemática a partir do trabalho com a literatura de cordel*. Compreendemos que, ao considerar a articulação interdisciplinar, bem como as reflexões de educandos e educador

---

<sup>63</sup> É comum que as considerações finais sejam escritas na primeira pessoa do singular, entretanto, prefiro empregar a terceira pessoa do plural, pois, compreendo que está pesquisa foi construída com diálogos entre pesquisador, orientador e grupo de pesquisa. Dessa forma, as considerações apresentadas são resultadas de discussões coletivas e torna-se injusto não englobar os envolvidos na fala, mesmo que apenas conjugando o verbo no plural.

acerca do ensino de Matemática, teremos subsídios para apresentar o potencial do trabalho com a literatura de cordel no ensino de Matemática da EPJAI.

Após a produção de dados e com o processo de análise deles, o qual se baseou nos pressupostos da *grounded theory*, foram geradas duas categorias para a discussão junto ao referencial teórico. A primeira categoria foi intitulada “*Pra que dividir?*”: *diálogos que apontam para a interdisciplinaridade no trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI*, enquanto a segunda “*Vou [...] [notando] as aparências/[...] [Destacando] as evidências*”: *Diálogos que apontam para a reflexão acerca do ensino de Matemática a partir do trabalho com a literatura de cordel*.

Na primeira categoria de análise, compreendemos que a proposta de trabalhar com a literatura de cordel na sala de aula oferece aos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem a oportunidade de diálogos que transcendam a barreira de um ensino fragmentado e promova a interdisciplinaridade. Essa perspectiva de trabalho rompe com a concepção de um ensino separado em disciplinas, abordando o conhecimento de maneira ampla e não isolada. A interlocução de diálogos que perpassavam diversas disciplinas evidencia que, ao propor o trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI, estamos, na verdade, dando oportunidade para a produção de discussões comuns as diversas áreas de conhecimento.

Para além disso, percebemos que, ao propor em sala de aula discussões que abarcavam conteúdos vistos em outras disciplinas diferentes de Matemática, oferecemos aos estudantes subsídios para uma formação crítica, possibilitando tanto a eles quanto ao próprio educador o desenvolvimento individual e coletivo. Essa abordagem permite compreender os movimentos, por exemplo, do mercado financeiro, apropriando-se de conhecimentos e desenvolvendo uma Educação Financeira. Tal ação é essencial no ambiente escolar, pois pode proporcionar aos educandos e educadores insumos para conhecer suas realidades e libertar-se das amarras, estruturas e sistemas que os sufocam e aprisionam.

Ainda sobre a primeira categoria de análise, compreendemos que a literatura de cordel oportuniza aos educadores a possibilidade de levar para a sala de aula diversas temáticas que demonstram potencial para a produção de debates. A abrangência de temáticas possíveis tem respaldo na realidade dos estudantes, dos educadores, bem como do próprio meio que os cerca. Dessa forma, para os jovens, adultos e idosos, o cordel oferece um leque de possibilidades que se aproxima do seu dia a dia, o que potencializa a apropriação de conceitos em meio às discussões interdisciplinares e, conseqüentemente, promovendo a transformação coletiva dos envolvidos. Compreendemos que a proposta de levar para a escola um trabalho com a literatura de cordel não se justifica apenas pela afinidade entre a literatura e a realidade dos envolvidos

no processo, mas, principalmente, pelo seu potencial em quebrar com a concepção de ensino fragmentado.

Na segunda categoria de análise, entendemos que as reflexões tidas pelos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem acerca do ensino de Matemática são potencializadas ao propor o trabalho com a literatura de cordel na EPJAI. Ao levar essa proposta de trabalho para sala de aula, identificamos reflexões sobre estereótipos historicamente levados pelos estudantes ao longo dos seus percursos escolares. Nos diálogos apresentados ao longo da categoria, percebemos reflexões que rompem com essas estruturas, o que oportuniza aos estudantes a construção de uma nova visão sobre a Matemática, colocando-a como uma disciplina de grande aplicabilidade e relevância para o seu cotidiano, em detrimento de concepções que associam a Matemática como chata, difícil e complicada.

Notamos o quanto a realidade dos educandos jovens, adultos e idosos adentram na sala de aula e o quanto é importante abordar sobre essas realidades no ambiente escolar. Ao propor reflexões que se aproximam da realidade dos estudantes que frequentam a EPJAI, percebemos que os debates eram potencializados ultrapassando os saberes da temática e chegando em diálogos que abordavam vivências agregadas ao longo da vida pessoal, social e profissional.

Nessa perspectiva, o trabalho com a literatura de cordel nas aulas de Matemática da EPJAI, potencializa reflexões acerca da realidade, das estruturas e dos sistemas que cercam os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, podendo oferecer subsídios para o desenvolvimento da criticidade. Isso culmina em inquietações acerca do meio em que vivem, trabalham, circulam, entre outros aspectos. Tais reflexões despertam o interesse dos educandos de maneira global, sem categorizá-los em faixas etárias, mas agregando todos em torno de uma discussão comum, com vistas ao compartilhamento de informações e à apropriação de conhecimentos. Isso contribui para atribuir às aulas de Matemática a devida relevância e exercício prático.

Por fim, a categoria de análise possibilitou considerar que o trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI apresenta dificuldades. Um dos desafios encontrados foi a dificuldade de leitura e interpretação de textos, o que é apontado por alguns referenciais como algo mais comum do que o ideal em turmas de EPJAI. Além do exposto, consideramos ainda a dificuldade de encontrar cordéis que se alinhem com aquilo que é proposto na aula, destacando a necessidade de incentivar ações como as desenvolvidas pelo projeto “Literatura de Cordel na Aula de Matemática” ao oferecer um acervo de narrativas.

As duas categorias de análise deste estudo buscam alinhar-se aos objetivos específicos que o compõem, pois, a primeira delas trata da interdisciplinaridade, enquanto a segunda aborda

sobre as reflexões apresentadas por educandos e educador acerca do ensino de Matemática. Dessa forma, com as duas categorias, é possível responder à questão de pesquisa, bem como alcançar o objetivo geral dela, pois o intuito é investigar o potencial do trabalho com a literatura de cordel no ensino de Matemática da EPJAI, considerando as temáticas centrais apresentadas nas categorias.

Dessa forma, diante de todo material exposto no presente estudo, compreendemos e destacamos o potencial do trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI. Entendemos que, mesmo diante das dificuldades, a proposta apresentada evidencia um caráter interdisciplinar e promove reflexões tanto de educandos quanto de educadores acerca do ensino de Matemática. As discussões tidas mostram que o trabalho proposto contribui para a formação crítica das pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem, o que faz com que eles se inquietem sobre o meio em que vivem/trabalham, suas realidades individuais e coletivas, entre outras, e busquem a transformação social, pessoal e profissional. Trabalhar com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI é oferecer aos educandos, bem como aos educadores, subsídios para reflexões sociais, profissionais e pessoais, fazendo-os posicionarem-se enquanto agentes de transformação.

Acreditamos que esta investigação contribui para o campo profissional, bem como para a pesquisa científica, pois tem um olhar voltado para uma área de estudos que ainda está de desenvolvimento, a qual consiste em investigações acerca do ensino de Matemática na EPJAI e, para além desta, estudos que articulem a literatura de cordel com a aula de Matemática. Ademais, a presente pesquisa pode subsidiar, em meios às salas de aula da Educação Básica, bem como da graduação e pós-graduação, debates e reflexões sobre a prática de ensino de Matemática — além da própria prática pedagógica de cada educador —, a proposta de intervenções interdisciplinares, o trabalho com a literatura de cordel nas aulas de Matemática e a abordagem a ser feita dentro de turmas da EPJAI para conseguir abarcar um maior número de participantes na aula, haja vista a diversidade de pessoas e especificidades encontradas nas referidas salas de aula.

Por fim, compreendemos que as investigações sobre a proposta central desse estudo não acabam por aqui. O trabalho com cordéis nas aulas de Matemática, tanto da EPJAI quanto das demais modalidades de ensino, constitui-se como um campo de pesquisa em seu início, o que oferece aos atuais e futuros estudantes de graduação e pós-graduação um importante e relevante objeto de estudo. Este trabalho configura-se enquanto uma pequena semente diante do imenso campo de investigação, mas, ao plantá-la, estamos depositando a esperança em professores/pesquisadores que tenham o mesmo desejo: ver a literatura de cordel alçar voos

cada vez mais altos e ocupar espaços ainda não ocupados, tal qual o que identificamos no início deste estudo, a sala de aula de Matemática da EPJAI. Este espaço possui agora uma semente que, em um passado recente, não havia e que, em um futuro próximo, dará muitos frutos.

## “NO NADA [NÃO] NADAMOS”<sup>64</sup>: REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de letras, 1999.

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Diálogos na Educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ARROYO, Miguel González. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2017.

ASSARÉ, Patativa do. **Aqui tem coisa**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará/Multigraf Editora, 1994.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

ASSARÉ, Patativa do. **Patativa do Assaré uma voz do Nordeste**. 3 ed. São Paulo: Hedra, 2000.

BAHIA. **Documento Curricular Referencial da Bahia para Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

BAHIA. Portaria nº 10683, de 27 de novembro de 2014. Trata sobre a organização da matrícula para o ano de 2015. **Diário Oficial do Estado da Bahia: dos Procedimentos de Matrícula**, Salvador, BA: Empresa Gráfica da Bahia, 27 nov. 2014. Disponível em: <https://dool.egba.ba.gov.br/portal/edicoes/download/7156>. Acesso em: 27 mai. 2024.

BAHIA. Portaria nº 8.392, de 4 e 5 de dezembro de 2010. Altera a Portaria nº. 8.110/2010, que dispõe sobre normas, procedimentos e cronograma para a realização de matrículas na Educação Básica na Rede Estadual de Ensino e Conveniados, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Salvador, BA: Empresa Gráfica da Bahia, 4 e 5 dez. 2010. Disponível em: <https://dool.egba.ba.gov.br/portal/edicoes/download/7940>. Acesso em: 27 mai. 2024.

BAHIA. **Proposta Pedagógica do Tempo Juvenil Ensino Fundamental para Estudantes de 15 a 17 anos: versão preliminar**. Salvador, 2013. Disponível em:

---

<sup>64</sup> O verso “No nada [não] nadamos” (Magalhães, 2022, p. 31, inserção nossa) foi extraído do livro “Nada assinado: ninguém” de autoria do escritor brasileiro Rodrigo Magalhães (2005—atual). O autor mencionado nasceu em São Paulo/SP, mas aos 12 anos se mudou para o pequeno município de Mirante/BA, cidade na qual este estudo foi realizado. O motivo da mudança foi o movimento costumeiro em meio as famílias do Nordeste: o regresso à terra de origem. Sua mãe, Marineusa Costa Magalhães, nasceu na cidade de Mirante e mudou-se para São Paulo posteriormente. Mas, após longos anos longe de suas origens, regressou para o berço natal ladeada por dois filhos, um deles o escritor mencionado. Rodrigo se destacou ao longo de seu percurso na Educação Básica como um potencial escritor e aos 17 anos lançou seu primeiro livro, confirmando as expectativas geradas e tornando-se referência artística e literária para os moradores da cidade de Mirante. Como forma de homenagear um artista cuja inspiração brota do mesmo lugar em que montamos nosso campo de pesquisa, a expressão intitula as referências deste estudo com o intuito de evidenciar ao leitor que no nada não nadamos, pois ao longo desta pesquisa caminhamos buscando dialogar com diversos pesquisadores, documentos oficiais, escritores dentre outros.

<http://www.educacao.ba.gov.br/midias/documentos/tempo-juvenil>. Acesso em 09 de mar. 2024.

BATISTA, Michel Corci; GOMES, Ederson Carlos. Diário de campo, gravação em áudio e vídeo e mapas mentais e conceituais. *In*: JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira Magalhães; BATISTA, Michel Corci (org.) **Metodologia da Pesquisa em Educação e Ensino de Ciências**. Maringá: Massoni, 2021, p. 253-275.

BELO, Venúzia. **A literatura de cordel: primeiros passos**. 1 ed. São Luís: UEMAnet, 2021.

BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. 1 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução da CNBB. 11ª Edição. Brasília - DF: Edições CNBB, 2011.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e os métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Decreto Lei nº 13.632/2018 de 06 de março de 2018. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre educação e aprendizagem ao longo da vida. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 2018a. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2018/Lei/L13632.htm#art1](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13632.htm#art1). Acesso em 30 de out. 2023.

BRASIL. Decreto Lei nº 9.394/1996 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em 30 de out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Curricular Comum. Brasília, 2018b. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BRASIL. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental – 5ª a 8ª série**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura (MEC)/Secretaria de Educação Fundamental (SEF), v. 3, 2002.

BRAÚLIO BESSA – UM FAZEDOR DE POESIA. **Bráulio Bessa**, c2018. Disponível em: <https://www.brauliobessa.com/>. Acesso em: 12 de Jan de 2024.

CAMPOS, Adriana Leite. **Literatura de cordel e língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018.

CARNEIRO, Maria Valmirene Oliveira. **A cultura local em sala de aula: o repente como elemento motivacional e identitário para as práticas de letramento**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

CARVALHO, Carla Meira Pires de. **Caminhos trilhados em versos: teatro, cordel e Educação de Jovens e Adultos**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador Biblioteca, 2015.

CARVALHO, Gilmar de. **Xilogravura: os percursos da criação popular**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo (SP), n. 39, p. 143-158, 1995.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Origem da literatura de cordel e sua expressão de cultura nas letras de nosso país**. Biblioteca de cordel, São Paulo: Hedra, 1984.

CHAGAS, Ruthnelle de Oliveira. **Os tempos formativos como proposta de organização curricular da Educação de Jovens e Adultos**: a prática educativa no Colégio Estadual Luiz Soares Padre Palmeiras – Vitória da Conquista. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada**: um guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

COELHO, Mozart Aubert Nascimento. Cultura como ação política: uma análise a partir dos projetos estruturantes da rede estadual de educação da Bahia. **Seminário Interlinhas**, v. 5, n. 2, p. 123-130, 2017.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 1 ed. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

DEBS, Sylvie. Introdução. In: ASSARÉ, Patativa do. **Patativa do Assaré uma voz do Nordeste**. 3 ed. São Paulo: Hedra, 2000.

EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, H. N. **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 119-185.

FARIAS, Keila Souza Góes. **A literatura de cordel em sala de aula: formação de leitores e afirmação identitária**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2020.

FARIAS, Keila Souza Góes; RODRIGUES, Inara de Oliveira. **A literatura de cordel em sala de aula: formação de leitores e afirmação identitária**. E-book VII CONEDU (Conedu em Casa) – v. 02. Campina Grande: Realize Editora, 2021. p. 321-338. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/74240>>. Acesso em: 07 ago. 2024.

FIEL, Mercedes Villar. **Um olhar para o elo entre Educação Matemática e cidadania: a Matemática Financeira sob a perspectiva da Etnomatemática**. 2005. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

FONSÊCA, Alexandre Vítor de Lima; FONSÊCA, Karen Sheron Bezerra. Contribuições da literatura de cordel para o ensino de cartografia. **GEOGRAFIA**, Londrina, v. 17, n. 2, p. 123 – 132, jul./dez. 2008.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. **Educação matemática de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FONTANA, Felipe; ROSA, Marcos Paulo. Observação, questionário, entrevista e grupo focal. In: JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira Magalhães; BATISTA, Michel Corci (org.) **Metodologia da Pesquisa em Educação e Ensino de Ciências**. Maringá: Massoni, 2021, p. 220-252.

- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3ª edição. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2011.
- GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. *In:* ALVES, Nilda; Garcia, Regina Leite (org.). **O sentido da escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 17-41.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco: 1930 – 1950.** 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- GONÇALVES, Paulo César da Silva. **Entre ABC's, glórias, pejejas, encontros e desafios: os significados socioculturais da capoeira pela literatura de cordel em Salvador (BA).** 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.
- GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues; COSTA, Michel da; MELO, Nedilson José Gomes de. Desafios e soluções no ensino da Matemática na EJA. **Revista Científica Multidisciplinar**, v. 4, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/3946>. Acesso em: 25 out. 2024.
- HAURÉLIO, Marco. **Literatura de Cordel: do sertão à sala de aula.** São Paulo: Paulus, 2013.
- HISTÓRIA DA MÚSICA FOGÃO DE LENHA DE CHITÃOZINHO E XORORÓ. **Versos & Prosas**, ©2023. Disponível em: <<https://versoseprosas.com.br/historia-da-musica/historia-da-musica-fogao-de-lenha-de-chitaozinho-e-xororo/>>. Acesso em: 08 de mar de 2024.
- HISTÓRIA DE DISPARADA – MÚSICA DE GERALDO VANDRÉ E THÉO DE BARROS. **Canto da MPB**, ©2020-2022. Disponível em: <<https://cantodampb.com/historia-de-disparada-musica-de-geraldo-vandre-e-theo-de-barros/>>. Acesso em: 11 de set de 2023.
- HOLANDA, Silvana Maria de Lima. **Formação de professores na perspectiva da inclusão: interfaces com a obra do poeta Antônio Francisco.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2019.
- JÚNIOR, Valter Carabetta. Rever, pensar e (re) significar: a importância da reflexão sobre a prática na profissão docente. **Revista brasileira de educação médica**, v. 34, p. 580-586, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/sM7Mj6hRK5bjkJLZqrHzv6q/?lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2024.

LANDIM, Ossian Soares. **De verso em verso se aprende história: uma “História do Crato” a partir da do intelectual Elói Teles de Moraes**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

LIMA, Glauber Pinheiro. **Círculos de cultura e de leitura com o gênero literário cordel na Educação de Jovens e Adultos: dialogicidade, jogos de linguagem e formas de vida**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino) – Universidade Estadual do Ceará, Limoeiro do Norte, 2023.

LITERATURA DE CORDEL GANHA TÍTULO DE PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)**, c2014. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acesso em: 05 de out de 2023.

LOPES, José de Ribamar. (Org.) **Literatura de Cordel**. Antologia. 3<sup>a</sup>. Ed. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1994.

LUCINDO, Nilzilene Imaculada. Os impasses e desafios dos professores da EJA: um estudo da modalidade em uma escola do interior de Minas Gerais. **Revista Encontro de Pesquisa em Educação**, Uberaba, v. 1, p. 206-220, 2013. Disponível em: <https://revistas.uniube.br/index.php/anais/article/view/684>. Acesso em: 05 nov. 2024.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MACIEL, Mariana de Vargas. A importância do ensino da matemática na formação do cidadão. **Revista da Graduação**, [S. l.], v. 2, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/graduacao/article/view/6058>. Acesso em: 18 abr. 2024.

MAGALHÃES, Rodrigo. **Nada: assinado: ninguém**. Juiz de fora: Perensin, 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **Língua, linguística e literatura**, João Pessoa, v. 1, n.1, p. 9-40, 2003.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo. Cortex. 2012.

MARQUES, Francisco Cláudio Alves; SILVA, Esequiel Gomes da. A Literatura de Cordel Brasileira: Poesia, História e Resistência. In: FERREIRA, E. A. R.; MARQUES, F. C. A.; BULHÕES, R. M. (org.). **Literatura de Cordel Contemporânea: voz, memória e formação de leitor**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2020. p. 21-48.

MEDEIROS, Maria Aparecida Fernandes. **O cordel no letramento literário da Educação de Jovens e Adultos**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015.

MELO, July Rianna de. **A consciência metatextual do gênero discursivo cordel: entre o saber e o fazer poético, com a palavra, os cordelistas**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2017.

MELO, July Rianna de; SILVA, Alexsandro da; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. O gênero discursivo cordel: com a palavra, os cordelistas. In: FERREIRA, Eliane Ap. Galvão Ribeiro et al. **Literatura de cordel contemporânea: voz, memória e formação de leitor**. Campinas: Mercado de Letras, 2020. Cap. 2. p. 22-48.

MIRANDA, Marilene Sacramento. **Formação leitora de estudantes da EJA por meio da literatura de cordel**. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

NEVES, Francisco Paiva das. **Educação e sociedade no cordel: o lugar social da mulher em obras de Leandro Gomes de Barros e José Camelo de Melo Rezende**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

NUNES, Ozeas da Silva. **Inspiração Nordestina: uma leitura teológica na poética de Patativa do Assaré na ponte do diálogo entre teologia e literatura**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de; OLIVEIRA, Vânia Fortes de; FABRÍCIO, Laura Elise de Oliveira. O oral e a fotografia na pesquisa qualitativa. In: ABRAHÃO, Maria Helena Barreto (org.). **A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.163-180.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 18. ed. rev. e ampl. Campinas: Papirus, 2016.

PAIXAO, Fernando da. **A literatura de cordel como patrimônio cultural imaterial brasileiro na formação estética de docentes**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022.

PEREIRA, Albert Fagner de Aguiar. **A literatura de cordel no ensino de história: usos e possibilidades**. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares). Universidade de Pernambuco, Petrolina, 2022.

PEREIRA, José Tiago Marinho. **A formação de leitores na EJA: o letramento literário a partir do cordel**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015.

PINHEIRO, Eliana Moreira; KAKEHASHI, Tereza Yoshiko; ANGELO, Margareth. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 13, n. 5, p. 717-722, 2005.

PRIGOL, Edna Liz; BEHRENS, Marilda Aparecida. Teoria Fundamentada: metodologia aplicada na pesquisa em educação. **Educação & Realidade**, v. 44, p. 1-20, 2019.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 164ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2024.

SANTOS, Evyllaine Matias Veloso Ferreira. **O ensino de Geografia mediado por folhetos de cordel: identidade e memória cultural**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

SANTOS, Glaucia Marcile de Oliveira. **Poema narrativo e texto de cordel em livro didático: discussões sobre o uso da linguagem em uma perspectiva sócio-discursiva**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2022.

SANTOS, Guilherme Celestino Souza; ANDRADE, Elizete Oliveira de. A dimensão reflexiva do educador. **Anais IX CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/97957>. Acesso em: 28 out. 2024.

SANTOS, Jabson Costa. O trabalho com os textos de cordel na aula de Matemática da EPJAI. In: XXVII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática, 2023. Disponível em: <http://www.sbemrasil.org.br/eventos/index.php/EBRAPEM/EBRAPEM027/schedConf/presentations>. Acesso em: 28 out. 2023.

SANTOS, Jabson Costa; SILVA, Jonson Ney Dias da Silva. **AS POTENCIALIDADES DO TRABALHO COM TEXTO DE CORDEL NA AULA DE MATEMÁTICA DA EPJAI**. In: I Simpósio Internacional de Pesquisa e Ensino - Online, 2023. Disponível em: [AS POTENCIALIDADES DO TRABALHO COM TEXTO DE CORDEL NA AULA DE MATEMÁTICA DA EPJAI | Doity](#) . Acesso em: 20 out. 2023.

SANTOS, Jabson Costa; SILVA, Jonson Ney Dias da Silva. Contribuições da Literatura de Cordel no Trabalho com Conteúdos Matemáticos na EJA. In: Anais do Encontro Pernambucano de Educação Matemática. **Anais...Caruaru (PE) Web conferência**, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/VIIIPEM/455282-CONTRIBUICOES-DA-LITERATURADE-CORDEL-NO-TRABALHO-COM-CONTEUDOS-MATEMATICOS-NA-EJA>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SANTOS, Jabson Costa; SILVA, Jonson Ney Dias da; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. A Educação com Pessoas Jovens, Adultas e idosas (Epjai), a Matemática e o Cordel: a história de um encontro. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, nº 4, 6 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/4/a-educacao-com-pessoas-jovens-adultas-e-idosas-epjai-a-matematica-e-o-cordel-a-historia-de-um-encontro>. Acesso em: 08 abr. 2024.

SANTOS, Lays Antonnyeta Luna. **Percepções de professoras da educação infantil sobre a literatura de cordel: desafios e possibilidades para as práticas pedagógicas**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2021.

SANTOS, Rhanes Souza Alves. **Rompendo silêncios: sujeitos negros e o Currículo no Ensino de História do município de Mirante – Bahia**. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022.

SANTOS, Vinício de Macedo. A matemática escolar, o aluno e o professor: paradoxos aparentes e polarizações em discussão. **Cadernos Cedex**, v. 28, p. 25-38, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/8CJ4rMnNFCNwnLPhQZYWJXs/?lang=pt>. Acesso em: 05 nov. 2024.

SILVA, Amanda Ribeiro da. **Entre versos e violas: história e memória do Projeto Cordel nas Escolas (1990-2007)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Do Piauí, Teresina, 2016.

SILVA, Eduardo Bezerra de Menezes Macedo. **Um estudo onto-histórico do cordel brasileiro – gênese e função social**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022.

SILVA, Gabriela Jade Novais da; SILVA, Jonson Ney Dias da. Educação Financeira: um olhar para a abordagem matemática na EPJAI. **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, v. 14, n. 2, p. 1-17, 12 jul. 2024.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Brizolão para Brizocão**. Rio de Janeiro: ABLC, 1988.

SILVA, Jonson Ney Dias da. **Tecnologias Digitais na Educação Matemática com Jovens e Adultos: um olhar para o CIEJA/Campo Limpo**. 2020. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2020.

SILVA, Jonson Ney Dias da. Trabalhando Literatura de Cordel na Educação Matemática com Jovens e Adultos. In: CARDOSO, N. de S. (Org.) *et al.* **Nós passarinhos, eles passarão: formação docente em ação**. 21 ed. Campina Grande: Realize, 2022, p. 796-811.

SILVA, Jonson Ney Dias da; FARIAS, Gerson dos Santos; ALVES, Samuel Dias; SILVA, Taíde Régis. Entre histórias, rimas, prosas e cordéis: Movimentos do Grupo de Articulação, Investigação e Pesquisa em Educação Matemática. **Com a Palavra, o Professor**, v. 8, n. 20, p. 170–183, 2023. Disponível em: <http://revista.geem.mat.br/index.php/PPP/article/view/909>. Acesso em: 02 out. 2023.

SILVA, Josineide Ribeiro da. **Educação estético-ambiental: a literatura de cordel como prática docente no curso PROCORDEL**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2020.

SILVA, Nuno Miranda. Grounded theory para iniciantes: Contributo para a investigação em educação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 52, p. 1-18, 2022.

SILVA, Rodrigo dos Santos Dantas da. O cordel na BNCC e sua ausência nos anos finais do Ensino Fundamental. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, nº 14, 19 de abril de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/14/o-cordel-na-bncc-e-sua-ausencia-nos-anos-finais-do-ensino-fundamental>. Acesso em: 12 de jan. 2024.

SILVA, Rodrigo Nunes da. **Folhetos de cordel no letramento escolar: a aula de leitura revisitada**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

SILVA, Sérgio Ricardo Santos da. **O cordel pilando (re) elaborações de valores comunais e perspectivas de educar: a Pedagogia da Onça**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

SOARES, Sarah Tuyani Araújo; MODESTO, João Gabriel. Persuasão e emoções: fraudes ao consumidor na Black Friday Brasil. **Ciências Psicológicas**, Montevideu, v. 16, n. 2, e2339,

dez. 2022. Disponível em: [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?pid=S1688-42212022000201213&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?pid=S1688-42212022000201213&script=sci_arttext). Acesso em: 12 mai. 2024.

SOBRAL, Dejanio Tavares. Reflexão na aprendizagem: análise dos estudantes de um curso de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 26, p. 05-12, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/XPkQvJDR76mMZmnHRXCXgck/#>. Acesso em: 28 out. 2024.

SOUSA, Celia Camelo de. **História, memória e educação da Academia dos Cordelistas do Crato (1991-2016)**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Do Ceará, Fortaleza, 2018.

SOUSA, Gilvan dos Santos. **Literatura de cordel e educação de jovens e adultos: a cultura popular na perspectiva de valorização dos saberes dos educandos**, 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

SOUZA, Sonia Maria da Fonseca; LUQUETTI, Eliana Crispim França; MUNIZ, Vyvian França Souza Gomes. O ensino de Língua Inglesa na perspectiva interdisciplinar: abrindo caminhos para cidadania. *In: Congresso Internacional de Linguística e Filologia e Congresso Nacional de Linguística e Filologia – II CILF e XX CNLF*, Rio de Janeiro, 2016. **Cadernos do CNLF, vol. XX, nº 03 – Ensino de língua e literatura**, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 250-263. Disponível em: [http://filologia.org.br/xx\\_cnlf/cnlf/cnlf\\_03/\\_CNLF\\_XX\\_03.pdf](http://filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_03/_CNLF_XX_03.pdf). Acesso em: 12 mai. 2024.

TERRADAS, Rodrigo Donizete. A importância da interdisciplinaridade na educação matemática. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 16, n. 2, p. 95-114, 2011.

TRIGUEIRO, Ana Nonato; SANTOS, Rodiney Marcelo Braga dos. Estudos dos sólidos geométricos por meio do gênero literário popular “cordel”: uma abordagem interdisciplinar nas aulas de matemática. *In: XV CONFERÊNCIA INTERAMERICANA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA*, 2019, Medellín. **XV CIAEM**, 2019.

VIANA, Arievaldo; MONTEIRO, Manoel. **Viagem à baixa da égua: país onde macaxeira grande é supositório**. Caucaia: Tupynanquim; Campo Grande: Gráfica Martins, 2001.

## APÊNDICES

### Apêndice A – Cordel desconto de fim de ano

Já beirando o fim de ano  
 No tempo de festejar  
 Maria saiu de casa  
 Querendo roupa comprar  
 Passava em toda loja  
 Mas, nem aqui nem acolá

Maria é moça esperta  
 E já vinha pesquisando  
 Mas, o preço estava alto  
 Pois já era fim de ano  
 Além da roupa surrada  
 Do povo ficar provando

As roupas não eram boas  
 O preço estava salgado  
 Não tinha o seu tamanho  
 O atendimento fraco  
 Fato é que pra Maria  
 Não estava nada fácil

Já cansada, desatenta  
 Viu em sua direção  
 Uma placa estampada  
 Escrita com perfeição:  
 "*Brack Friday* fim de ano  
 Aproveite o descontão"

O olho mostrou um brilho  
 Afinal, diga a verdade,  
 Comprar roupa já é bom  
 E com desconto é raridade  
 Ainda mais no fim do ano  
 Em uma pequena cidade

Embrenhou-se porta a dentro  
 Encontrando linda roupa  
 Estava feliz da vida  
 Com um sorriso na boca  
 Mas, o pobre é sofredor  
 E tem alegria pouca

Já pronta para pagar  
 Com a carteira em sua mão  
 Perguntou qual o valor  
 E quase caiu no chão

Retrucando prontamente:  
Mas, cadê o descontão?

Mês passado a mesma roupa  
Estava ali pendurada  
Custava duzentos contos  
E não vendia por nada  
Para agora com o desconto  
A roupa ficar mais cara?

Não consigo entender  
Cadê esse descontão?  
Isso não me cheira bem  
Tem cara de enganação  
E eu posso até ser pobre  
Mas, eu não sou tonta não

40% de desconto  
Duzentos e dez eu pago  
Sendo que a pouco tempo  
Estava ali estampado  
E ninguém ousou comprar  
Pois, estava achando caro

O vendedor lhe respondeu  
Todo desarticulado:  
Espere aí, Maria  
Tudo será ajeitado.  
Tentando assim não deixar  
O povo desconfiado

Maria já chateada  
Com o que ele tinha feito  
Disse logo ao vendedor:  
Não ajeita, não tem jeito!  
Saindo daqui agora  
Vou procurar meu direito

E para além disso tudo  
Vou comprar noutra lugar  
Vou na cidade vizinha  
Vou procurar e achar  
E uma roupa bonita  
Nessa festa vou usar

O vendedor respondeu:  
Maria, larga de arte  
Comprando aqui é melhor  
Pois, não vai pagar passagem.  
Você trabalha, não tem tempo.

Fora o desgaste da viagem?

Maria disse: Não me importo!  
No final é até melhor!  
Pois, lá encontro mais roupa  
E aqui tem uma só  
Além da variedade  
O preço é até menor.

O vendedor conhecendo  
O erro que cometeu  
Recolheu aquela roupa  
À Maria disse: Adeus!  
Verifique melhor preço  
Se é o deles ou o meu.

Maria ali não comprou  
Fez assim o seu protesto  
O vendedor não vendeu  
O lugar ficou aberto  
E a pergunta é a seguinte:  
Afinal, quem está certo?

## **Apêndice B – Plano de aula do cordel “Desconto de fim de ano”**

### **Conteúdos envolvidos na Matemática:**

- Operações básicas;
- Matemática Financeira:
  - Porcentagem;
  - Descontos simples.

### **Relações com outras áreas de conhecimento:**

- Língua Portuguesa: Gêneros textuais, estrutura e composição do cordel, leitura e interpretação de texto;
- Geografia: Diferenciação de valores entre cidades de pequeno, médio e grande porte;
- História: Significado histórico de palavras estrangeiras utilizadas no Brasil;
- Mercado financeiro: Conhecimento sobre movimentos feitos pelo mercado financeiro para obter maiores lucros.

### **Possíveis momentos para o desenvolvimento da aula:**

Primeiro dia:

- 1º Momento: Divisão da turma em grupos (critério de divisão do professor);
- 2ª Momento: Leitura individual do texto de cordel, seguida de uma leitura coletiva para melhor entendimento do texto e desenvolver das reflexões;
- 3º Momento: Análise crítica do enredo, buscando identificar pontos para se gerar discussões em torno da temática envolvida, bem como articular a narrativa com a realidade dos sujeitos presentes, além de buscar envolver as demais áreas de conhecimento nas discussões;
  - Dica: Olhar as interações 1, 2 e 3 como possíveis disparadoras de diálogos;
- 4º Momento: Reunião em grupo para se dialogar em busca de respostas para a pergunta final: Qual dos personagens está certo, Maria ou o vendedor?
  - Dica: A interação 4 pode ser articulada junto a procura pela resposta para o cordel.
- 5º Momento: Diálogos em grupo;

Segundo dia:

- 6º Momento: Diálogos em grupo;
- 7º Momento: Socialização do que se construiu em grupo;
- 8º Momento: Formalizar coletivamente os conceitos trabalhados na aula, debater acerca da atividade proposta e encerramento da aula.

### **Interações – Questões que podem ser trabalhadas no 3º momento**

**Interação 1:** Um possível diálogo que pode ser estimulado é o que gira em torno da palavra “*Brack Friday*”. Para tanto, o professor pode se inspirar, bem como utilizar os seguintes questionamentos:

*“ Você já ouviu essa palavra? Quando tem essa palavra em uma loja, qual o significado que você atribui a ela? Você sabe o significado histórico do termo, ou seja, de onde vem a palavra Brack Friday? Você já participou de uma Brack Friday em sua cidade? De acordo com sua experiência, a Brack Friday acompanha o significado histórico dela ou é um momento em que os varejistas enganam os consumidores desatentos? Quais são os conteúdos matemáticos que podemos utilizar para compreender um pouco mais sobre os preços no tempo da Brack Friday? ”*

**Interação 2:** Na 10ª estrofe do cordel, o poeta escreve que:

40% de desconto  
Duzentos e dez eu pago  
Sendo que a pouco tempo  
Estava ali estampado  
E ninguém ousou comprar  
Pois, estava achando caro

Observando os dois primeiros versos é possível notar que, com 40% de desconto, Maria ainda pagará R\$210,00.

- Quanto Maria pagaria se a roupa não estivesse na *Brack Friday*?
- Qual o valor do desconto em R\$?
- O desconto foi bom ou ruim? Por que?
- Quanto reais o vendedor aumentou às vésperas da *Brack Friday*? De quantos por cento foi o aumento?

**Interação 3:** Que tal olharmos para os nossos direitos? A personagem Maria, quando percebeu o que o vendedor fez, disse que ia procurar seus direitos. O vendedor ficou muito preocupado com o fato da consumidora ter percebido.

*“ Que direito seria esse que Maria citou? Qual conjunto de normas ela poderia olhar para saber mais sobre os seus direitos? Qual artigo fala sobre a irregularidade relatada no cordel? ”*

Link para o professor ter acesso ao Código de Defesa do Consumidor no site da casa civil:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8078compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8078compilado.htm)

Dica: Nesta aula, o professor pode se embasar no Art. 67 para gerar discussões articulando com o movimento feito pelo vendedor às vésperas na *Brack Friday*. Fique de olho:

*Art. 67. Fazer ou promover publicidade que sabe ou deveria saber ser enganosa ou abusiva:*

*Pena: Detenção de três meses a um ano e multa.*

**Interação 4:** Em um contexto geográfico, qual a influência de uma cidade maior sobre uma cidade menor no que diz respeito aos descontos e preços finais dos produtos. Compensa sair de uma cidade pequena para ir até uma cidade de médio/grande porte comprar uma roupa para usar no fim de ano? Dica: busque articular essa discussão com a realidade concreta dos educandos. Por exemplo, utilizando a maior cidade mais próxima como parâmetro do diálogo.

## Apêndice C – Roteiro das entrevistas

### UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

#### Roteiro de Entrevista do Aluno

1. Nome:
2. Sexo:
3. Idade:
4. Profissão atualmente e ao longo da vida:
5. Por que está frequentando a EPJAI?
6. Quais os motivos que fizeram você abandonar ou não ter acesso à escola?
7. Qual seu objetivo ao retornar à escola?
8. O que você acha do ensino de Matemática na EPJAI?
9. Você percebe alguma relação do ensino de Matemática com suas práticas no dia a dia?  
Que relação é essa?
10. Observando a atividade realizada, para o seu grupo, qual dos personagens do cordel está correto?
  - a. Você esteve de acordo com as decisões do seu grupo?
  - b. Quais argumentos VOCÊ utilizou para embasar o seu posicionamento no grupo?
  - c. Por que você acredita que o personagem X está correto?
  - d. Quais argumentos foram utilizados por você e pelo seu grupo para se posicionarem?
11. Quais discussões vocês tiveram no grupo?
12. Como você vê o trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática? Por que?
13. Como acredita que a literatura de cordel contribuiu com a aula? Quais foram as possibilidades que ela trouxe?

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E**  
**FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Roteiro de Entrevista do Professor

1. Nome:
2. Sexo:
3. Idade:
4. Formação:
5. Leciona a quanto tempo? E na EPJAI?
6. Por que decidiu lecionar na EPJAI?
7. Quais disciplinas leciona na EPJAI?
8. Como você compreende a EPJAI? E a aula de Matemática nessa modalidade?
9. Descreva o perfil do seu educando da EPJAI.
  - a. Em que trabalham?
  - b. O que eles buscam na escola?
  - c. Onde moram?
  - d. Como fazem para chegar até ela?
10. Você conhecia a literatura de cordel antes da aula? Qual o seu contato com essa literatura?
11. Você já trabalhou com a literatura de cordel na aula de Matemática? Já imaginou interligá-los? Por que?
12. Como você visualizou o trabalho com a literatura de cordel na aula de Matemática? Por que?
13. Ao seu ver, quais discussões a literatura de cordel possibilitou na aula?
14. Que tipo de discussões foram notadas ao longo da aula? Quais delas estão articuladas com a vida dos educandos?
15. Na socialização dos grupos, cada um deles externou seus posicionamentos acerca de qual dos personagens estaria certo.
  - a. O que o você pensa desses posicionamentos?
  - b. Os argumentos utilizados por eles foram suficientes para você?
  - c. Ao longo das discussões em grupo, o que você percebeu?
16. Em que você acredita que a literatura de cordel ajudou?
17. Você encontrou dificuldades no trabalho com o cordel na aula de Matemática? Quais foram? O que você pensa que causou essas dificuldades?
18. Você poderia falar um pouco sobre a articulação entre literatura de cordel, ensino de Matemática e EPJAI?
  - a. O quanto o cordel estava próximo dos educandos e em que isso agrega a aula?
19. Como essa experiência, você considera possível trabalhar com a literatura de cordel na aula de Matemática da EPJAI? Por que?